

UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ

JULIANA SIMÕES BOLFE

**O APARATO COMUNICACIONAL MUDIÁTICO-RELIGIOSO:
EVANGELIZAÇÃO CATÓLICA NA CULTURA DIGITAL**

**CURITIBA
2022**

JULIANA SIMÕES BOLFE

**O APARATO COMUNICACIONAL MIDIÁTICO-RELIGIOSO:
EVANGELIZAÇÃO CATÓLICA NA CULTURA DIGITAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu*, da Universidade Tuiuti do Paraná, como requisito para obtenção do título de Doutora em Comunicação & Linguagens, na área de concentração: Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais.

Professor Orientador: Dr. Geraldo Magela Pieroni.

CURITIBA
2022

Dados Internacionais de Catalogação na fonte
Biblioteca "Sydney Antonio Rangel Santos"
Universidade Tuiuti do Paraná

B687 Bolfe, Juliana Simões.

O aparato comunicacional midiático-religioso: evangelização
católica na cultura digital / Juliana Simões Bolfe; orientador
Prof. Dr. Geraldo Magela Pieroni.

152f.

Tese (Doutorado) – Universidade Tuiuti do Paraná Curitiba,
2022

1. Cultura. 2. Ressignificação. 3. Igreja católica. 4. Meios
digitais. 5. Click to pray. I. Tese (Doutorado) – Programa de
Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens /Doutorado em
Comunicação e Linguagens. II. Título.

CDD – 302.234

BOLFE, Juliana Simões.

Tese apresentada à Universidade Tuiuti do Paraná para obtenção do
Título de Doutora em Comunicação & Linguagens

Linha de Pesquisa: Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais

Qualificada em: 07 de dezembro de 2021.

Defendida em: 06 de julho de 2022.

Banca Examinadora (titulares)

Prof. **Dr. Geraldo Magela Pieroni** – Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)
Professor Orientador

Prof^a. **Dra. Mônica Fort** – Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)
Professora Convidada do Programa

Prof^a. **Dra. Caroline Cavalcante de Oliveira** -Centro Universitário (FAE)
Professora Convidada Externa

Prof^o Dr. Edgard César Melech - Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO)
Professor Convidado Externo

Professor Dr. Alexandre Martins - Centro Universitário Santa Cruz(UNISANTACRUZ)
Professor Convidado Externo

Banca Examinadora (Suplentes)

Prof. **Dr. Carlos Eduardo Marquioni** - Professor Convidado Externo

Prof^a. **Dra. Sandra Fischer** – PPGCOM/UTP

JULIANA SIMÕES BOLFE

TERMO DE APROVAÇÃO

**O APARATO COMUNICACIONAL MIDIÁTICO-RELIGIOSO:
EVANGELIZAÇÃO CATÓLICA NA CULTURA DIGITAL.**

Esta tese foi julgada e aprovada para a obtenção do
título de Doutora em Comunicação & Linguagens,
na Linha de Pesquisa: Processos Mediáticos e Práticas Comunicacionais,
do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* da Universidade Tuiuti do Paraná.

Curitiba, 6 de julho de 2022.

Orientador: Prof. **Dr. Geraldo Magela Pieroni.**
Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu*
Universidade Tuiuti do Paraná

Dedicatória

Dedico este trabalho, primeiramente aos meus pais Claudio e Celyna responsáveis pela minha formação católica baseada em princípios de respeito e fé. Dedico também ao meu esposo Adriano e às minhas filhas Nicole e Rafaela que sempre questionaram os dogmas católicos, mas aceitaram receber os sacramentos da Eucaristia e da Crisma.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me deu força e coragem para não desistir deste sonho. Muitas vezes minha fé fraquejou por não acreditar que eu seria capaz.

Agradeço ao meu marido Adriano pela compreensão nos momentos de ausência e desespero, sempre ao meu lado, não permitindo que eu desistisse.

*Às minhas filhas Nicole e Rafaela às quais jamais quero decepcionar, pedindo desculpas quando nesses 4 anos de estudo fui impaciente e intolerante em momentos que precisavam do meu apoio materno e sempre estiveram comigo dizendo:
“Calma, Mãe, tudo vai dar certo!”*

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Geraldo Pieroni que, além de seu conhecimento acadêmico também se mostrou um ser humano iluminado e inspirador.

Agradeço imensamente as pertinentes contribuições dos professores avaliadores da Qualificação Prof. Dr. Alexandre Martins, Prof^a. Dra. Caroline Cavalcante de Oliveira, Prof. Dr. Edgard César Melech e Prof^a Dra. Mônica Fort.

À minha amiga Juliana Souza que o Doutorado me deu de presente e que, juntas rimos, aprendemos, sofremos e principalmente, perseveramos, sendo suporte uma para a outra.

RESUMO

O processo de comunicação neste século XXI exige adentramento no conhecimento e autonomia do sujeito visto que novas tecnologias promoveram mudanças profundas na dinâmica comunicacional. Diante dessa nova ambiência, apresenta-se nesta tese a fisionomia da Igreja católica enquanto instituição cultural que acompanha o processo de inovação e ressignificação de seu modelo comunicacional religioso. Evangelização e inculturação da fé caminham juntas e novas plataformas digitais surgem neste intuito evangelizador. Dentre elas está o *app Click to pray*. Desta premissa, questiona-se: **Como acontece a interação entre a fé católica na sociedade contemporânea a partir da tecnologia digital mediada pelo aplicativo *Click to pray*?** Este estudo teve como objetivos os seguintes componentes: trazer discussões teóricas do termo cultura, especificamente, a cultura religiosa no âmbito das Ciências Humanas e Sociais para fundamentar a hipótese a respeito do processo de aculturação; analisar os desafios discursivos/comunicacionais encontrados pela Igreja para a inculturação da fé com a utilização dos meios digitais; comparar o processo de catequização tradicional com o aparato evangelizador interativo. Para que tais intentos fossem desenvolvidos, o estudo foi realizado a partir de pesquisas bibliográficas em Geertz (2017), Williams (2011) e Eagleton (2011), que abordam o conceito de 'cultura', bem como alertam sobre a dificuldade em conferir-lhe uma definição unívoca, pois é imprescindível que esta esteja situada em alguma conjuntura. Os estudos de Cucho (1999) refletem a respeito das diferentes interpretações do termo "aculturação" elucidando que este está vinculado a uma modificação, a um arranjo do modo de viver de um indivíduo que, 'sai' da sua cultura de origem e se 'adequa' aos costumes de uma outra cultura. Para refletir sobre a construção do processo de significação e de ressignificação nos documentos religiosos, dentre eles: as Passagens Bíblicas (Parábolas) e as Encíclicas e as Exortações, os estudos dos linguistas de Martelotta e Palomares (2008) propuseram que, a significação e ressignificação de ações são negociadas entre os sujeitos envolvidos e dependem dos interesses que estão em evidência. Em seguida, para enraizar-se no 'processo catequético da Igreja' e baseando-se nos estudos de Alberigo (2020) e Bellito (2016), fez-se um levantamento dos "21 Concílios" realizados pela Igreja Católica, apontando as metas dessas assembleias em diferentes momentos da história da humanidade. Em outro momento, refletiu-se, sobre o 'processo evangelizador' no século XXI em que o autor Sbarbelotto (2017) evidencia que, para o avanço da midiatização em suas singularidades digitais, a Igreja necessita se adequar à "Reforma Digital".¹. As pesquisas de Mcquail (2013), Jenkins (2009), Castells (2017) e Hjarvard (2015) trazem reflexões a respeito do processo de comunicação, mediação e midiatização no ambiente digital, os quais são aplicados na 'cultura religiosa midiática'. Com esta tese, constatou-se que há interação entre fiéis e a Igreja a partir da tecnologia digital mediada pelo aplicativo *Click to pray*, porém a interação não ocorre automaticamente, mas é constantemente construída e atualizada pela ação comunicacional da Instituição e sujeitos, que procuram a plataforma.

Palavras-Chave: Cultura. Ressignificação. Igreja Católica. Meios Digitais. *Click to pray*.

1 Termo empregado por Drescher (2011).

ABSTRACT

The communication process in this 21st century requires knowledge and autonomy of the subject, as new technologies have promoted profound changes in communication dynamics. In view of this new environment, the thesis is that the Church, as a cultural institution, accompanies the process of innovation and resignification of its religious communication model, so that the evangelization and inculturation of the faith can be carried out using digital platforms, including the Click to pray app. From this premise, the question is: How does the interaction between the Catholic faith in contemporary society take place through digital technology mediated by the Click to pray application? The present study aimed to: bring theoretical discussions of the term culture, specifically religious culture within the Human and Social Sciences, to support the hypothesis about the acculturation process; to analyze the discursive/communicational challenges encountered by the Church for the inculturation of the faith with the use of digital media; and to compare the traditional catechization process with the interactive evangelizing apparatus. For such objectives to be developed, the study was carried out based on bibliographic research in Geertz (2017), Williams (2011) and Eagleton (2011), which address the concept of 'culture', as well as warn about the difficulty in conferring it. A univocal definition, as it is essential that it is situated in some context. Cuche's studies (1999) reflect the different interpretations of the term "acculturation", elucidating that it is linked to a modification, to an arrangement of the way of life of an individual who 'leaves' his culture of origin and suited to the customs of another culture. To reflect on the construction of the process of signification and resignification in religious documents, among them: the Biblical Passages (Parables) and the Encyclicals and the Exhortations, the studies of the linguists of Martelotta and Palomares (2008) proposed that, the signification and resignification of shares are negotiated between the subjects involved and depend on the interests that are in evidence. Following, to deepen the 'catechetical process of the Church' and based on the studies of Alberigo (2020) and Bellito (2016), a survey was made of the "21 Councils" held by the Catholic Church, pointing out the objectives of these assemblies at different times in human history. In another moment, it was reflected on the 'evangelizing process' in the 21st century in which the author Sbarbelotto (2017) shows that, for the advancement of mediatization in its digital singularities, the Church needs to adapt to the "Digital Reform"². Research by Mcquail (2013), Jenkins (2009), Castells (2017) and Hjarvard (2015) bring reflections on the process of communication, mediation and mediatization in the digital environment, which are applied in the 'media religious culture. With this research, it was found: that there is interaction between the faithful and the Church from digital technology mediated by the Click to pray application, but the interaction does not occur automatically, but is built and maintained by the communicational action of the Institution and subjects.

Keywords: Culture. Re-signification. Catholic church. Digital Media. Click to pray.

² Term used by Drescher (2011).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – TRANSVERSALIDADE DO CONCEITO DE CULTURA	21
1.1 A inter-relação da palavra cultura e os afixos –a, –in, –ção	29
CAPÍTULO II – INCULTURAÇÃO E IGREJA CATÓLICA ROMANA	33
2.1 A formação simbólica da cultura religiosa: <i>as parable</i>	33
2.2 A cultura no/do Evangelho vivenciada nos séculos XX e XXI (significação/ressignificação)	38
CAPÍTULO III – O PROCESSO CATEQUÉTICO E EVANGELIZADOR	55
3.1 Concílios da Idade Moderna e a inculturação da fé	55
3.2 Comunicação de massa	75
3.3 Miatização e Igreja Católica	78
3.4 Institucionalização das novas mídias	83
3.5 Novas Mídias – internet e telefone	85
CAPÍTULO IV – CLICK TO PRAY: DA TRANSMISSÃO DA FÉ PARA UM MODELO DE INTERATIVIDADE	91
4.1 Origem da Plataforma: CLICK TO PRAY	91
4.2 A Plataforma <i>CLICK TO PRAY 2.0 (BETA)</i> ressignificada	94
4.2.1 Conhecendo o novo <i>layout</i> do aplicativo <i>CLICK TO PRAY 2.0 (BETA)</i>	95
4.2.2 Análise	111
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	123
ANEXOS	135

INTRODUÇÃO

Na realidade, a vida cristã é um caminho, uma peregrinação. A história bíblica é, toda ela, um caminho, marcado por começos e recomeços; como sucedeu com Abraão; como sucedeu com quantos na Galileia, dois mil anos atrás, se puseram a caminho para seguir Jesus: «E, depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus» (Lc 5, 11). Desde então, a história do povo de Deus – a história da Igreja – está sempre marcada por partidas, deslocações, mudanças. Obviamente trata-se, não tanto de um caminho puramente geográfico, como sobretudo simbólico: é um convite a descobrir o movimento do coração que, paradoxalmente, tem necessidade de partir para poder permanecer, de mudar para poder ser fiel.[8] (PAPA FRANCISCO, 2019)

A epígrafe introdutória desta tese refere-se ao ‘Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana’, na apresentação aos Bispos dos votos natalícios, em dezembro de 2019. Na ocasião, o Pontífice teceu considerações a respeito da trajetória da Igreja em diferentes momentos da História, ressaltando a necessidade de sempre ressignificar-se, pois, segundo ele, a vida cristã religiosa é uma eterna peregrinação. Assim sendo, a Igreja transita por diferentes caminhos não restritos a espaços geográficos, mas também a espaços simbólicos e virtuais.

Três meses após seu discurso, precisamente em 31 de dezembro de 2019, a ‘Organização Mundial da Saúde’ (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que nunca havia sido identificada em seres humanos. No ano de 2020, o mundo é vitimizado pela Pandemia do novo coronavírus. Sendo assim, muitos países tomaram medidas restritivas para tentar conter o contágio, mas, infelizmente, até novembro de 2021, de acordo com Antônio Guterrez, secretário-geral da ONU, cinco milhões de pessoas já haviam morrido de Covid 19 no mundo (ONU NEWS, 2021).

Dentre as medidas restritivas tomadas pelos países, estava o ‘distanciamento social’ e com isso foi decretado o ‘fechamento temporário de muitas instituições’, dentre elas, igrejas e templos religiosos. Diante da impossibilidade da participação física dos fiéis nas celebrações, a Igreja passa a ressignificar seus ritos já transmitidos pelos meios de comunicação de massa e a partir do cenário pandêmico, fortalece-se os meios de comunicação digital para atender às necessidades espirituais dos fiéis e mantê-los conectados com a fé. Entretanto, vale destacar que, antes da situação pandêmica, a Igreja já se utilizava das diferentes mídias disponíveis na sociedade. Foi diante dessa nova realidade instaurada, que todo o processo comunicacional precisou ser rapidamente readaptado para uma ambiência mais ampla. A comunicação mediada no ‘areópago digital’ modifica os costumes, a forma de contato e, conseqüentemente, a recepção

da mensagem religiosa, pois, os meios digitais passam a ser utilizados por fiéis católicos para realizar os rituais que antes aconteciam em ambiente físico e, também com a mediação dos meios de comunicação de massa, principalmente rádio e televisão. Diante dessa conjuntura, Sbardelotto (2019, p.148) sustenta que:

Na internet, os fluxos de sentido em rede moldam e fazem circular comunicacionalmente imagens, textos, vídeos etc. sobre o “católico”, ou seja, construtos simbólicos socialmente relacionados ao catolicismo. Contudo, não nos interessa analisar que “católico” é esse, mas sim *como ele se forma e se constitui*.

Considerando que a ‘multimodalidade discursiva’ oferecida pela internet possibilita a reconstrução de uma ‘moldura comunicativa religiosa em rede’, na qual os sujeitos compartilham de experiências, por meio de uma interface, estando impossibilitados de realizar ações construídas a partir de práticas litúrgicas, como estar numa Igreja, ajoelhar-se em reverência a Deus, ter o contato com ícones religiosos dispostos no altar, etc.. Tais ações passam a ser executadas no ambiente digital, aí ocorrendo uma alteração de hábitos, ou seja, a suspensão da descrença³ e, estabelecê-la é aceitar a veracidade do universo virtual, entendendo-o como um sistema particular que - independente do quanto procure refletir o mundo real - funciona sob suas próprias regras.

Diante dessas considerações, apresenta-se a tese de que a Igreja como instituição cultural acompanha o processo de inovação e ressignificação de seu modelo comunicacional religioso para que se efetive a evangelização e inculturação⁴ da fé utilizando-se de plataformas digitais, dentre elas do app *Click to pray*.

Pensamento semelhante também é apresentado por Moisés Sbardelotto, no texto ‘O “católico” em reconexão: a apropriação sociorreligiosa das redes digitais em novos fluxos de circulação comunicacional’, ao registrar que, nessa “interface específica do processo de mediação digital – a saber, com o fenômeno religioso –, vemos cada vez mais a apropriação das redes digitais como ambientes de circulação de crenças, símbolos, discursos e práticas religiosas, remodelados para novas dinâmicas comunicacionais” (SBARDELLOTTO, 2016, p. 147).

Essa presença do cristão na ‘sociedade em rede’ se manifesta a partir de determinadas condições histórico-culturais que, alteram-se desde as origens da vida humana até o ambiente comunicacional característico do século XXI. O Papa Francisco já advertira no “Discurso da Cúria Romana” de setembro de 2019 que:

³ Termo utilizado primeiramente por Coleridge (1817) *Biographia Literária*.

⁴ A definição do termo será apresentada no tópico 1.1 deste estudo.

Tudo isto se reveste duma valência particular no nosso tempo, porque estamos a viver, *não simplesmente uma época de mudanças, mas uma mudança de época*. Encontramo-nos, portanto, num daqueles momentos em que as mudanças já não são lineares, mas epocais; constituem opções que transformam rapidamente o modo de viver, de se relacionar, de comunicar e elaborar o pensamento, de comunicar entre as gerações humanas e de compreender e viver a fé e a ciência. (PAPA FRANCISCO, 2019)

Ao alertar sobre a mudança de época, o Pontífice ressalta que, esta altera o modo de viver e de se comunicar pois, com o advento da tecnologia, o processo comunicacional religioso não acontece mais de forma unilateral, já que os interlocutores são partícipes da construção e consumo de conteúdo. Corroborando com as ideias do Santo Padre, o pesquisador José Luiz Braga, uma das referências na área de Comunicação do Brasil (2012, p.231-232) afirma que “A midiatização da religião não acontece dissociada do universo simbólico das mediações do receptor, que chega à experiência religiosa midiatizada provido de um repertório de símbolos, práticas e expectativas em relação ao religioso”.

Diante do cenário exposto, observa-se que a Igreja Católica atenta-se em acompanhar o processo de inovação e ressignificação do modelo de transmissão/recepção do conteúdo religioso, para que se efetive a evangelização e inculturação da fé utilizando-se das plataformas digitais. Porém, para Sbardelotto (2017, p.73)

(..) analisar a midiatização é analisar as mudanças vividas pela sociedade na contemporaneidade, complexificadas pelo fenómeno midiático. Em nosso caso, as interações em plataformas sociodigitais produzem novas modalidades comunicacionais em torno do catolicismo, da Igreja para com a sociedade, da sociedade com a Igreja, e da sociedade para com a própria sociedade.

As interações mediadas pela rede são influenciadas pelo processo de como os produtores e receptores da mensagem constroem e desconstróem os significados dos conteúdos veiculados consumidos. O religioso Darlei Zanon (2019), na obra *‘Igreja e sociedade em rede’*, a partir dos estudos e conceitos de Manuel Castells (1999), analisa a sociedade com suas tradições religiosas e os impactos para a chamada cibereclesiologia.

O ser humano, no espaço virtual, não é reconhecido pelo seu corpo material, mas pela sua personalidade, pela sua ação e participação na comunidade virtual que tem como fim último a produção de conhecimento e a busca de sentido. Os encontros se dão sobretudo pela dimensão profunda de cada ser humano, e não pela expressão corporal (material), como em geral acontece. (ZANON, 2019, p.45)

A partir desta premissa, questiona-se: **como acontece a interação entre a fé católica na sociedade contemporânea a partir da tecnologia digital mediada pelo aplicativo *Click to pray?***⁵ Considerando que a interação digital é fundamentada pelo tripé ‘Instituição – sujeito –

⁵ No capítulo IV será apresentado o aplicativo (criação do app, bem como sua funcionalidade)

dispositivos tecnológicos' e, que tais dispositivos são disponibilizados e padronizados a partir de uma 'lógica da mídia' que é aceita pelas instituições sociais, a Igreja precisa adaptar seu discurso se servindo das funcionalidades do meio comunicacional e, o sujeito católico se predispõe a praticar sua experiência de fé mediada pelos elementos digitais. A multimodalidade discursiva oportunizada pela internet oferece aos internautas a reconstrução de uma moldura comunicativa religiosa em rede na qual compartilham experiências antes vivenciadas, exclusivamente, de forma presencial. A interação digital somente poderá ser analisada após a identificação dos atributos das redes comunicacionais utilizadas. Sendo assim, Sbardelotto (2017, p.91) sugere uma interseção entre

(..) os aspectos social, tecnológico e simbólico, buscando complexificar a nossa compreensão desse dispositivo a partir das inter-relações entre três aspectos centrais da análise: as interfaces das plataformas sociodigitais, os protocolos regulatórios que nelas emergem e as reconexões que caracterizam a construção de sentido e os processos midiáticos em redes comunicacionais.

Assim, ao levar em consideração os aspectos social, tecnológico e simbólico, esta tese tem como um dos objetivos: apresentar os conceitos de cultura, especificamente, da cultura religiosa no âmbito das Ciências Humanas e Sociais e, demonstrar como a definição de cultura é ampla e plural. O antropólogo Geertz (2017) explica tal conceito, valendo-se de uma comparação lúdica, elucidando a importância do contexto social, tecnológico e simbólico na construção e interpretação do significado de cultura.

Nossas ideias, nossos valores, nossos atos e até mesmo nossas emoções, são como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais – na verdade, produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades e disposições com as quais nascemos, e, não obstante, manufaturados. Chartres é feita de pedra e vidro, mas não é apenas pedra e vidro, é uma catedral, e não somente uma catedral, mas uma catedral particular. Para compreender o que isso significa, para perceber o que isso é exatamente, você precisa conhecer mais do que as propriedades genéricas da pedra e do vidro e bem mais do que é comum a todas as catedrais. Você precisa compreender também – e, em minha opinião da forma mais crítica – os conceitos mais específicos das relações entre Deus, o homem e a arquitetura que ela incorpora, uma vez que foram eles que governaram a sua criação. Não é diferente com os homens: eles também, até o último deles, são artefatos culturais. (GEERTZ, 2017, p.36)

O autor elucida que a cultura é construída a partir dos costumes e valores de uma sociedade, na qual o homem está inserido; porém, em cada comunidade os costumes são criados e significados, ou seja, um objeto pode ser considerado 'sagrado' em uma determinada cultura, porém em outra, não passa de um 'simples objeto'; por isso, o antropólogo afirma que somos todos 'produtos culturais'.

Corroborando com as ideias de Williams (2011, p.321) de que “A história da ideia de cultura é um registro de nossos significados e nossas definições, mas essas por sua vez, só podem ser compreendidas no contexto de nossas ações.” Ou seja, para que se possa realizar a interpretação de cultura, faz-se necessário conhecer e dividir as mesmas

experiências sociais pertencentes a uma comunidade no mesmo tempo e espaço. No âmbito religioso, o conceito de cultura é apresentado no Catecismo da Igreja Católica (CIC),⁶ em especial na Terceira Parte – A vida em Cristo - cap.II, art. V, intitulado ‘Comunicação social cultura, e sobre o uso dos meios de comunicação social infere-se que:

2493. Na sociedade moderna, os meios de comunicação social desempenham um papel de grande relevo na informação, na promoção cultural e na formação. Este papel é cada vez maior, em virtude dos progressos técnicos, do alcance e diversidade das notícias transmitidas e da influência exercida sobre a opinião pública. (1945-1947)

Já no século XVI, a Igreja procurava acompanhar a evolução para manter-se presente na de forma ativa na sociedade. Em 1965, o Papa Paulo VI descreve na Constituição Pastoral *Gaudium et spes*, a cultura como algo que “(..) exprime, comunica e conserva, em suas obras, o decurso dos tempos, as grandes experiências espirituais e as aspirações, para que sirvam ao proveito de muitos e ainda de todo o gênero humano.” (PAPA PAULO VI, 1965). Neste viés, a cultura é apresentada como algo fundamental na preservação e transmissão da ‘Palavra de Deus’ sendo necessário que o pregador/evangelizador compartilhe das experiências e aspirações dos fiéis.

A exigência de partilhar das mesmas experiências para o processo de catequização/evangelização sempre foi um desafio para a Igreja, pois, sendo uma Instituição milenar, já precisou adequar-se a diferentes momentos da História para conseguir ‘falar ao povo’ – de forma significativa para que diálogo entre fé e cultura se efetivasse. Por este motivo, o próximo objetivo desta tese foi analisar os desafios discursivos/comunicacionais encontrados pela Igreja para a inculturação da fé com a utilização dos meios digitais.

Para abordar os diferentes modos e meios utilizados pela Igreja no processo de ‘aculturação e inculturação’ serão analisadas algumas parábolas bíblicas cujos g neros foram um dos primeiros a serem utilizados para a transmissão da ‘Palavra de Deus’ ao povo da Galiléia. Na sequência serão apresentadas as histórias dos Concílios, suas representatividades para a Igreja e, como os documentos elaborados e os participantes dessas assembléias, influenciaram no processo de aculturação e inculturação da fé ao longo dos séculos. Por fim, serão examinados os documentos “Exortações Apostólicas”, dos Papas João Paulo II (1978 a 2005), Papa Bento XVI (2005 a 2013) e do atual Papa Francisco, eleito em març o de 2013.

⁶ A 1ª edição do Catecismo da Igreja Católica (CIC) foi aprovada no século XVI durante Concílio de Trento (1545-1563) pelo Papa Paulo III.

Jesus Cristo se valia de parábolas para transmitir aos discípulos o significado da 'Palavra de Deus'. Cabe destacar que, as metáforas eram sempre relacionadas com elementos da agricultura, como (trigo, joio, uva, semente de mostarda, entre outros), pois os significados desses elementos materiais eram compartilhados pelos interlocutores. Jesus se valia da materialidade para fazer-se compreender e, em seguida, relacionava tais elementos materiais para explicar como as obras do Divino (imaterialidade), se faziam presentes na vida cristã.

A crença religiosa e o ritual confrontam e confirmam-se mutuamente; o *ethos* torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve, e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas do qual esse tipo de vida é expressão autêntica. (GEERTZ, 2017, p.93)

Ao se utilizar da materialidade para levar à compreensão da imaterialidade, Jesus Cristo fazia-se entender pelos discípulos e, quando estes saíam em peregrinação para anunciar 'a Palavra' a povos com costumes diferentes, adequavam os ensinamentos sagrados para que tais ensinamentos fossem acolhidos e vivenciados pelos fiéis. O filósofo e sacerdote jesuíta Mário de Sá Miranda (2001, p.16-17) que recebeu o prêmio 'Prêmio Ratzinger de Teologia'⁷ afirma que:

Cada página da Bíblia testemunha não só a ação salvífica de Deus, mas ainda reflete o contexto sociocultural em que ela se deu. Por meio dos relatos bíblicos podemos mesmo reconstruir a sociedade daqueles tempos, a influência dos povos vizinhos, as novas questões que vão surgindo. Conforme o contexto variam as experiências e as expressões do mesmo encontro com Deus.

Tais experiências ainda são compartilhadas em muitos trechos bíblicos que inferem processos de significação relativos ao tempo, ao espaço e ao povo da época para garantir a perpetuação 'da Palavra'.

O processo de catequização nem sempre foi algo natural, aceito de forma espontânea pelas sociedades; isso denotava, muitas vezes, uma certa imposição por parte da 'cultura dominante' à 'cultura dominada'. É o que Bastide (1966) *apud* Cuche (2002, p.130) chama de "aculturação planejada, controlada, que resulta de um grupo que deseja ver evoluir seu modo de vida" considerando este como único e correto. Situações de aculturação podem ser destacadas dentro da própria Igreja: num primeiro momento voltava-se para uma questão política e, em seguida, para uma questão demográfica.

⁷ Instituído em 2011, em cerimônia realizada no Vaticano, na conclusão do Simpósio "Deus *caritas est*. Porta da Misericórdia", que marcou as comemorações dos 10 anos da publicação da primeira encíclica de Bento XVI, *Deus caritas est*. Esse prêmio é atribuído, anualmente, a dois estudiosos que se distinguem na pesquisa científica de caráter teológico, que difundem o pensamento da Igreja e conhecem o pensamento do teólogo José Ratzinger.

A elucidação de aculturação política se dá nos primeiros 10 Concílios, realizados na Igreja Católica de *Nicéia* (Ano 325) a *Latrão I* (1123), pois foram convocados por imperadores que, definiam a pauta tendo em vista seus interesses políticos e econômicos, não considerando as ideias do papado. Para aclarar o ‘processo de aculturação demográfica’ Bastide (1960) *apud* Cucho (2002, p.131) define que ele ocorre quando “o grupo em contato é majoritário numericamente” e tal situação é evidenciada na participação dos Concílios que antecedem o advento dos meios de comunicação de massa, pois, muitos Papas ocidentais chegavam ao concílio após o início das sessões e, muitas vezes, as decisões eclesiais já tinham sido tomadas, inclusive priorizando a língua utilizada por este clero, o latim.

Também merece ser citado como exemplo de aculturação o ‘*Concílio de Trento*’, pois nessa assembleia ficou instituída que todas as missas deveriam ser celebradas em latim, impossibilitando o processo de compreensão ‘da Palavra’ por parte de muitas comunidades e, também se proibiu a leitura e a interpretação da Bíblia por pessoas que não pertencessem ao clero.

Situação diferente aconteceu na convocação do ‘*Concílio Vaticano II*’ (1962), pois, com o advento dos meios de comunicação de massa, o Papa João XXIII, convocou bispos do mundo inteiro e solicitou que sugerissem temas a serem discutidos nesta assembleia. Foram elaborados e aprovados, pelo Vaticano, 16 documentos, dentre eles *Gaudium et spes* que versa que a “Igreja tem a obrigação de examinar, em todas as épocas, os sinais dos tempos e interpretá-los à luz do Evangelho” (PAPA PAULO VI, 1965). Este excerto refere-se à necessidade de atualização da Igreja, no processo de evangelização, valendo-se dos meios de comunicação, pois de acordo com Bellitto (2016, p.195):

(..) o concílio estava mapeando um novo rumo ao procurar alcançar as outras fés. Ao mesmo tempo, preocupava-se também em vivenciar e espalhar a sua própria fé em três contextos diferentes: o uso da mídia de massa, as atividades missionárias e o exercício da liberdade religiosa.

A partir do Concílio Vaticano II, cujas decisões são acatadas até os dias atuais, atesta-se que, a Igreja tem se apropriado das diferentes mídias para intensificar o processo de evangelização. Conforme assevera Sbardelotto (2017, p.44):

A Igreja Católica, especificamente, vem atentando para os desdobramentos históricos da “Reforma Digital” como um grande desafio pastoral, tentando captar esses “sinais dos tempos” comunicacionais. Isso ocorre, principalmente, a partir dos próprios papas cujos pontificados ocorreram ao longo do avanço da “Reforma Digital”, a saber João Paulo II (1978 – 2005), que introduziu a Igreja no processo de digitalização, Bento XVI (2005 – 2013) e Francisco (2013 -). Nos seus documentos e reflexões, eles buscaram despertar a Igreja ao que acontecia no âmbito da comunicação, especialmente em suas mensagens anuais para o Dia Mundial das Comunicações Sociais.

A “Reforma Digital” no âmbito religioso foi inevitável, mas se percebe que o processo de mudança institucional é desafiador, pois a Igreja é instigada a reformar suas práticas de sentido, uma vez que a comunicação pessoal e social é alterada no ambiente *on-line*, a partir de lógicas midiáticas. A fim de analisar a interface mídia/religião e elucidando como tem se efetivado a mediação do católico no ambiente virtual, serão apresentadas reflexões a respeito dos elementos mediação/mediatização/institucionalização que apontam para a complexidade da circulação do “católico” em rede. Corroborando com as ideias de Andreas Hepp, pesquisador e professor do ‘Centro de Pesquisa de mídia, comunicação e informação’ da Universidade de Bremen, Alemanha, cujos estudos se concentram na transformação do processo comunicacional tem-se que

Quando as várias mídias em seu conjunto moldam como articulamos nossos mundos sociais, precisamos de uma abordagem de pesquisa da mediatização que reflita esta transmedialidade: a mediação é o conceito para teorizar o processo de comunicação como um todo; mediatização, diferentemente, é um termo mais específico para teorizar a mudança relacionada à mídia. (HEPP, 2014, p.47)

A mediação se dá pela troca de interesses sociais, na qual tais indivíduos se inserem e partilham do mesmo espaço, onde acontece a experiência do contato com o outro (co-presença); o principal responsável pela mediação é o homem e, este se utiliza de recursos construídos culturalmente, para disseminar as concepções históricas e culturais, enquanto que a mediatização é a responsável pelas transformações estruturais na atuação da mídia na sociedade. Para Stig Hjarvard, pesquisador dinamarquês “as mídias estão ao mesmo tempo “lá fora” da sociedade, compreendendo uma instituição com força própria, e também está “aqui dentro”, como parte das práticas do mundo vivido na família, no local de trabalho, etc..” (HJARVARD, 2015, p.53), ou seja, para o autor a mídia é uma instituição que impõe protocolos e regras e que as demais instituições culturais, como a Igreja, os aceita e passam a atuar a partir das diferentes lógicas da mídia.

Considerando esse cenário aferem-se os diferentes sentidos que são atribuídos pelos cristãos católicos desde o ‘processo de transmissão da fé’ à ‘mediatização no contexto digital’, favorecendo o diálogo de fé com o mundo; porém, ambos sempre mediados pelo uso de diferentes linguagens e aparatos tecnológicos, como TV, rádio, celular, tablet, computador. Evidencia-se assim que, cada sujeito ao utilizar um desses meios o faz com objetivos diferentes, por exemplo, uma pessoa pode usar o celular somente para realizar e receber ligações e outra o utiliza também para realizar transações bancárias. Tendo em vista essa reflexão cabe salientar que “Mídia e gêneros são ao mesmo tempo formatos comunicativos com *affordances* particulares e formas institucionalizadas de interação social” (HJARVARD, 2015, p.55) que diferem de acordo com o interesse do sujeito e, nesse movimento de significação, a mediatização pode tornar possível a interação bilateral entre Igreja/fiel/ sociedade.

Diante desse panorama observa-se que a Igreja Católica vale-se de dispositivos midiáticos para fomentar o processo de evangelização, mantendo ativos os fiéis católicos e, também buscando alcançar novos seguidores ‘da Palavra’. Neste estudo será apresentado o aplicativo *Click to pray 2.0* (BETA) e suas funcionalidades. Para a análise será utilizada a pesquisa “E o verbo se fez rede – religiosidades em construção no ambiente digital”, de Moisés Sbardelotto (2017) que, ao examinar as redes sociais *Facebook* e *Twitter*, pondera sobre a interfacialidade e os processos tecnossimbólicos, sociotécnicos e sociossimbólicos e assevera que “As conexões sociodigitais e a circulação do “católico” não ocorrem automaticamente pelo fato de existirem *softwares* ou algoritmos, pensados por programadores, mas são construídas e mantidas constantemente pela ação comunicacional da Igreja e dos diversos interagentes” (SBARDELOTTO, 2017, p.271 (grifos nossos), as interações só são possíveis, pois vinculam lógicas e dinâmicas sócio-comunicacionais possibilitadas pelas diferentes interfaces.

Sendo assim, nesta tese foi desenvolvida uma pesquisa empírica, com abordagem quali-quantitativa, pois esta possibilita a convergência dos dados coletados, valendo-se do procedimento documental, priorizando a ‘análise de conteúdo’ veiculado pelo aplicativo *Click to pray*.

A análise de conteúdo é definida por Bauer e Gaskell (2008, p.185)

(..) como um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens .

Os documentos analisados nos capítulos II e III são respectivamente, as “Encíclicas”, as “Exortações” e as “Mensagens oficiais”, elaboradas no período papal sob a responsabilidade de um Pontífice e, em seguida, as “Constituições” e o “Código Canônico”, elaborados nos Concílios, cujas deliberações competem ao Papa e ao Colégio dos Bispos. Tais documentos são considerados “primários”, pois foram produzidos por pessoas ligadas diretamente ao tema aqui estudado, ou seja, o processo comunicacional religioso.

Destaca-se que, a escolha dos documentos não foi aleatória, pois o propósito desta pesquisa é compreender **se há um processo de interação do cristão católico na utilização do aplicativo oficial da rede de orações do Papa Francisco, o *Click to pray***. Para a efetivação deste estudo, fez-se necessária a análise de conteúdos dos documentos supracitados, a fim de elucidar como foram construídos os significados referentes aos conceitos tradicionais da Igreja Católica no processo de catequização e interpretá-los nas condições sócio-históricas do século XXI, ressignificando o atual processo de evangelização.

Os procedimentos referentes à análise de conteúdo abordam duas dimensões essenciais para esta pesquisa, sendo que a sintaxe, para Bauer e GasKell (2008, p.192-193)

(..) descreve os meios de expressão e influência - como algo é dito ou escrito. A frequência das palavras e sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas são indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre alguma audiência.

Cabe aqui destacar que, o vocabulário utilizado, em vários documentos, religiosos, analisados em geral, priorizava um determinado grupo em detrimento de outro.

Em relação à análise de conteúdo, valendo-se da dimensão semântica de Bauer e GasKell (2008, p.193) quando afirmam que:

(..) tais procedimentos dirigem seu foco para a relação entre os sinais e seu sentido normal – sentidos denotativos e conotativos em um texto. (..) Palavras, sentenças e unidades maiores de texto são classificadas como exemplos de temas predefinidos e avaliações. A co-ocorrência frequente de palavras dentro da mesma frase ou parágrafo é tomada como indicador de sentidos associativos.

Nesta dimensão prioriza-se a análise, valendo-se da necessidade de readequação do discurso religioso e do contexto de produção e seus receptores.

Esta tese está dividida em 4 capítulos, e para iniciar a discussão teórica, no capítulo 1, intitulado Transversalidade do conceito de cultura - serão abordados os temas referentes ao conceito de cultura, aculturação e inculturação, bem como, reflexões sobre a formação simbólica da cultura religiosa e a construção do processo de significação e ressignificação do Evangelho em diferentes momentos da História.

No capítulo 2 para refletir a respeito do processo de inculturação, serão apresentadas 14 parábolas utilizadas por Jesus Cristo para pregar à Palavra de Deus ao povo da Galiléia e, em seguida analisadas as Exortações Apostólicas escritas pelos Papas João Paulo II, Bento XVI e Papa Francisco para refletir o processo de significação e ressignificação da inculturação nos séculos XX e XXI.

No capítulo seguinte, será apresentado um histórico dos Concílios e a importância destes para o processo catequético e evangelizador e a análise recairá, em especial, sobre os documentos elaborados no Concílio Vaticano II cujas deliberações são seguidas até hoje pela Igreja Católica. Nestes são contemplados temas a respeito da influência dos meios de comunicação de massa no processo de evangelização e na formação do *ethos* cristão. Nos documentos elaborados pelo atual Papa Francisco já são aludidas reflexões sobre a influência da cultura digital e que serão tecidas reflexões sobre a midiaticização e a digitalização da Igreja nesses novos tempos.

No capítulo 4 será apresentado o aplicativo Click to pray, desde sua origem em 2014 à sua reformulação em outubro de 2021. Serão descritas suas funcionalidades e as interfaces possibilitadas por esta ferramenta digital que conectam o fiel com o “sagrado” oportunizando experiências religiosas mediadas pela rede.

O interesse pelo tema desta tese por parte da pesquisadora, surgiu por ser ela própria oriunda de uma família com princípios religiosos calcados no catolicismo e que sempre procurou seguir e cumprir os Sacramentos impostos pela Igreja católica. Sua inquietação em relação ao tema iniciou-se na adolescência durante as lições preparatórias do catecismo para receber os sacramentos da Eucaristia e da Crisma, pois, as catequistas não contextualizavam as passagens bíblicas utilizadas para o ensinamento ‘da Palavra’, o que dificultava a compreensão e, conseqüentemente, levava à inércia em relação à participação em tais os encontros. Como essa formação cristã se deu na década de 1980, os meios de comunicação de massa já veiculavam programas e filmes de caráter religioso, os quais eram transmitidos de forma mais contextualizada e envolvente, e então se sucedeu o questionamento do ‘porquê’ de as aulas de catequese serem tão monótonas e rígidas, sendo que as histórias sobre a religião, contadas pelos pais e transmitidas pelos meios de comunicação eram tão mais interessantes?

Posteriormente, a formação acadêmica da pesquisadora foi voltada para a área de Ciências Humanas, em especial para a Linguística e, a atração pelo tema religião, acentuou-se. Vivenciando as mudanças sociais e tecnológicas e até o interesse em ser catequista, fê-la resolver analisar ‘o processo comunicacional religioso em diferentes épocas’ e como a Igreja no século XXI pode se aproximar e manter os fiéis, contextualizando os ensinamentos e valendo-se das ferramentas digitais.

CAPÍTULO I TRANSVERSALIDADE DO CONCEITO DE CULTURA

O foco deste capítulo é revisitar reflexões de teóricos a respeito do conceito da palavra *cultura* e seus significados em diferentes áreas, dentre elas: Antropologia, Sociologia e Teologia. Como o objeto desta pesquisa recai sobre **como se dá evangelização católica e inculturação da fé na cultura digital**, fez-se necessária uma análise da relação entre significação e ressignificação da palavra ‘cultura’ relacionando-a à linguagem, à História, ao discurso e poder.

Ao refletir que a concepção de cultura é sempre reavaliada por meio da História, é importante evidenciar que existe uma ‘convergência silenciosa’ das diversas concepções de cultura, já que,

No século XX a cultura passa a ser tratada como um sistema ou sistemas de significação, mediante os quais, uma dada ordem social é comunicada, vivida, reproduzida, transformada e estudada. Cultura torna-se então um vocábulo polissêmico e, mais que isso, em transformação, em um contínuo processo de ampliação e desdobramento de significados. Configura-se como palavra que a priori remete à nossa relação com o mundo, à civilização, ao conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc.. (CAMPOMORI, 2008, p.75)

Discorrer sobre o vocábulo “cultura” requer previamente entender sua gênese, sua genealogia, bem como tencionar as diferentes conotações que vem assumindo de acordo com as conjunturas sócio-históricas, nas quais este vocábulo polissêmico, é utilizado.

Vale destacar que o fenômeno da polissemia, para Zavaglia (2003, p.244) caracteriza-se como algo que,

(..) está naturalmente presente em uma língua natural; é um fator de economia e de flexibilidade para a eficiência desse mesmo sistema linguístico. Não importa quantos significados tenha um dado item lexical: dada a influência do contexto, não haverá confusão entre eles, se a um certo significado for dado um determinado sentido somente numa situação precisa. A frequência de uma palavra está relacionada com a sua polissemia.

Para tanto, é importante, inicialmente deter-se sobre o debate que, desde então se estabeleceu, com vigor, em torno da polissemia do conceito de cultura em virtude “dos

deslocamentos de emprego que ela abarca num determinado período de uso.” (ULLMANN, 1964, p.334)

Como a linguagem é instrumento de interação social, as palavras significam aquilo que a sociedade convencionou, ou seja, as palavras guardam em si os resquícios de uma transição histórica de grande importância, mas também codifica várias questões epistemológicas fundamentais, que não serão encerradas em palavras cujos significados sejam tidos como estáveis e desconectados da sua conjuntura sócio-histórica. Como assevera Auroux (2009, p.64), “Entender uma língua não é apenas ter acesso a relações intralinguísticas, é mais: é ser capaz de relacionar esses signos linguísticos a uma experiência compartilhada de mundo”.

O processo de construção e significação das palavras acontece ‘nas’ e ‘pelos’ diferentes experiências vivenciadas pelos indivíduos na sociedade na qual estão inseridos.

Continuando, Cuche (1999, p.17) explica que:

As palavras aparecem para responder algumas interrogações, a certos problemas que se colocam em períodos históricos determinados e em contextos sociais e políticos específicos. Nomear é ao mesmo tempo colocar o problema e, de certa maneira, já resolvê-lo.

As expressões são mutáveis, dinâmicas e evoluem, adequando-se aos mais diversos aspectos temporais, históricos e sociais. A palavra “cultura”, no seu aspecto linguístico, surge do latim, por volta de 1700 e tem sua acepção associada ao ‘cuidado’ do campo, da terra. Cuche (1999) afirma que, no começo do século XVI a palavra passa a designar uma ação (cultivar uma terra). No século XVIII, a palavra passa a designar uma faculdade, ou seja, o fato de trabalhar para desenvolvê-la. Destarte, destaca-se a metonímia (da cultura como estado à cultura como ação) e a metáfora (da cultura da terra à cultura do espírito).

Observa-se assim que, a definição operacional da palavra “cultura” desdobra-se e forma uma ‘rede de significantes e significados’. Porém, somente a partir do século XVIII, passa-se a empregar o conceito de cultura em seu sentido figurado e Cuche (1999, p.20) ratifica que

(..) progressivamente, “cultura” se libera de seus complementos e acaba por ser empregada só para designar a “formação” a “educação” do espírito. Depois, (..) passa-se de “cultura” como ação (ação de instruir) a “cultura” como estado (estado de espírito cultivado pela instrução estado do indivíduo que tem cultura). (grifos do autor)

O conceito “cultura”, para ser definido, deve sempre estar inserido num sistema de significação social e na perspectiva contemporânea que, na acepção de Agamben, a contemporaneidade é

(..) uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente

com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p.59)

Para que o significado de uma palavra seja construído socialmente esta deve inserir-se num determinado contexto em que ‘o falante’ consiga relacioná-la aos aspectos sincrônicos nos quais deva estar situada. Porto (2011, p.94) argumenta que “a cultura passa a ser concebida como algo multidisciplinar com sua transversalidade inerente, dando origem a recortes temáticos dentro da própria definição do termo cultura.”

É imperioso relacionar as expressões *multi* e *transdisciplinar* para situar a ideia de cultura no século XXI: “multi” (do latim *multus*) é o mesmo que “muitos” ou “múltiplos”, e “trans” (do latim *trans*), denota “além de”. Estes são prefixos que carregam significados *de diversas formas e diversas doutrinas*. Salienta-se portanto que, a palavra “transdisciplinaridade” teve sua definição calcada no *I Congresso Mundial de Transdisciplinaridade* em 1994, em Portugal com a colaboração do CIRET e apoio da UNESCO, em que encontramos diferentes acepções para o conceito do que seja “transdisciplinar” e como este termo pode ser utilizado em inúmeras áreas de atuação social e em diferentes momentos da história. É o que se declara na “Carta da Transdisciplinaridade”⁸, em especial nos artigos 3, 7 e 10:

Artigo 3: (...) A Transdisciplinaridade não procura a dominação de várias disciplinas, mas a abertura de todas as disciplinas ao que as atravessa e as ultrapassa.

Artigo 7: A transdisciplinaridade não constitui nem uma nova religião, nem uma nova filosofia, nem uma nova metafísica, nem uma ciência das ciências.

Artigo 10: Não existe um lugar cultural privilegiado de onde se possa julgar as outras culturas. A abordagem transdisciplinar é, ela própria, transcultural. (I CONGRESSO MUNDIAL DE TRANSDISCIPLINARIDADE, 1994)

A transdisciplinaridade aplicada ao conceito de cultura ultrapassa e abarca o campo das diferentes ciências, pois a abordagem transdisciplinar é também transcultural pressupondo um novo olhar sobre a relatividade das noções e dos conceitos os quais a palavra já carregou no decorrer do processo, pois para Bréal (1992, p.103) “quanto mais um termo acumulou significações, mais se deve supor que ele represente aspectos diversos da atividade intelectual e social”. Porto (2011, p. 97) afirma que

(..) ainda em meio à urdidura acerca das acepções sobre cultura é importante salientar que na formação da Sociedade da Informação surge mais um desdobramento para o termo

⁸ O “Manifesto da Transdisciplinaridade” de Bassarad Nicolescu como uma das referências da transdisciplinaridade e de seu uso nos diversos contextos. A Carta da Transdisciplinaridade foi escrita inclusive também por ele, em parceria com Edgar Morin.

cultura, a denominada cultura midiática⁹, nesta cultura a mídia representa tanto os produtos quanto os condicionamentos desse próprio processo cultural.

A cultura na sociedade contemporânea caracteriza-se com uma trama de aspectos semânticos que são constantemente significados e ressignificados¹⁰ e que se exprimem e se aglutinam na convivência de várias culturas.

Revisitando a avaliação de cultura em Geertz (2017), Williams (2011) e Eagleton (2011) constata-se a dificuldade em conferir uma definição unívoca à “cultura”, pois é salutar que esta esteja situada numa conjuntura.

Para Geertz (2017, p. 66), antropólogo estadunidense, o termo cultura “assumiu agora uma certa aura de má reputação nos círculos dos antropólogos sociais, dada a multiplicidade dos seus referentes e a estudada nebulosidade com que tem sido invocado, às vezes em demasia.” Ao empregar a palavra cultura faz-se necessário incluí-la num determinado contexto e explicitá-la para que não seja abordada de forma generalizada e principalmente, descontextualizada, pois desta forma corre-se o risco de banalizar seus conceitos sem relacioná-los às respectivas áreas do conhecimento.

Williams (2011, p. 18,19), professor e crítico galês, afirma que

(..) que as questões que hoje se concentram nos significados da palavra cultura são questões diretamente produzidas pelas grandes mudanças históricas.” E que “o desenvolvimento da palavra cultura é um registro de um número de reações importantes e permanentes a essas mudanças em nossa vida social, econômica e política, e pode ser visto, ele mesmo, como um tipo especial de mapa por meio do qual a natureza das mudanças pode ser explorada.

Como a cultura é conhecimento, experiência construída e compartilhada entre as pessoas de uma determinada comunidade, afirma-se que, as mudanças histórico-sociais são representações vivas de que a cultura é dinâmica e plástica (maleável).

Para exemplificar como a cultura é dinâmica, destaca-se a analogia feita pelo antropólogo Roque de Barros Laraia (2007) em que este convida o leitor a imaginar que no século XVI quando os jesuítas chegaram ao Brasil, os padres missionários dividiam seus olhares entre o “comportamento dos indígenas e os hábitos das formigas saúva” (2007, p.94). Após muitas décadas de observação constataram que os insetos não apresentaram nenhuma alteração em seus hábitos em relação aos procedimentos de seus padrões genéticos. Em contrapartida, muitas aldeias indígenas demonstraram mudanças comportamentais em relação aos seus hábitos e cultura a partir do contato com outras aldeias e com os portugueses.

9 Este conceito será aprofundado no **Capítulo 3** desta Tese.

10 Tais conceitos estão explicitados no tópico 1.3 desta Tese.

Porém, destacam-se que as mudanças culturais se manifestam de forma diferente entre as aldeias indígenas, pois vários fatores sociais devem ser analisados, e Laraia (2007, p.95) elucida que “as sociedades indígenas isoladas têm um ritmo de mudança menos acelerado do que o de uma sociedade complexa, atingida por sucessivas inovações tecnológicas.” As mudanças que ocorrem numa comunidade são internas e externas e estão ligadas ao conceito de aculturação,¹¹ conceito este relacionado a diferentes mecanismos sociais, o que atesta como a cultura é dinâmica e para entendê-la faz-se necessária a contextualização do termo. Seguem as diferentes concepções da palavra cultura, derivada do latim *cōlo, cōlis, coliu, cultum, cōlere* que, de acordo com o Dicionário latino-Italiano apresenta as seguintes acepções:

1. *coutivare, lavorare, curare*
2. *abitare, vivere, trattenersi, frequentare*
3. *ornare, adornare, abbellire*
4. *onorare, venerare, trattare con riguardo, essere devoto a qualcuno*
5. *praticare, esercitare*
6. *celebrare, solennizzare.*” (DIZIONÁRIO LATINO-ITALIANO, s/d)

De acordo com as definições acima, é perceptível que o primeiro significado da palavra cultura carregava a denotação metonímica, conforme citado, (da cultura como estado à cultura como ação) de algo material, como o solo, o campo, o alimento, a cultura como ação. Porém nas definições seguintes do verbete acima habitar, viver, reter (cultura); honrar, venerar, tratar com respeito, ser dedicado (à cultura); praticar, exercitar retoma-se a interpretação metafórica de ideia (da cultura da terra à cultura do espírito) da convivência e respeito social. A última definição é uma fusão de dois aspectos: metonímicos da ação referente ao rito (celebrar) e metafóricos da ação relacionado ao culto (tornar solene). Os diferentes conceitos apresentados estão estreitamente relacionados com os modos de viver e de ser da sociedade ao longo dos séculos e, reiterando sua concepção inicial, Alfredo Bosi, considerado um dos maiores críticos literários do Brasil destaca que a palavra cultura por ser derivada de um verbo denota ação e alguma relação com o futuro, pois “as palavras terminadas em –uro e –ura são formas verbais que indicam projeto, indicam algo que vai acontecer. Então, a cultura seria basicamente, o campo que ia ser arado, na perspectiva de quem vai trabalhar a terra.” (BOSI, 2018, p.58)

Baseando-se na explicação atribuída à desinência – *ura*, bem como à analogia feita pelo autor, destaca-se que a palavra cultura (signo) possui um significante e um significado que fora e é utilizado numa profusão de significações, cujos sentidos não podem ser compreendidos de forma

¹¹ O conceito de aculturação será apresentado no tópico 1.1.

contextualizada e estão intimamente ligados ao modo de vida de uma determinada comunidade, pois cultivar a terra ainda é uma forma de subsistência de muitos povos, é um trabalho que gera uma mercadoria. Porém como Marx (2014, p.17) assevera “além da utilidade, as mercadorias só têm uma única outra propriedade comum: todas são produtos do trabalho humano, pois sua criação necessitou de um dispêndio de força humana.” Preparar a terra para o plantio de alguma alimentação dependerá do trabalho humano, mas o alimento que será plantado dependerá do clima da região, do tipo de terra e dos costumes alimentares daquele povo para que essa mercadoria tenha valor. Corroborando com as ideias marxistas, Willians e Eagleton (2011) abordam como o conceito de cultura aparece no desenvolvimento do capitalismo, apontando suas mudanças ao longo do desdobramento da humanidade. Ponderam que, para a definição do termo “cultura”, deve-se levar em consideração as práticas sociais e, a partir delas, que a cultura existe na história da humanidade:

“Cultura” denotava de início um processo completamente material, que foi depois metaforicamente transferido para questões do espírito. A palavra, assim, mapeia em seu desdobramento semântico a mudança histórica da própria humanidade da existência rural para a urbana, da criação de porco a Picasso, do lavar o solo à divisão do átomo. (WILLIAMS e EAGLETON, 2011, p.10)

A complexidade do processo de transformação do reconhecimento do vocábulo ‘cultura do material para o imaterial, denota mudanças de comportamentos, de significações e ressignificações e, que estão atrelados a diferentes modelos culturais que vão surgindo em tempos e espaços diferentes nos quais o Homem está inserido.

O antropólogo francês Levi-Strauss discute sobre o tema em seu livro “Raça e História” refletindo que

(..) as culturas humanas não diferem entre si do mesmo modo nem no mesmo plano. Estamos, primeiro, em presença de sociedades justapostas no espaço, umas ao lado das outras, umas próximas, outras mais afastadas, mas, afinal, contemporâneas. Depois, devemos ter em conta as formas da vida social que se sucederam no tempo e que não podemos conhecer por experiência direta” (LEVI-STRAUSS, 1976, p.233- 234)

Ao analisar as mudanças culturais de um povo ou de uma instituição social é fundamental refletir que cada comunidade encontra-se localizada em diferentes regiões, apresenta diferentes necessidades e, conseqüentemente, diferentes interpretações são atribuídas aos elementos materiais (mercadorias) e imateriais (concepções religiosas). No entanto, é complexo indicar o grau de mudanças culturais que ocorre em cada comunidade. Laraia (2007) cita o exemplo de um ‘ritual xinguano’ que fora fotografado em 1964 e cuja imagem foi comparada a um desenho de Von den Steinen, um médico, antropólogo alemão que lá esteve 80 anos antes. O referido autor lança a seguinte reflexão: “Desta comparação poderíamos ser levados, tal a identidade existente entre os dois documentos, a afirmar que não ocorreu modificação naquela sociedade no último

século.” (LARAIA, 2007, p.94,95). Entretanto, seria um equívoco tentar analisar se houve transformações deste ritual valendo-se somente de imagens, pois estas podem criar uma falsa impressão de que não houve nenhuma mudança. Neste contexto, ressalta-se a concepção de Williams (2011 p.321) de que “A ideia de cultura descreve nossa investigação comum, mas nossas conclusões são diferentes, já que nossos pontos de partida foram diferentes.”

É pela análise das práticas sociais empíricas que se pode compreender como os costumes, as tradições, os ritos se remodelam. Geertz assevera que:

(..) a cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas, nos termos dos quais as pessoas fazem certas coisas como sinais de conspiração e se aliam ou percebem os insultos e respondem a eles, não é mais do que dizer que esse é um fenômeno psicológico, uma característica da mente, da personalidade, da estrutura cognitiva de alguém. (GEERTZ, 2017, p.9)

O termo ‘cultura’ passa então, a denotar um arquétipo de significados metafóricos que são transmitidos e assimilados pelo homem por meio de símbolos¹² que são auferidos e que, com o passar do tempo, seus significados são adequados e readequados às condições sociais e temporais nas quais o Homem está inserido.

No que diz respeito à cultura religiosa cabe uma reflexão em relação ao papel da Igreja Católica, na manutenção e na conquista de fiéis no período da Idade Média, pois na esfera cultural, de acordo com Gaarder (1995, p.191) o antigo Império Romano do Ocidente estava dividido:

Na Europa ocidental formou-se uma cultura cristã de *língua latina*, cuja capital era Roma. Na Europa oriental surgiu um núcleo cultural cristão de *língua grega*, cuja capital era Constantinopla. Mais tarde Bizâncio passou a se chamar Constantinopla. Por isso falamos de uma “Idade Média bizantina” em oposição a uma “Idade Média católico-romana. Mas também o Norte da África e o Oriente Médio tinham pertencido ao Império Romano. Nestas regiões desenvolveu-se na Idade Média uma cultura muçulmana de *língua árabe*.

Tendo em vista esta divisão no período medieval, a Igreja adequou seu discurso – e as línguas tiveram um papel central nesse processo - para conseguir a adesão das pessoas de diferentes culturas para um ideal de cultura baseado nas questões de fé, moral, amor e solidariedade para uma felicidade futura e além das coisas terrenas, tendo em vista que havia uma contradição entre os escritos da Bíblia, a exegese e as traduções disponíveis nos territórios em que a Igreja exercia seu poder. Dentre as contradições encontra-se o axioma latino *Extra Ecclesiam Nulla Salus* (fora da Igreja não há salvação), surgido no século III e citado na profissão de fé do ‘Concílio de Florença’. (1442). A expressão latina também foi tema, no século XIX, do

12 Geertz: O conceito de cultura denota um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida. (2017, p.66)

livro “A ética protestante e o espírito do capitalismo” do sociólogo Max Weber que argumenta que “A dominação católica – ‘que pune os hereges, mas é indulgente com os pecadores’, no passado mais ainda do que hoje” (WEBER, 2004, p.31). Tal fórmula exprime bem o poder da instituição católica em que os padres detêm o poder de ‘perdoar ou condenar’ o cristão e, esta prática sempre servira como verdade absoluta para muitos católicos de diferentes épocas, fazendo com que cristão sempre acreditasse, obedecesse; ou seja: estivesse sempre disciplinado de acordo com os dogmas impostos pelo catolicismo para manter-se próximo a Deus.

‘Disciplina’ e ‘poder’ são palavras de ordem na construção cultural da religião católica, pois para conquistar e manter os fiéis, essa Instituição preocupa-se em transferir os ensinamentos divinos adequando-os à realidade sócio-cultural de cada comunidade onde se possa ter e ser Igreja. Um dos mecanismos de controle da Igreja é o ‘sacramento da confissão’ em que o fiel confia seus pecados à figura religiosa (padre) e este o absolve dos pecados, mas também tem o controle sobre a vida do sujeito. O filósofo francês Michel Foucault, nas décadas de 1970 e 1980 apresenta uma série de reflexões sobre este ‘processo de individualização e subjetivação’ da Igreja, por meio da disciplina e do poder. Para o intelectual a disciplina

(..) tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc.. (FOUCAULT, 2010b, p.204)

A ideia de cultura, valendo-se das tradições, considera o comportamento de uma comunidade, ou seja, os padrões estabelecidos e seguidos que estão atrelados ao poder, ao controle. Esses padrões não são ‘simples adereços’ na vida das pessoas, mas são essenciais e carregados de significados. A expressão “controle” está associada aos mecanismos de intervenção de uma sociedade e, espera-se que os membros se comportem, se adéquem de acordo com tais regras estabelecidas. Entretanto, “não se trata de analisar as formas regulamentares e legítimas do poder em seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes.” (FOUCAULT, 1979, p.182) O objetivo recai no processo local, pois é importante a adequação do discurso ou das ações, tendo em vista os interesses e necessidades daquela população em específico. Foucault (1979, p.182) assevera que:

(..) captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais, principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violento.

Logo, corroborando com as ideias do citado autor, este controle, baseado na visão de seus usuários locais, está atrelado e carregado de sentido e de significado que se relacionam à

experiência, à vida e à manutenção de hábitos sociais que servem como uma direção a ser seguida e institucionalizada. Diante disso, ao analisar a cultura de uma comunidade, é fundamental considerar sua diversidade de costumes no tempo e no espaço.

A partir da elucidação dos pensamentos e conceitos discorridos, considera-se a definição de “cultura” como algo muito abrangente e que, ao conceituá-la é preciso considerar o cenário, os autores, bem como a rede de significados e significações que a envolve, para situar que a imposição de novos hábitos e costumes numa sociedade nem sempre é um processo natural. O próximo tópico dessa pesquisa abordará como acontecem os ‘processos de aculturação’ e para essa reflexão, serão apresentados os diferentes significados que são atribuídos em virtude dos ‘afixos’ que compõem a palavra cultura.

1.1. A inter-relação da palavra cultura e os afixos: –a, –in, –ção

O conhecimento dos sentidos que os afixos imputam ao radical na formação das palavras é fundamental para apreender seus significados em diferentes contextos de aplicação pois, em muitos casos, o afixo (prefixo ou sufixo), quando agregado a uma palavra já existente, modifica sua significação. Tendo em vista que a maioria das palavras da Língua Portuguesa, com seus prefixos e sufixos, são de origem latina e grega. A análise etimológica recai, numa primeira instância, sobre o aspecto diacrônico. Porém, numa verificação semântica, a análise tende a ser sincrônica, pois a língua é dinâmica e plástica. Neste contexto, cabe uma reflexão sobre os sentidos dos prefixos e dos sufixos que se agregam à palavra *cultura*, utilizada em diferentes áreas como Antropologia, Sociologia e Teologia.

Inicia-se agora a reflexão com as acepções do prefixo *a-*, que no grego tem o sentido de *negação*, *privação* e, no latim, carrega o sentido de *aproximação*, de *direção*. A palavra *aculturação* foi empregada, pela primeira vez, em 1880, pelo antropólogo americano J.W. Powell que designava a ‘transformação dos modos de vida e de pensamento’ de imigrantes em contato com a sociedade americana. Cucho (2002, p.114) assevera que, para o referido antropólogo “A palavra (aculturação) não designa uma pura e simples ‘deculturação’. Em ‘aculturação’, o prefixo ‘a’ não significa privação; etimologicamente ele vem do latim *ad* e indica um movimento de aproximação”.

A partir da definição acima, pode-se observar a inquietação do autor em tentar evidenciar que a *aculturação* está ligada a uma ‘modificação’, a um ‘arranjo’ no modo de viver de um indivíduo que sai da sua cultura de origem e se adéqua aos costumes de uma outra. Esse movimento não quer dizer que o indivíduo tenha ‘se anulado’ ou ‘rompido’ com suas origens, mas que houve um processo intrínseco de adaptação ao costume do outro, já que toda cultura é um processo permanente de construção, de desconstrução e de reconstrução.

Após décadas de reflexão sobre os fenômenos do encontro das culturas, o ‘Conselho de Pesquisa em Ciências Sociais’ dos Estados Unidos criou, em 1936, uma comissão incumbida de

organizar os estudos sobre os episódios de aculturação. Assim, antropólogo Melville Herskovits, que desenvolveu pesquisas com africanos e afro-americanos, elaborou naquele mesmo ano, o *Memorando para o Estudo da Aculturação*. A definição apresentada por ele é de que “A aculturação é o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto entre grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos (*patterns*) culturais iniciais de um ou dos dois grupos.” (CUCHE, 2002, p.115)

No ano de 1953 na Universidade de Stanford sucedeu-se o ‘Manifesto sobre aculturação’ e, de acordo com Laraia (2007, p.95-96) os pesquisadores afirmam que:

(..) qualquer sistema cultural está num contínuo processo de modificação. Assim sendo, a mudança que é inculcada pelo contato não representa um salto de um estado estático para um dinâmico mas, antes, a passagem de uma espécie de mudança para outra. O contato, muitas vezes, estimula a mudança mais brusca, geral e rápida do que as forças internas.

Reitera-se, portanto, que a aculturação é um processo que advém de transformações e de adequações, sendo assim considerado um movimento dinâmico. Este deve ser analisado durante o seu percurso e não, apenas, nos resultados do contato social entre diferentes grupos. Neste caso, a aculturação não acarreta a desapareição da cultura que recebe, ou seja, não é uma simples conversão a outra. Herskovits (1948) preconiza a necessidade de repensar o sentido de aculturação, propondo levar em consideração um novo conceito de “reinterpretação” para entender a sua dinâmica.

Para Herskovits (1948) (citado por Cuche, 2002, p.118), tal reinterpretação significa “o processo pelo qual as antigas significações são atribuídas a elementos novos ou pelos quais novos valores mudam a significação cultural de formas antigas. (HERSKOVITS [1948], citado por CUCHE, 2002, p.118) Nesta visão, o autor procura elucidar que, quando um determinado grupo entra em contato com outro, não necessariamente ambos se desapossarão de suas culturas de origem, mas sim, irão adequá-las diante do novo contexto cultural no qual estão inseridos. Em relação à importância do contexto no processo de aculturação em relação ao cristianismo, o teólogo filipino Anscar Chupungco (2008) na década de 1970, apresenta estudos a respeito dos diversos termos técnicos utilizados para definirem a relação ‘liturgia e cultura’, e o referido autor analisa que, “o contexto é uma expressão vibrante da cultura humana. Para que a liturgia seja inculturada, ela também precisa ser contextualizada”. (CHUPUNGCO, 2008, p.18) Ou seja: as pessoas ao entrarem em contato com diferentes culturas simultaneamente, se adequam aos contextos e, na interação, comportamentos e condutas são agregados e readaptados à sua cultura de origem e não necessariamente apagados. Corroborando com esta ideia a aculturação, Ullmann (1991) a define como um processo de ‘troca e/ou fusão’ entre culturas. Por meio do contato prolongado ou permanente, duas ou mais culturas permutam entre si seus valores, conhecimentos, normas, hábitos, costumes, símbolos, enfim, seus traços culturais.

Para desmistificar a ideia de que *aculturação* resume-se a uma generalização, o sociólogo e antropólogo Roger Bastide (1960) *apud* Cuche (2002) cria tipologias, a partir de três critérios elementares – geral, cultural e social – e as integra em quadros sociais nos quais se efetua a aculturação. Para o autor, é fundamental levar em consideração as diferentes situações possíveis em que se processa esse fenômeno: que não se produz em ‘mão única’, pois não se tem uma cultura unicamente “doadora” e nem uma cultura unicamente “receptora”. (CUCHE, 2002)

Outrossim, ao realizar um estudo a respeito do processo de aculturação, Cuche (2002) revisita os estudos realizados por Bastide (1960) e recobra o intuito dos três critérios citados. No primeiro, o geral, podem existir situações-tipo como: a situação de uma *aculturação “espontânea”, “natural”, “livre”*. Neste caso, a mudança passa do simples ‘jogo de contato’ e se realiza para cada uma das culturas compreendidas segundo sua lógica. A propósito, pode –se citar como exemplo o ‘sincretismo religioso’ no Brasil: uma situação de *aculturação organizada, mas forçada*, em benefício de um só grupo. Isso ocorre quando a situação é obrigatória e exclui-se a possibilidade de escolha por parte da sociedade que tem a sua cultura dominada, como por exemplo a imposição do cristianismo sobre as culturas indígenas; e a situação *da aculturação planejada, controlada* que pode resultar de uma intenção de um grupo que ambiciona ver evoluir seu modo de vida. Esta é pensada, ambicionando a concretização de determinados objetivos, como por exemplo, as “Campanhas da Fraternidade” lançadas todos os anos no período da Quaresma pela Igreja Católica, com o intuito de despertar a solidariedade dos cristãos e da sociedade a respeito de algum problema que aflige a sociedade. A partir das ações desenvolvidas nas campanhas é possível conduzir os fiéis a novos valores e hábitos através desse processo previamente elaborado. O segundo critério de ordem cultural, diz respeito à ‘homogeneidade’ ou à ‘heterogeneidade’ das culturas envolvidas. Por fim, o terceiro, de ordem social, diz respeito à abertura ou fechamento das culturas implicadas. (CUCHE, 2002)

Reitera-se então que, para analisar como um sujeito ou um povo fora assujeitado e aculturado, faz-se mister considerar as situações e os interesses em que aconteceram, ou seja, os contatos interculturais, (cultura “doadora” e cultura “receptora”). Porém Bastide (1960, p.326), reforça que também é preciso levar em conta os fatores não-culturais (o fator demográfico, o ecológico e o étnico), pois estes também podem intensificar ou anular a forma como o processo de aculturação acontece.

Conforme exposto no início deste tópico, traz-se também uma reflexão a respeito do prefixo *-in* e do sufixo *-ção* que, de acordo com a Gramática da Língua Portuguesa, quando agregados ao radical, formam novas palavras; tal processo é conhecido como derivação.

De acordo com Azeredo (2008, p.452), “o prefixo *-in* é de origem latina e significa (movimento para dentro) e, como a maior parte dos prefixos, ele expressa ideias como ‘localização’ – posição ou movimento – seja no espaço, no tempo ou numa escala de valores.”

Em relação ao sufixo–ção, de acordo com Sandmann (1988), o mesmo é um sufixo latino, nominal, pois forma substantivo de verbo e tem o significado de ação ou resultado dela.

Assim, *inculturar* é um verbo hodierno utilizado no vocabulário teológico para se referir ao encontro de diferentes culturas com a experiência religiosa transmitida pela Igreja Católica, ou seja, 'inculturar' é a ação de sustentar a relação da fé com outras culturas. Ao adicionar o sufixo –ção ao verbo 'inculturar', forma-se um novo substantivo: 'inculturação'. Sandmann (1988) assevera que “novas coisas e fenômenos” e “novos pensamentos”, assim como “o progresso das ciências”, ganham expressão principalmente através dos substantivos que passam por esses processos de formação e de reformulação morfológica e semântica.

A palavra *inculturação*, quando empregada pela primeira vez pelo Papa João Paulo II, em 1979, na Exortação Apostólica *Cartechesi Tradendae*, em especial no capítulo VII, intitulado “Como dar a Catequese (Encarnação das mensagens nas culturas)” não traz um sentido de encontro de diferentes culturas,

53. (...) «O termo 'aculturação', ou 'inculturação', apesar de ser um neologismo, exprime muito bem uma das componentes do grande mistério da Encarnação». Podemos dizer da catequese, como da evangelização em geral, que ela é chamada a levar a força do Evangelho ao coração da cultura e das culturas. (...) (PAPA JOÃO PAULO II, 1979)

Para o Pontífice, a inculturação da fé não é uma simples adaptação catequética, mas uma forma de ajustamento do Evangelho em relação à linguagem empregada para que haja o 'diálogo da fé com outras culturas'.

Reitera-se portanto que, os substantivos 'aculturação' e 'inculturação', denotam o contato, a aceitação 'com' e 'da' cultura do outro, mas, o que os difere, pragmaticamente, é a forma como se dá o processo, ou melhor, o contato entre pessoas e cultura.

No próximo capítulo será abordada a importância da simbologia para a formação do *ethos* cristão, bem como a adaptação da linguagem envolvendo elementos materiais experienciados pelo povo. Para elucidar serão apresentadas 15 parábolas citadas na Bíblia e que foram utilizadas por Jesus Cristo para pregar a 'Palavra de Deus'.

CAPÍTULO II

INCULTURAÇÃO E IGREJA CATÓLICA ROMANA

2.1 A formação simbólica da cultura religiosa: as *parabole*

Neste tópico serão apresentadas algumas parábolas utilizadas por Jesus Cristo para pregar a 'Palavra de Deus' ao povo da Galiléia, posteriormente transmitidas pelos discípulos a diferentes povos. O intuito aqui é de elucidar como a adaptação da linguagem verbal associada aos elementos materiais comumente experienciados pela cultura de um povo, ajuda na formação do *ethos* cristão.

Na 'Constituição Pastoral' de dezembro de 1965, o Papa Paulo VI argumenta que:

A palavra «cultura» indica, em geral, todas as coisas por meio das quais o homem apura e desenvolve as múltiplas capacidades do seu espírito e do seu corpo; se esforça por dominar, pelo estudo e pelo trabalho, o próprio mundo; torna mais humana, com o progresso dos costumes e das instituições, a vida social, quer na família quer na comunidade civil; e, finalmente, no decorrer do tempo, exprime, comunica aos outros e conserva nas suas obras, para que sejam de proveito a muitos e até a inteira humanidade, as suas grandes experiências espirituais e as suas aspirações. (PAPA PAULO VI, 1965)

O ser humano é o único capaz de criar símbolos e atribuir-lhes diferentes significados. Por meio desta capacidade simbólica, a humanidade concebeu uma linguagem, desenvolvendo-a, aprimorando-a de acordo com a necessidade e a experiência vivenciadas, ou seja: ao criar os símbolos, pode-se dizer que o homem 'gera cultura'.

Para o estudioso Leslie White (2009), o símbolo é a unidade básica do comportamento humano. A civilização só existe em razão do comportamento simbólico, característico do homem.

Neste contexto, não se pode deixar de citar o papel da Igreja na catequização e na manutenção da fé dos cristãos. Esta Instituição sempre se valeu de símbolos para instruir as pessoas a acatar e acreditar na palavra de Deus. Infere-se assim que a religião é

(1) um sistema de símbolos que atua para (2) estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da (3) formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e (4) vestindo essas concepções com tal aura de atualidade que (5) as disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 2017, p.67)

Na Idade Média, a Igreja Católica aprimora o uso dos conteúdos simbólicos em sua representação de fé: os desenhos nas paredes, representando a saga de Jesus Cristo em vida e após a ressurreição, as imagens de santos e santas representados de forma material/tridimensional, o teatro para catequizar aqueles que não falavam a língua dos mestres e, o uso de ‘parábolas e alegorias’ para que a palavra de Deus fosse anunciada, proclamada e alcançasse diferentes povos por meio da inculturação.

Geertz (2017) afirma que

(..) os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo — o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos — e sua visão de mundo — o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. (GEERTZ, 2017, p. 66-67)

A formação do *ethos*¹³ cristão está atrelada a/em princípio à pessoa – Jesus Cristo – que vivia de forma modesta no campo e, partilhava com o povo das mesmas necessidades e dificuldades e, ao pregar a palavra de Deus, aproximava a experiência, valendo-se de elementos materiais (campo – terra – semente – fruto – espinho – pedra) para, simbolicamente, representar como se aúfere o encontro com Deus, sendo uma ‘boa semente’ para dar ‘bons frutos’ aqui na terra. Os símbolos impostos, ao serem empregados e consumidos, passam a fazer parte da experiência humana. Assim, é fato de que a religião regula as ações humanas, o que, para Geertz, (2017, p.67) “(..) projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana”, pois essa

13 Maingueneau (2015, p.17) define *ethos* num quadro referente à análise do discurso: “o *ethos* é uma noção discursiva, ele se constrói através do discurso; não é uma “imagem” do locutor exterior a sua fala: (..) é uma noção fundamentalmente híbrida (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser aprendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica.”

(..) relação significativa entre os valores que o povo conserva e a ordem geral da existência dentro da qual ele se encontra é um elemento essencial em todas as religiões, como quer que esses valores ou essa ordem sejam concebidas. O que quer que a religião possa ser além disso, ela é, em parte, uma tentativa (de uma espécie implícita e diretamente sentida, em vez de explícita e conscientemente pensada) de conservar a provisão de significados gerais em termos dos quais cada indivíduo interpreta sua experiência e organiza sua conduta. (GEERTZ, 2017, p.93)

Os valores religiosos que são congregados pelo *ethos* cristão representam a experiência de vida e a configuração do Sagrado. Isto mostra a 'subordinação' do homem aos sistemas simbólicos, na iminência de tais símbolos serem decisivos para a efetividade de sua vida como criatura, pois

(..) os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o, deem precisão a seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo. (GEERTZ, 2017, p.77)

A perspectiva¹⁴ religiosa dos símbolos pode ser uma forma particular de olhar a vida e de construir o mundo, como explicitado anteriormente. Os costumes e os valores socio-históricos do povo da Galiléia eram baseados na simplicidade de uma vida terrena. Os fiéis esperavam por meio 'da Palavra' de Jesus baseada em simbologias e alegorias, compreender e viver a 'palavra de Deus'. Geertz (2017, p.93) assevera que:

A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional.

Jesus falava ao povo da Galiléia valendo-se de parábolas, e seus discípulos iriam disseminá-las a outros povos. No entanto, estes povos poderiam não entender de forma significativa a mensagem divina transmitida por meio deste gênero literário.

No Evangelho de Mateus (13:10,13) encontra-se a seguinte asserção:

10 E, acercando-se dele os discípulos, disseram-lhe: Por que lhes falas por parábolas?
 11 Ele, respondendo, disse-lhes: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado: (..)
 13 Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não vêem; e, ouvindo, não ouvem nem compreendem. (Mateus 13:10-13, 2012, p.1.173)

14 Falar de "(..) perspectiva religiosa" é, por implicação, falar de uma perspectiva entre outras. Uma perspectiva é um modo de ver, no sentido mais amplo de "ver" como significando "discernir", "apreender", "compreender", "entender". (GEERTZ, 2017, p.81)

Caberia, pois, aos discípulos traduzir o discurso para que este fosse recebido de forma significativa. A transposição do discurso pode ser observada nos ‘Evangélicos sintéticos’ que são representações claras da manifestação gnoseológica dos conceitos de Cristo em sua correlação no que se referem às figuras de linguagem e sua aplicabilidade no processo de propagação e manutenção da fé. No Evangelho são apresentadas 45 parábolas, das quais 14 estão aqui listadas¹⁵: *Casa sobre rocha* (Mateus, 7.24-27; Lucas, 6.47-49); *Figueira Estéril* (Lucas, 13.6-9); *Grão de mostarda* (Lucas, 13.18-19); *Grão de trigo* (João 12.24); *Joio entre o trigo* (Mateus, 13.24-30 e 36-43); *Lição da figueira* (Lucas 21.29-31); *Ovelha extraviada* (Lucas 15.4-7); *Rede de pesca* Mateus (13.47-50); *Semeador* (Lucas 8.5-8); *Semente que cresce* (Marcos 4.26-29); *Tesouro no campo* (Mateus 13.44); *Trabalhadores na vinha* (Mateus (20.1-16); *Videira e Ramos* (João 15. 1-8); *Vinho novo* (Lucas 5.37-38) elucidam a relação metafórica, imaterial do Reino de Deus às coisas terrenas, materiais, em especial aos elementos ligados a terra e que devem ser cultivados (as sementes) para que o homem se alimente no plano material e imaterial. Diante desse contexto, evidencia-se que

O acesso às parábolas é um passo na superação da diferenciação entre metade-imagem e metade-objeto e a resposta e a reflexão sem precisar da metade-objeto implícita, pois vem da vivência dos leitores ou ouvintes. O conteúdo da narrativa é um meio de levar os leitores ou ouvintes a uma nova compreensão. (SCHOTTROFF, 2007, p.115)

As narrativas bíblicas produzidas serviam como ensinamentos concatenados ao terreno para se alcançar a salvação divina. Como a reflexão desta pesquisa recai sob o conceito de cultura – assimilado pelo Cristianismo, em especial pela Igreja Católica, no processo de ‘evangelização do rebanho’ pode-se perceber que a Instituição valeu-se do conceito da palavra cultura, ou seja, seu primeiro significado que estava atrelado ao mundo agrário, ao “cultivo do solo”:

(..) Jesus era da roça. Por isso seus ensinamentos e suas parábolas foram tirados do campo, por exemplo, a parábola do Semeador (..) que revela um pouco da vida dos camponeses e camponesas da palestina no tempo de Jesus. As terras que estavam nas mãos dos camponeses eram constituídas, praticamente, de terra árida, pedregosa, difícil para o plantio, sobretudo, de trigo, elemento básico da alimentação do povo. (CNBB, 1998, p. 9-10)

Jesus Cristo, na condição de filho de um marceneiro, e acostumado à vida camponesa pobre, tem como propósito anunciar a ‘Palavra de Deus’. Inicialmente, a pregação recai somente ao povo da Galiléia (meio rural, agricultura) e, posteriormente, à Jerusalém (meio urbano). Sendo

¹⁵ As 14 parábolas que foram selecionadas para este estudo, evidenciam os elementos materiais relacionados ao primeiro conceito de cultura (cultivo da terra) já apresentado no texto. O critério de escolha foi embasado no fato de que as referidas parábolas apresentam os recursos metafóricos explorados na análise do tópico.

espaços e destinatários diferentes, Jesus Cristo recorre ao uso de Parábolas¹⁶ na formação de práticas religiosas para pregar a ‘Palavra de Deus’ utilizando-se do contexto e relacionando-o com o transcendente (*hyperbekós*). Para Veras (2011),

A relação entre o ente receptor da Parábola e o seu agente está relacionada com o processo de sacralização da experiência. As Escrituras Sagradas (Bíblia) comentam acerca das Parábolas inúmeras vezes, elucubrando uma normativa interiorana, reservada aqueles que, especificamente, viveram realmente na época da manifestação do comentário inicial. (VERAS, 2011, p.614)

A parábola refere-se a uma ação prática e cheia de significados, que daria um entendimento exato do dispositivo¹⁷ apresentado, mas acaba sendo específico para o público que a recebe – no caso as pessoas da Galiléia – com as suas idiosincrasias regionalistas. *A parábola do semeador* elucida a relação pragmática do autor, aquele em que fala a voz de Deus (Jesus Cristo) e seus receptores (Povo da Galiléia):

4 Jesus voltou a ensinar à beira do lago e uma grande multidão juntou-se à sua volta. Ele sentou-se então num barco que estava no lago, enquanto as pessoas o escutavam da praia. 2 Jesus lhes ensinava muitas coisas mediante parábolas [a]; ele dizia: 3 —Certo homem saiu para semear. 4 Enquanto semeava, uma parte das sementes caiu pelo caminho e foi comida pelos pássaros. 5 Outra parte caiu num terreno onde havia muitas pedras. Essas sementes brotaram rapidamente, pois a terra não era profunda. 6 O sol, porém, queimou todas as plantas e elas secaram pois não tinham raiz. 7 Outra parte das sementes caiu no meio de espinhos. Os espinhos cresceram ao redor das plantas e as sufocaram e por isso elas não deram frutos. 8 Outra parte ainda caiu em terra boa. Elas brotaram, cresceram, deram frutos e produziram trinta, sessenta e até mesmo cem vezes mais. 9 E depois disso, disse-lhes: -Aquele que pode ouvir, ouça. (EVANGELHO DE MARCOS, 4, 1-9)

Pode-se observar, também, a ‘inferência’ entre o material (barco, lago, praia, pessoas, semente, pássaros, terra, planta, pedras, espinho, terreno, frutos) e o imaterial (transcendência,

16 É o desenvolvimento de uma comparação de dois termos, resultando numa narrativa. Por exemplo, a comparação “A palavra de Deus é como a semente” foi desenvolvida na parábola do semeador. A parábola é uma história inventada, mas baseada em fatos corriqueiros da vida. Como na comparação, assim também na parábola os termos devem ser tomados no sentido próprio. Na parábola, porém, o confronto não se verifica entre dois termos, e sim entre duas situações. É desse confronto que se deve tirar o ensinamento, objetivo principal da parábola. (Índice Bíblico -Pastoral, p.1526 – Bíblia Sagrada Edição da Família, Vozes, 2012)

17 – Giorgio Agamben (2009) p.28, cita Foucault em entrevista 1977 -(..) aquilo que procuro individualizar com este nome é, antes de tudo, um conjunto absolutamente heterogêneo que implica, discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas, em resumo: tanto o dito como o não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se estabelece entre os elementos (..) Assim o dispositivo é: um conjunto de estratégias, de relações e de força que condicionam certos tipos de sabe e por ele são condicionados. (DITS et ÉCRITS, v. III, p. 299-300)

vida espiritual, semear a palavra de Deus). Na explicação do Mestre aos discípulos, referente ao sentido desta parábola, é reforçada a necessidade de compreenderem a relação entre os elementos materiais e imateriais, pois para reforçar a importância deste gênero na formação do *ethos* cristão, ressalta-se a definição de Sanoki (2013, p.108) de que “As parábolas narram o que todo mundo não o faz, mas o que cada um devia fazer de concreto, gerando o resultado da sua ação. As histórias sempre utilizam tempos verbais no pretérito perfeito (Mc 4,3-9 – ... Ouvi: Eis que saiu o semeador a semear...”.

No caso, para qualquer público diferente do da Galileia, era preciso entender o contexto no qual a parábola fora produzidas; Geertz, afirma que.

Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual em que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida. (GEERTZ, 2017, p.67)

Relacionando as ideias de Geertz (2017) de que, um grupo adapta seu estilo de vida ao estado de coisas do momento, pode-se inferir que: inquirindo a *Parábola do Semeador*, Jesus, valendo-se da parábola, categoriza as diferentes ações e reações das pessoas diante das respectivas convicções de vida e de fé. Sendo as ‘primeiras sementes’ que caíram à beira do caminho e que são as que ouvem, mas logo depois esquecem; as sementes que caíram ‘no meio das pedras’ são aquelas que abandonam a fé diante das dificuldades; as sementes que caíram entre os ‘espinhos’ são as que ouvem a Palavra mas, diante das atribulações diárias, a palavra fica em segundo plano; e, por fim, as sementes que caíram em terra boa, as quais ouvem a palavra, aceitam-na e produzem frutos. De acordo com Veras (2011, p.64) “Jesus, em sua assertiva, sabe que o povo entenderá que o plantio tem suas nuances, que a relação de fertilidade da terra é algo bastante relevante e o caminho entre a semente alçada até a árvore de bons frutos é um caminho frágil e que deve ser observado. A explicação sobre o sentido da parábola, versa sobre um discurso simbólico que traduz a verdade de um aspecto conhecido da vida humana; por isso a necessidade de conhecer os costumes e hábitos de uma comunidade para que assim as comparações realizadas possam ser realmente compreendidas e significadas em sua essência.

No próximo tópico serão tecidas considerações a respeito da construção da significação da ‘Palavra de Deus’, em diferentes momentos vivenciados pela Igreja, nos quais esta precisou ressignificar sua forma de comunicação para manter e atrair fiéis.

2.2. A cultura no/do evangelho vivenciada nos séculos XX e XXI (significação e ressignificação)

É sabido que o ser humano buscou, ao longo da História, formas de organizar e disseminar os conhecimentos e, que tais formas foram sendo modificadas em função de novas descobertas. Nas sociedades em que a oralidade era um dos únicos aparatos para a disseminação dos costumes, os membros se valiam de teatros, encenações, dramatizações, para transmitir ao povo local os ensinamentos culturais que eram condicionados somente pela memória humana. Lima (2007, p.276) assevera que: “As mensagens linguísticas eram sempre recebidas no tempo e lugar em que eram emitidas. Tanto o emissor quanto o receptor compartilhavam um universo de significado semelhante e todos evoluíam no mesmo universo semântico, no mesmo contexto”. De fato, a construção do significado era comum, pois todos vivenciavam as mesmas experiências: retoma-se aqui o exemplo de quando Jesus Cristo e seus discípulos pregavam a ‘Palavra de Deus’ na Galiléia valendo-se de parábolas, as analogias estavam sempre relacionadas a elementos conhecidos por todos, emissores e receptores.

A segunda forma de comunicação desenvolvida e aprimorada pelo homem foi a escrita, sendo a primitiva, constituída com elementos pictográficos, imagens que traduziam informações complexas e passavam a ser facilmente interpretadas. Ressalta-se que, nas paredes das Igrejas Católicas, encontram-se, até hoje, ícones – imagens que retratam a história da vida até a morte de Jesus Cristo, a chamada Via-sacra – ritual realizado na semana que antecede a Páscoa, o qual significa a ressurreição de Jesus. Essa sequência de ideias representada pelas imagens é eficiente para o processo de catequização dos fiéis, pois, em alguns casos, a utilização das imagens transpõe barreiras linguísticas.

Ainda relacionada à segunda forma de escrita, são manifestados, por volta de 300 a.C., os ideogramas e as equivalências de fonemas. Surge o alfabeto, cujos registros iniciais eram feitos em peles de animais e, posteriormente, em papiros. Os pergaminhos só surgiram no século III a.C. e foi com a reunião de pergaminhos que originou-se o códice. Para Lima “A invenção do alfabeto não somente permitiu à humanidade comunicar ideias por símbolos visuais, mas também a criação de registros permanentes destes signos e, assim, a criação de uma memória externa à mente humana.” (LIMA, 2007, p.277)

Logo, com a invenção da escrita foi possível registrar fatos, acontecimentos vivenciados por indivíduos em épocas diferentes, cujos conhecimentos podem ser perpetuados ao longo da história da humanidade. Essa forma de comunicação, a escrita, permite que o

(..) discurso desvincule-se da situação particular em que foi produzido, não mais precisando da presença do sujeito social para a reprodução de uma experiência particular. Se o seu registro escrito “fala por si mesmo” sofre, por outro lado, interferência de quem o “consulta” (LIMA, 2007, p. 278, grifo do autor).

A partir da invenção da escrita, tem-se a composição de códices que não mais ficam restritos a uma comunidade, mas que perpassam e atingem diferentes públicos, indicando que, uma nova forma de recepção da mensagem acontece, pois tais leitores por não compartilhar das mesmas experiências que o autor, conseqüentemente, a construção do processo de significação da mensagem entre autor e leitor passa a ser diferente.

Para a Igreja, essa possibilidade de diferentes interpretações em relação à ‘Palavra de Deus’ poderia representar uma ‘ameaça’, pois os únicos que detinham os conhecimentos dos escritos da Bíblia eram as pessoas que compunham o clero e, a interpretação era feita e repassada aos fiéis de acordo com os ‘interesses eclesiásticos’.

Como a possibilidade de leitura do Texto Sagrado por pessoas de diferentes religiões, causaria inquietações entre as comunidades religiosas, a partir do século XV, com a invenção da imprensa, o clero não consegue mais concentrar o conhecimento somente nos mosteiros e, por causa disso, a Bíblia foi o primeiro livro a passar do manuscrito para o papel impresso. Assim, a impressão do material para distribuir em diferentes lugares, aguçavam a curiosidade e a necessidade de conhecimento para eventuais leitores que, como afirma Lima (2007, p.278) permitem que “a leitura e a interpretação do texto adquiriram um caráter mais individualizado, com particularidades e exigências diversas”. Diante dessa nova forma de aquisição de aprendizado, os leitores passam a ressignificar conhecimentos antes transmitidos somente por meio da oralidade e, em seguida, por aqueles que detinham o conhecimento. Entretanto, a Igreja os transferia ao povo, de acordo com as suas necessidades e interpretações. Para exemplificar este cenário caótico e desconfortante no âmbito religioso, destaca-se o movimento da Reforma¹⁸ que aconteceu no século XVI, liderado pelo protestante Martinho Lutero que questionava os ensinamentos teológicos replicados ao povo.

No século XVII, com o surgimento dos meios de comunicação – rádio e posteriormente a televisão “o texto” e, conseqüentemente, o discurso, passam por adequações para que possam atingir novamente o objetivo de comunicar uma determinada mensagem a diferentes públicos. Pelo dispositivo do rádio, a adequação acontecia ‘do texto escrito para o texto oral’, sendo este o elemento necessário para que a informação fosse recebida pelos ouvintes.

Na Igreja Católica, o primeiro programa de rádio ocorreu em 1931 quando o Papa Pio XI fez um discurso em latim, e a primeira transmissão foi uma resenha da Pontifícia Academia de Ciências (*Scientiarum Nuncius Radiophonicus*) (JOSÉ, 2021)

De acordo com *Vatican News*, o site oficial do Vaticano, (JOSÉ, 2021):

Quando o Papa Pio XI veio a falecer, em 9 de fevereiro de 1939, a Rádio fez a cobertura completa do Conclave e, em seguida, da cerimônia de coroação de Pio XII, comentada em

18 Este conteúdo será desenvolvido no tópico 2.3 desta pesquisa.

nove línguas. Novos estúdios e escritórios foram instalados na “Palazzina Leão XIII” que fora sede, até 1936, do Observatório Astronômico Vaticano.

Observa-se, então, que a Igreja passa a utilizar, também, o rádio como uma nova forma de continuidade ao ensino e à divulgação da ‘Palavra de Deus’, tendo em vista que a Instituição adequou o discurso para nove línguas, considerando o alcance da mensagem por muitos fiéis de diferentes lugares do mundo. Como o foco neste tópico da pesquisa é a cultura da transmissão do Evangelho pelos Papas João Paulo II, o Papa Bento XVI e o Papa Francisco, apresentar-se-ão informações sobre a utilização do rádio por esses Pontífices.

Em 1991, o Papa João Paulo II rezava o Terço, ao vivo, todos os primeiros sábados de cada mês em união espiritual com o mundo inteiro. A transmissão do ‘Terço’, feita pelo Papa era considerada um ‘momento único’ para o alcance de graças, pois milhares de ouvintes rezavam numa corrente de oração. Esse foi um Papa muito carismático e conhecido como o “Papa das grandes peregrinações apostólicas”.

Após sua morte, seu sucessor, Bento XVI fora eleito pelo Conclave no ano de 2005. No ano de 2006, em virtude dos avanços tecnológicos do computador e da *internet*, passa-se da rádio difusora para a *web rádio*. Sua Santidade visita a sede da Rádio Vaticano por ocasião do 75º aniversário da emissora e dirigindo-se aos ouvintes da Rádio, no Estúdio “Cardeal Karol Wojtyła”, diz:

Amados Irmãos e Irmãs! Parece-me ser este o sentido de um tal instrumento de comunicação: ajudar a construir esta grande família que não conhece fronteiras e na qual, na multiplicidade das culturas e das línguas, todos são irmãos e irmãs, e assim representam uma força para a paz. Gostaria de formular votos a quantos me ouvem neste momento, a fim de que possam sentir-se concretamente comprometidos neste grande diálogo da verdade. No mundo dos meios de comunicação não faltam, como sabemos, também vozes opostas. Por isso é muito importante que exista esta voz, que deseja realmente pôr-se ao serviço da verdade de Cristo e colocar-se assim ao serviço da paz e da reconciliação do mundo. Faço votos por que os colaboradores possam ser instrumentos eficazes desta grandiosa obra de paz do Senhor. Agradeço-vos tudo aquilo que realizais dia após dia, talvez também noite após noite. Desejo que os ouvintes, eles mesmos comprometidos neste grande diálogo, se tornem também eles, testemunhas da verdade e da força da paz no mundo. (PAPA BENTO XVI, 2006)

O Papa Bento XVI reforça a importância dos meios de comunicação no processo de evangelização em grande escala neste século, mas, alerta para que as pessoas saibam discernir as informações e interpretá-las à luz do Evangelho.

Logo, com o acelerado avanço da *internet*, no ano de 2007, tem-se a presença no *site* oficial da *rádio web* e, em 2009, a Rádio Vaticano/CTV chega ao *YouTube*. Nota-se que a Igreja procurou acompanhar o desenvolvimento dos meios de comunicação, utilizando-os como ferramentas mediadoras no processo evangelizador.

Continuando a discussão sobre e evolução do rádio difusora para *rádio web*, no ano de 2021, a *Rádio Vaticano News* completa 90 anos e de acordo José (2021):

(..) este meio de comunicação mantém o olhar voltado para o futuro; quase 12 mil horas de transmissão em um ano, incluindo transmissões ao vivo, programas informativos, litúrgicos

e musicais. Esta é a carteira de identidade da Rádio Vaticano. Hoje transmitimos em 41 idiomas e todos os dias levamos as palavras do Evangelho e a voz do Papa para o mundo inteiro. (VATICAN NEWS, SILVONEI, José, 2021)

Atualmente, a *Rádio Vaticano News* pode ser acessada pelo aplicativo e pelo *site* oficial do *Vatican News* e apresenta uma ampla programação religiosa que pode ser vista a qualquer hora e por qualquer pessoa. Vale ressaltar que a *Rádio Vaticano* faz parte do ‘Dicastério’ para a Comunicação e o Papa Francisco (2019), no discurso aos funcionários do Dicastério para a Comunicação¹⁹, ressalta que: “Graças a vocês, o Magistério do Papa e da Igreja é lido no papel, é escutado na rádio, é visto nas redes de televisão e nos *sites* e partilhado através das redes sociais, no cada vez mais vertiginoso mundo digital”.

Aqui, percebe-se a presença ativa da Igreja Católica na utilização dos recursos midiáticos para divulgar e disseminar a ‘Palavra de Deus’ para diferentes povos e culturas. Ao acessar o *site*, o internauta encontra, na página principal, imagens que registraram a evolução do Rádio até a *rádio web*.

Através de outro meio de comunicação que foi muito importante no processo de divulgação de informações, a televisão, tornou-se possível a transmissão da mensagem valendo-se de diferentes elementos comunicacionais fala, escrita, imagem e som. Tem-se, então, uma ‘multimodalidade discursiva’, porém ressalta-se que antes deste meio de comunicação, até meados do século XIX, prevalecia a transmissão unilateral da informação, ou seja, o receptor tinha um papel mais passivo diante das informações.

O Concílio Vaticano II, em especial, no decreto *Inter Mirifica*, instiga sobre como a mídia de massa, encarando as novas tecnologias com otimismo e entusiasmo ‘em vez de temê-la e de ter aversão a ela, já que as considera como novos instrumentos para a difusão da fé. O documento citado acima, bem como o meio de comunicação, a televisão, serão melhor detalhados no desenvolvimento desta pesquisa.

Neste tópico serão tecidas reflexões sobre os conceitos de “significação” e “ressignificação” praticados pela Igreja no processo de evangelização da ‘Palavra de Deus’ nos séculos XX e XXI; em especial nos discursos expostos no documento Exortações Apostólicas, do Papa João Paulo II (1978 a 2005) – um dos líderes mais influentes do século XX – que teve o terceiro maior pontificado documentado da história; do Papa Bento XVI (2005 a 2013) que

19 *Dicasterium pro Communicatione* - Ao novo Dicastério da Cúria Romana foi confiada a tarefa de reestruturar inteiramente, por meio de um processo de reorganização e de incorporação, «todas as realidades que, de vários modos, até hoje se ocuparam da comunicação», para «responder cada vez melhor às exigências da missão da Igreja». De tal modo pretende-se reconsiderar o sistema comunicativo da Santa Sé. Com o citado *Motu Proprio*, o Santo Padre, determinou também que, de acordo com a Secretaria de Estado, o novo Dicastério assumirá «o site web institucional da Santa Sé.

renunciou ao cargo em fevereiro de 2013 com 78 anos e justificou-se, que, pelo fato da idade avançada não conseguiria exercer adequadamente o pontificado e do atual Papa Francisco, que foi eleito em março de 2013.

Cabe enfatizar que a própria função do Papa passou por ressignificações, pois ao longo desses dois mil anos de história, especificamente na época de imperadores e reis, o poder do Papa ficava limitado a questões políticas. Porém, a partir do Concílio Vaticano I é que foi decidida a ‘infalibilidade papal’, quando este ficou responsável pelas decisões da Igreja Universal e pelo Colégio dos Bispos e, estes últimos responsáveis pelas Igrejas locais. O Papa é designado sucessor de Pedro, que de acordo com Mateus, cap.16 versículo 18 “Jesus disse: Pois também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja...”. De acordo com o Código de Direito Canônico promulgado pelo Papa João Paulo II no ano de 1983, no cân. 331:

O Bispo da Igreja de Roma, no qual permanece o múnus concedido pelo Senhor de forma singular a Pedro, o primeiro dos Apóstolos, para ser transmitido aos seus sucessores, é a cabeça do Colégio dos Bispos, Vigário de Cristo e Pastor da Igreja universal neste mundo; o qual, por consequência, em razão do cargo, goza na Igreja de poder ordinário, supremo, pleno, imediato e universal, que pode exercer sempre livremente. 58.

O Papa é então, considerado o ‘líder mundial’ da Igreja Católica Apostólica Romana. Teologicamente, o termo usado nos primeiros séculos do cristianismo foi versado de diferentes expressões, dentre elas: ‘Sumo Pontífice’²⁰, ‘Bispo de Roma’ e/ou ‘Sucessor de Pedro’.

Para o Arcebispo Dom Rodolfo Luís Weber (2018),

O Romano Pontífice realiza sua missão em comunhão com Colégio dos Bispos, que é formado pelo papa junto com os bispos do mundo inteiro. O modo mais solene se dá no Concílio Ecumênico no qual participam todos os bispos. De maneira mais comum o papa é auxiliado pelo Sínodo dos Bispos, pelos Cardeais, pela Cúria Romana e pelos legados Pontifícios ou Núncios Apostólicos. A legislação da Igreja sobre o exercício do pontificado parte do princípio da colegialidade e da comunhão fazendo do papa o vínculo da unidade, da caridade e da paz.

A incumbência do Pontífice é exercer poder primacial sobre a Igreja para ‘guiar o rebanho’ sinalizando, juntamente à Cúria Romana, formas de instruir o clero a assegurar e reavivar os fiéis na e para a evangelização. Para isto, o Papa elabora documentos oficiais, dentre eles as chamadas ‘cartas pastorais’—Encíclicas e Exortações Apostólicas—que são destinadas a diferentes

20 De acordo com o Bispo Dom Aloísio Dilli (2019) “A Igreja usa o termo *Pontífice* para referir-se ao Papa. Ele é o *pontifex* (*pons* = ponte + *facere* = fazer). *aquela que faz ponte* entre Deus e a Igreja – Povo de Deus –, da qual ele é o representante máximo, tornando-se o primeiro administrador da multiforme graça de Deus (cf. 1Pd 4, 10). Sabemos que o verdadeiro e definitivo Pontífice, Aquela que ligou (reconcionou) o céu e a terra, é o próprio Cristo. Depois de ter oferecido um sacrifício único, sentou-se para sempre à direita de Deus (cf. Hbr 10, 12). Jesus confiou este poder-serviço de ser ponte para os apóstolos e seus sucessores.” (Artigo— *Ser ponte de paz e bem* —CNBB —Igreja Católica)

segmentos religiosos e sociais para assegurar a ‘uniformidade do discurso’ no processo de pregação da Palavra.

De acordo com a CNBB (2020):

Os documentos pontifícios são meios de comunicação entre o Papa e os fiéis no mundo. Dentre eles há a Carta Encíclica, a Constituição Apostólica a Exortação Apostólica e o Motu Próprio que são utilizados pelo Papa para tratar de assuntos diversos, tais como aspectos doutrinários, disciplinares, governamentais etc. Esses documentos são escritos em latim e publicados na *Acta Apostolicae Sedis* e no *L'Osservatore Romano*, ambos veículos de comunicação oficiais da Santa Sé.

A Encíclica é o grau máximo das cartas que apresentam teor universal e, são dirigidas, não só aos católicos, mas também a todos os homens e todas as mulheres de boa vontade²¹.

A expressão “todos os homens e mulheres de boa vontade” fora utilizada pelo Papa João XXIII na Carta Encíclica *Pacem in Terris*, em abril de 1963 e se direciona:

162. A todos os homens de boa vontade incumbe a imensa tarefa de restaurar as relações de convivência humana na base da verdade, justiça, amor e liberdade: as relações das pessoas entre si, as relações das pessoas com as suas respectivas comunidades políticas, e as dessas comunidades entre si, bem como o relacionamento de pessoas, famílias, organismos intermédios e comunidades políticas com a comunidade mundial. Tarefa nobilíssima, qual a de realizar verdadeira paz, segundo a ordem estabelecida por Deus. (PAPA JOÃO XXIII, 1963)

Com ela, o Pontífice se refere a todas as pessoas que se dispuserem a transmitir a ‘Palavra de Deus’ às suas comunidades, valendo-se de um diálogo harmonioso e verdadeiro. Ressalta-se assim que, a primeira ‘Encíclica’ de um Papa é vista como definidora de seu programa pastoral. Já a ‘Exortação Apostólica’ é um documento menos solene, publicado após um Sínodo²², e é direcionado a um determinado grupo de pessoas, no caso à Igreja Católica e, tem por objetivo transmitir ensinamentos do pontífice aos fiéis²³ para viverem plenamente o Evangelho.

21 Expressão utilizada pelo Papa João XXIII na *Carta Encíclica Pacem in Terris* escrita em 11 de abril de 1963. 162. A todos os homens de boa vontade incumbe a imensa tarefa de restaurar as relações de convivência humana na base da verdade, justiça, amor e liberdade: as relações das pessoas entre si, as relações das pessoas com as suas respectivas comunidades políticas, e as dessas comunidades entre si, bem como o relacionamento de pessoas, famílias, organismos intermédios e comunidades políticas com a comunidade mundial. Tarefa nobilíssima, qual a de realizar verdadeira paz, segundo a ordem estabelecida por Deus. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xiii_enc_11041963_pacem.html> Acesso em: 16-10-21.

22 O decreto *Christus Dominus*, sob o múnus pastoral dos bispos na Igreja, assim se exprime no seu n. 5 com relação ao Sínodo dos Bispos recém-instituído: “Alguns Bispos das diversas regiões do mundo, escolhidos do modo e processo que o Romano Pontífice estabeleceu ou vier a estabelecer, colaboram mais eficazmente com o pastor supremo da Igreja formando um Conselho que recebe o nome de Sínodo Episcopal. Este Sínodo, agindo em nome de todo o Episcopado católico, mostra ao mesmo tempo que todos os Bispos em comunhão hierárquica participam da solicitude por toda a Igreja.”

23 De acordo com o Código de Direito Canônico, 1983, p.35 o Cân. 204 apresenta que “— § I. Fiéis são aqueles que, por terem sido incorporados em Cristo pelo batismo, foram constituídos em povo de Deus e por este motivo se tornaram a seu modo participantes do múnus sacerdotal, profético e real de Cristo e, segundo a própria condição, são

A 'Exortação Apostólica' foi o documento escolhido para refletir sobre o processo de significação e ressignificação, pois como já retratado, tal escritura é direcionada especificamente ao clero para que este conduza às suas respectivas comunidades os ensinamentos propostos pela Cúria Romana, ou seja: os sacerdotes deverão adequar as mensagens sobre a 'Palavra de Deus' para que sejam compreendidas e vividas por fiéis de diferentes comunidades.

O Papa João Paulo II redigiu 15 Exortações Apostólicas, sendo a primeira *CATECHESI TRADENDAE*, no dia 16 de outubro de 1979, a qual trata da importância da catequese que, para o Pontífice significa o "conjunto dos esforços envidados na Igreja para fazer discípulos, para ajudar os homens a acreditar que Jesus é o Filho de Deus, a fim de que, mediante a fé, tenham a vida em Seu nome, para os educar e instruir quanto a esta vida e assim edificar o Corpo de Cristo". Já a última, *PASTORES GREGI*, escrita no dia 16 de outubro de 2003, aborda a abertura ao novo milênio e, sobre o Bispo, servidor do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo. O Papa João Paulo II assevera que "o compromisso do Bispo, ao início dum novo milênio, está claramente delineado. É o seu compromisso de sempre: anunciar o Evangelho de Cristo, salvação do mundo. Mas tal compromisso aparece marcado por novas urgências, que exigem a dedicação concorde de todas as componentes do Povo de Deus".

O Papa Bento XVI escreveu 4 Exortações Apostólicas, sendo a primeira *SACRAMENTUM CARITATIS*, no dia 22 de fevereiro de 2007. No capítulo sobre a participação ativa dos fiéis, o Pontífice alerta aos Bispos que:

57. Devido ao progresso admirável dos meios de comunicação, nos últimos decênios a palavra «participação» adquiriu um significado mais amplo do que no passado; com satisfação, todos reconhecemos que estes instrumentos oferecem novas possibilidades inclusivamente quanto à celebração eucarística. Isto requer dos agentes pastorais do sector uma preparação específica e um vivo sentido de responsabilidade; com efeito, a Santa Missa transmitida na televisão ganha inevitavelmente um certo carácter de exemplaridade; daí o dever de prestar particular atenção a que a celebração, além de se realizar em lugares dignos e bem preparados, respeite as normas litúrgicas. (PAPA BENTO XVI, 2007, p. 176)

O Papa chama a atenção sobre a importância da Eucaristia e da missão da Igreja perceber que a "participação" dos fiéis é ressignificada, pois tempo e espaço social são outros. Na última Exortação Apostólica, no dia 14 de setembro de 2012, ele reforça a importância do clero em reconhecer os meios de comunicação como mais uma forma de transmitir a Palavra: "Os meios de comunicação social modernos podem ser um instrumento apropriado para o anúncio da Palavra, favorecendo a sua leitura e meditação." (72) e reitera sobre a importância de se explicar, de forma simples e acessível, a Bíblia sem veicular ideias equivocadas que dão origem a controvérsias inúteis.

O Papa Francisco, até o momento da pesquisa, conta com 5 Exortações Apostólicas, sendo a primeira *Evangelii Gaudium*, escrita em 24 de novembro de 2013, que aborda o tema, o anúncio do Evangelho no mundo atual e, no capítulo III traz reflexões sobre como comunicar ‘a Palavra’, pois o sacerdote declara que

(34) No mundo atual com a velocidade das comunicações e a seleção interessada dos conteúdos feita pelos *mass-media*, a mensagem que anunciamos corre mais do que nunca o risco de aparecer mutilada e reduzida a alguns dos seus aspectos secundários. Consequentemente, algumas questões que fazem parte da doutrina moral da Igreja ficam fora do contexto que lhes dá sentido. (PAPA FRANCISCO, 2013)

O Pontífice alerta para que as pessoas atentem-se aos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação, bem como o foco com que as mensagens são passadas, pois, se estas estiverem deslocadas do contexto, podem gerar uma interpretação equivocada e fragmentada da Palavra Sagrada.

É notória nas ‘Exortações’, a preocupação de que a Igreja se faça e esteja presente diante das transformações socioculturais e, na sua ‘quinta’ Exortação apostólica, publicada em fevereiro de 2020, ele aborda o tema “Amazônia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral”. O Santo Padre traz considerações sobre a valorização das diferentes culturas e ratifica que

60. A Igreja, com a sua longa experiência espiritual, a sua consciência renovada sobre o valor da criação, a sua preocupação com a justiça, a sua opção pelos últimos, a sua tradição educativa e a sua história de encarnação em culturas tão diferentes de todo o mundo, deseja, por sua vez, prestar a sua contribuição para o cuidado e o crescimento da Amazônia. (PAPA FRANCISCO, 2020)

O Papa reitera ainda o respeito aos indígenas, às pessoas menos favorecidas que são vítimas de poderosos capitalistas e que lhes arrancam do ambiente nativo e de subsistência a sua própria identidade. Francisco afirma que

(..) o sentido da melhor obra educativa: cultivar sem desenraizar, fazer crescer sem enfraquecer a identidade, promover sem invadir. Assim como há potencialidades na natureza que se poderiam perder para sempre, o mesmo pode acontecer com culturas portadoras duma mensagem ainda não escutada e que estão ameaçadas hoje mais do que nunca. (28)” (PAPA FRANCISCO, 2020)

Na analogia feita “cultivar sem desenraizar”, o Santo Padre sugere, a partir da palavra “terra” – no sentido de cultivo, agricultura -- conforme citado no início deste estudo, como o ‘primeiro conceito de cultura’, de que a identidade e costumes indígenas sejam respeitados e que o contato com a diversidade enriqueça e agregue ambas as culturas e não as fragmente.

A explanação sobre os conteúdos de algumas das Exortações Apostólicas é para argumentar que a Igreja sempre precisou considerar o contexto para que a evangelização se firmasse e se propagasse entre os fiéis. Se há a necessidade de adequação de conteúdo, de

linguagem, de significação e ressignificação entre os membros da Santa Sé, há também a carência de adequação desse discurso por parte do padre que fala diretamente ao povo sobre a ‘Palavra de Deus’. As palavras dirigidas ao povo precisam ser carregadas de sentido, ou seja, de significação e, para que isso aconteça, é primordial que se leve em consideração as experiências e as expectativas dos fiéis.

Mas, como se constroem os significados e como estes são ressignificados? Para responder à pergunta serão apresentadas teorias da Linguística e da Neurolinguística e, posteriormente, as relações destas com fragmentos do discurso religioso. A adequação da linguagem é fundamental no processo de compreensão entre seus interlocutores. Papa Francisco, na Exortação *Evangelii Gaudium* (2013), escreveu aos Bispos alertando-os de que

147. Em primeiro lugar, convém estarmos seguros de compreender adequadamente o significado das *palavras* que lemos. Quero insistir em algo que parece evidente, mas que nem sempre é tido em conta: o texto bíblico, que estudamos, tem dois ou três mil anos, a sua linguagem é muito diferente da que usamos agora. Por mais que nos pareça termos entendido as palavras, que estão traduzidas na nossa língua, isso não significa que compreendemos corretamente tudo o que o escritor sagrado queria exprimir. São conhecidos os vários recursos que proporciona a análise literária: prestar atenção às palavras que se repetem ou evidenciam, reconhecer a estrutura e o dinamismo próprio dum texto, considerar o lugar que ocupam os personagens, etc. Mas o objetivo não é o de compreender todos os pequenos detalhes dum texto; o mais importante é descobrir qual é a mensagem *principal*, a mensagem que confere estrutura e unidade ao texto. Se o pregador não faz este esforço, é possível que também a sua pregação não tenha unidade nem ordem; o seu discurso será apenas uma súpula de várias ideias desarticuladas que não conseguirão mobilizar os outros. A mensagem central é aquela que o autor quis primariamente transmitir, o que implica identificar não só uma ideia mas também o efeito que esse autor quis produzir. Se um texto foi escrito para consolar, não deveria ser utilizado para corrigir erros; se foi escrito para exortar, não deveria ser utilizado para instruir; se foi escrito para ensinar algo sobre Deus, não deveria ser utilizado para explicar várias opiniões teológicas; se foi escrito para levar ao louvor ou ao serviço missionário, não o utilizemos para informar sobre as últimas notícias. (PAPA FRANCISCO, 2013)

Para que a exegese tenha significado para os interlocutores é preciso situá-la num determinado contexto e direcioná-la a um determinado público que, ao ouvi-la ou lê-la, esta corresponda aos anseios e faça parte das experiências dos indivíduos envolvidos. Conforme aludido, constata-se que para que haja a transmissão efetiva no ato comunicativo é necessária a ativação de vários tipos de linguagem, dentre eles, cabe destacar, os elementos linguísticos que não estão presos somente à palavra, mas aos sentidos que esta conduz e os reaviva nos sujeitos envolvidos no discurso. Tais sujeitos dispõem de conhecimentos que, baseados em experiências, estão associados à época, à cultura na qual o sujeito está inserido, ou seja, o contexto é extremamente relevante, senão indispensável para a construção dos processos de significação.

Os linguistas Martelotta e Palomares (2008) afirmam que

(..) a expressão “processos de significação” indica que não há significados prontos, mas mecanismos de construção de sentidos a partir de dados conceituais essencialmente ricos e dinâmicos. Em outras palavras, os significados não são elementos mentais únicos e estáveis, mas resultam de processos complexos de integração entre diferentes domínios do conhecimento. (MARTELOTTA; PALOMARES, 2008, p.179)

Relacionando as ideias dos linguistas sobre a construção dos significados como algo dinâmico e social, cabe ressaltar também as palavras do Papa Francisco na Exortação *Evangelii Gaudium* (2013):

232. A ideia – as elaborações conceituais – está ao serviço da captação, compreensão e condução da realidade. A ideia desligada da realidade dá origem a idealismos e nominalismos ineficazes que, no máximo, classificam ou definem, mas não empenham. O que empenha é a realidade iluminada pelo raciocínio. É preciso passar do nominalismo formal à objetividade harmoniosa. (PAPA FRANCISCO, 2013)

Isso indica que a significação é negociada entre os interlocutores em situações contextuais específicas. Como já apresentado, a ‘Palavra de Deus’, desde o início da pregação, era transmitida por meio de parábolas, pois o conhecimento do povo da Galiléia era baseado, principalmente, nas experiências de vida às quais eram relacionadas a uma vida simples e voltada exclusivamente ao campo. Por isso, a escolha de vocábulos (campo, terra, semente, fruto) e a alusão destes à palavra de Deus não era acidental ou despreziosa, mas remetia ao povo uma noção experiencial de sentidos e, este sentido não constitui atributo intrínseco da linguagem, mas uma ‘atividade síncrona de cooperação’ entre os interlocutores. Corroborando com as ideias de Martelotta e Palomares (2008, p.184), “(..) a linguagem é um instrumento cognitivo que tem como função organizar e fixar a experiência humana. Os significados só podem ser descritos com base nessas experiências, assim como no conjunto de conhecimentos delas provenientes”.

Para a construção do significado, os cognitivistas consideram aspectos associados a limitações cognitivas que, para Martelotta e Palomares (2008, p.170), “incluem a captação de dados da experiência, compreensão e armazenamento na memória, assim como a capacidade de organização, acesso, conexão, utilização e transmissão adequada de dados”. Porém cabe ressaltar que tais aspectos só se efetivam socialmente tendo em vista que, somos seres inseridos em um ambiente cultural.

Neste ambiente, encontram-se diferentes objetos e diversos significados que lhes são atribuídos. Também vale citar as várias atividades nas quais cada comunidade realiza e lhe confere sentidos diferenciados. Segundo os cognitivistas, os objetos e as atividades para serem utilizados e compreendidos são inseridos num processo de ‘categorização da realidade’. Gilles Fauconnier e Mark Turner, citados por Martelotta e Palomares (2008), ressaltam que

(..) as mais simples atividades do nosso dia-a-dia, como por exemplo, reconhecer que um objeto é uma xícara de café, implica associar, ao mesmo tempo, representações visuais e táteis de sua forma, a temperatura, o odor e o gosto do café, e também o modo como esse objeto é manuseado e utilizado. Todas essas comparações são recriadas em diferentes regiões do cérebro a cada momento que ouvimos essa expressão. (FAUCCONNIER; TURNER, 1997, *apud* MARTELOTTA; PALOMARES, 2008, p.179-180)

Não se trata unicamente de reconhecer o objeto em si, mas sim 'situá-lo' no tempo e no espaço, no qual o indivíduo teve sua primeira percepção no primeiro contato com o objeto. Para Martelotta e Palomares (2008, p.180), "nosso cérebro e nosso corpo dão a eles esse *status*, do mesmo modo que um sentido de um quadro não está no quadro em si, mas na interpretação que fazemos dele".

O mesmo processo pode ser aplicado às atividades de nosso cotidiano, pois gestos simples, para cristãos católicos, como 'acender uma vela' pode ser interpretado de maneira diferente, dependendo do contexto em que este é utilizado (acender a vela porque acabou a luz, acender a vela dentro de casa ao lado de uma imagem, acender a vela dentro de uma Igreja...), porém, a interpretação do referido gesto é um fato sociocultural e revela nossa capacidade de assimilar a intenção 'por trás' desse gesto.

Comumente, as igrejas católicas do mundo todo, no momento da celebração das missas, têm as velas dispostas e acesas no altar. No velório, a vela acesa simboliza que 'a pessoa morta era cristã'. Nos cemitérios, túmulos iluminados pela luz da vela indicam onde jaz um cristão. Corroboram-se tais afirmações pelos Salmos: "Porque o Senhor vela pelo caminho dos justos" (SALMOS 1, 6) e "O Senhor vela pela vida dos íntegros, e a herança deles será eterna" (SALMOS 36, 18). No Código Canônico, em especial na página 168 do Cân. 940- assevera-se que "Diante do tabernáculo em que se conserva a santíssima Eucaristia, esteja acesa continuamente uma 'lâmpada especial', com que se indique e honre a presença de Cristo." A vela é um símbolo materializado, presente na realização de todos os sacramentos da Igreja em que, os fiéis a relacionam como 'uma forma de diálogo com Deus'. Para Daniel Miller, "(..) há um princípio básico encontrado na maioria das religiões que dominaram a história registrada. A sabedoria foi atribuída àqueles que afirmam que a materialidade representa o meramente aparente, sob o qual jaz o real". (MILLER, 2013, p.105)

A utilização da vela, dentro da Igreja, é considerada, pelo cristão, como a luz, o caminho para se chegar ao Divino; entretanto, também passou a ser utilizada para implorar as mais diversas graças, como saúde, paz, emprego, conversão, entre outras. O ritual de acender uma vela para pedir ou agradecer a intercessão de Deus era habitualmente realizado em determinado espaço da casa, juntamente a uma espécie de altar, com imagens e artigos religiosos. Também esse ato era muito comum nas igrejas junto ao altar do Santíssimo e, por fim, no cemitério, em especial, no túmulo, acesa 'pela alma' de entes queridos.

Para O'Connor e Seymour (1995):

Usamos nossos sentidos para explorar e mapear o mundo exterior, uma infinidade de possíveis impressões sensoriais das quais somos capazes de perceber apenas uma pequena parte. Essa parte que podemos perceber é filtrada por nossas experiências pessoais e únicas, nossa cultura, nossa linguagem, nossas crenças, nossos valores, interesses e pressuposições. Vivemos em nossa própria realidade, construída a partir de

nossas impressões sensoriais e individuais da vida, e agimos com base no que percebemos do nosso modelo de mundo. (O'CONNOR; SEYMOUR, 1995, p.22)

O sentido que atribuímos aos objetos e aos gestos, socialmente construídos, vai da experiência com estes compartilhada. Isso corrobora com as ideias de O'Connor e Seymour (1995, p.42), já que "(..) usamos os sentidos externos para observar o mundo, e os internos para 'reapresentar' a experiência para nós mesmos." No discurso comunicacional religioso é importante perceber como os sentidos externos e internos são acionados nos fiéis. Na Exortação *Verbum Domini*, o Papa Bento XVI aborda sobre a 'Palavra de Deus' na vida e na missão da Igreja, enfatizando que

109. O anúncio joanino referente à encarnação do Verbo revela o vínculo indissolúvel que existe entre a *Palavra divina* e as *palavras humanas*, através das quais Se nos comunica. Foi no âmbito desta reflexão que o Sínodo dos Bispos se deteve sobre a relação entre Palavra de Deus e cultura. De fato, Deus não Se revela ao homem abstractamente, mas assumindo linguagens, imagens e expressões ligadas às diversas culturas. Trata-se de uma relação fecunda, largamente testemunhada na história da Igreja. Hoje tal relação entra também numa nova fase, devido à propagação e enraizamento da evangelização dentro das diversas culturas e nas mais recentes evoluções da cultura ocidental. Isto implica, antes de mais nada, reconhecer a importância da cultura como tal para a vida de cada homem. De fato, o fenômeno da cultura, nos seus múltiplos aspectos, apresenta-se como um dado constitutivo da experiência humana: «O homem vive sempre segundo uma cultura que lhe é própria e por sua vez cria entre os homens um laço, que lhes é próprio também, determinando o caráter inter-humano e social da existência humana».[354] (PAPA BENTO XVI, 2010)

As diferentes formas de expressar a 'Palavra de Deus' aos fiéis de diferentes culturas requer, do sacerdócio, domínio de diferentes linguagens que englobem o conhecimento de comportamentos e ideias, que sejam carregados de significação para aqueles que as recebem, pois, se o homem vive segundo uma cultura que lhe é própria, tal cultura precisa ser entendida pelo enunciador para que este possa relacionar pensamento e experiência.

Esse conjunto de conhecimentos, para a linguística, é chamado de 'domínios conceptuais', os quais são 'espaços de referência' ativados ora por formas linguísticas, ora por formas pragmáticas e que auxiliam a construir os significados. Martelotta e Palomares (2008) reiteram que os domínios são de duas naturezas: estáveis e locais. Para os autores (2008),

Domínios estáveis são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória pessoal ou social, que se constituíram historicamente como uma herança da espécie humana, ou seja, um conjunto de informações que o homem aprendeu a partilhar. É importante compreendermos que qualquer transmissão de informação implica trazer da memória esses conhecimentos. (MARTELOTTA; PALOMARES, 2008, p.184-185)

Estes domínios estão associados aos aspectos culturais criados e perpetuados pelo homem como, por exemplo, o cristão católico brasileiro celebra no dia 25 de dezembro o Natal. Vale lembrar que, por ex. dezembro corresponde a um determinado mês do ano, o ano

corresponde a um determinado número de dias e essa divisão do tempo em anos, meses e dias – é uma convenção humana, tendo, portanto, fundamento cultural.

Dentro da subdivisão dos domínios estáveis, os linguistas Martelotta e Palomares (2008, p.185) apontam também as chamadas “*Molduras Comunicativas* – estruturas de conhecimento relacionadas à formas organizadas de interação. Caracterizam-se, por um conjunto de procedimentos que identificam um tipo de atividade social”; assim, por exemplo, a participação do cristão católico na missa, como evento, celebrado pelo Padre, tem por objetivo transmitir a ‘Palavra de Deus’ aos participantes. Observa-se então que, o evento “missa” demanda comportamentos estabelecidos (padre e fiéis) e que cada participante tem um papel previamente determinado. As ‘molduras comunicativas’ são acordos firmados e partilhados em uma comunidade.

Percebe-se portanto que, os domínios estáveis estão condicionados na memória e relacionados com informações que o homem aprendeu a partilhar. Já os ‘domínios locais’ são definidos por Martelotta e Palomares (2008, p.186-187) como sendo

(..) operadores do processamento cognitivo, ou seja, têm um caráter dinâmico e sequencial, já que são produzidos na medida em que falamos. Esses espaços mentais são domínios dinâmicos estruturados internamente por domínios estáveis, o que significa que são elementos que suscitam aspectos do conhecimento compartilhado entre os interlocutores ou em um determinado ponto do discurso.

Os domínios estáveis são aqueles construídos e armazenados na memória do sujeito, ou seja, todas as vezes que o sujeito é exposto a uma determinada situação social, como já exemplificado com a comemoração do Natal, na participação em uma missa ele aciona, na memória, os conceitos significativos os quais o levam a uma experiência singular. Já os ‘domínios locais’ são produzidos no momento em que falamos e são ativados por meio de conectores, os quais engendram alguns pontos do conhecimento construído. Entretanto, este só será compreendido num determinado ‘contexto do discurso’ em que todos os interlocutores dividam os mesmos conhecimentos, as mesmas experiências.

Segue um exemplo para elucidar a importância de se ativar os ‘domínios estáveis e locais’ para que a comunicação se efetive entre interlocutores. É importante considerar que a mensagem abaixo é direcionada aos cristãos católicos brasileiros.

A *Missa do Galo*, no ano de 2020, aqui no Brasil, em virtude da pandemia, foi realizada somente com a presença dos *sacerdotes e ministros*, ou seja, não foi permitida a entrada dos fiéis na Igreja e a celebração foi transmitida pelos meios de comunicação.

Observam-se assim, os elementos que caracterizam os domínios estáveis diante desse evento religioso. Sendo a **Missa do galo (o evento)** – uma celebração que acontece todos os anos na véspera do Natal, dia 24 de dezembro à meia-noite, para celebrar a chegada de Cristo; o

sacerdote (protagonista) -é o representante do Sagrado, habilitado para realizar os ritos religiosos; este é auxiliado por um **ministro religioso (ajudante)** -que é pessoa autorizada pela Igreja que realiza serviços junto aos sacerdotes (liturgias, servem as hóstias, etc..), e por fim destaca-se o local onde a missa fora realizada, ou seja, na **Igreja (espaço físico)** – templo sagrado.

Continuando com a análise, com a abordagem referente aos elementos que caracterizam os domínios locais, são apontadas as particularidades desse rito religioso, a Missa do Galo, no Brasil, especificamente no ano de 2020.

Neste recorte tem-se como o **Modelo Cultural** representado pela expressão - **No Brasil**; a Missa do Galo foi somente transmitida; Já em relação ao **Tempo** - a expressão indicativa é - **Neste ano**; a Missa do Galo foi somente transmitida. Outro domínio local diz respeito ao **Lugar** – representado pelo advérbio - **Aqui**; a Missa do Galo foi somente transmitida e, por fim, apresenta-se a **Hipótese** – indicada pelo advérbio de modo – **Provavelmente**; a Missa do Galo foi somente transmitida.

A partir da exposição de quais e como os domínios estáveis e locais são ativados, verifica-se o quão complexa é a construção do processo de significação entre os interlocutores. No que se refere ao discurso religioso, é preciso adequação e readequação das diferentes linguagens (palavras, imagens, símbolos) para que a ‘Palavra de Deus’ seja transmitida para diferentes povos de diferentes culturas. É o que o Papa Francisco alerta no fragmento da exortação *Evangelii Gaudium* (2013):

73. Novas culturas continuam a formar-se nestas enormes geografias humanas onde o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes em contraste com o Evangelho de Jesus. Uma cultura inédita palpita e está em elaboração na cidade. O Sínodo constatou que as transformações destas grandes áreas e a cultura que exprimem são, hoje, um lugar privilegiado da nova evangelização. [61] Isto requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas. Os ambientes rurais, devido à influência dos *mass-media*, não estão imunes destas transformações culturais que também operam mudanças significativas nas suas formas de vida. (PAPA FRANCISCO, 2013)

Nas palavras do Pontífice, as novas culturas têm exigido das pessoas ‘olhares múltiplos’ em relação aos padrões que reorientam formas de receber e processar as mensagens. No ano 64, no século I, ‘a Palavra’ era transmitida oralmente, por meio de imagens; em seguida, com surgimento do alfabeto e a invenção da imprensa, a Palavra passa a ser transmitida por meio da escrita impressa; com os meios de comunicação ‘a Palavra’ nos chega pelo rádio, televisão e, com o advento da *internet*, em especial da cultura digital, ‘a Palavra’ passa a ser propagada de diversas formas e em diferentes ambientes (reais e virtuais).

A Igreja católica precisa se readequar, ou seja, se ressignificar para garantir a continuidade do processo de evangelização, atendendo à nova realidade socio-cultural. Seguindo na Exortação *Evangelii Gaudium* (2013), o Papa Francisco afirma ainda que:

87. Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a «mística» de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada. Assim, as maiores possibilidades de comunicação traduzir-se-ão em novas oportunidades de encontro e solidariedade entre todos. Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos. (PAPA FRANCISCO, 2013)

As novas configurações de comunicação são traduzidas pelo Papa como novas formas de experiência cristã e que não são separadas das nossas crenças que funcionam como filtros. Tais crenças influenciam nosso comportamento, motivando-nos a ressignificar a maneira de propagar e receber a Palavra para o efetivo encontro com o divino. Retomando a Exortação *Evangelii Gaudium* (2013), o Papa Francisco reconhece que

11. Um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tíbios ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora. Na realidade, o seu centro e a sua essência são sempre o mesmo: o Deus que manifestou o seu amor imenso em Cristo morto e ressuscitado. Ele torna os seus fiéis sempre novos; ainda que sejam idosos, “renovam as suas forças.” (PAPA FRANCISCO, 2013)

Quando a Igreja passa a utilizar os meios digitais, conseqüentemente modifica seu areópago para evangelizar. Ela passa assim, a ressignificar a forma de anunciar ‘a Palavra de Deus’ e, o cristão católico, ao assistir à missa pela televisão, pelo computador, pelo celular, pelo tablet ou passa a acender uma vela digital, está ressignificando sua forma de viver e experienciar ‘a Palavra de Deus’. Corroborando com as ideias de Blander e Grinde (1986, p.9), “O significado de todo acontecimento depende do “molde” (*frame*) pelo qual o vemos. Vale destacar a definição que concerne à Semântica do Frame (1982, p.11):

A semântica do quadro (*frame*) oferece uma maneira particular de olhar para o significado das palavras. (...) Pelo termo 'quadro', "*frame*" tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de forma que, para entender qualquer um deles, é preciso entender toda a estrutura na qual se encaixa. Quando um dos elementos em tal estrutura é introduzido em um texto ou conversa, todos os outros são disponibilizados automaticamente. (FILLMORE, 1982, p.11, em tradução livre da autora.)²⁴

24 Do original: *Frame semantics offers a particular way of looking at word meanings, as well as a way of characterizing principles for creating new words (...) By the term 'frame' I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits; when one of the things in such a structure is introduced into a text, or into a conversation, all of the others are automatically made available.*

Quando mudamos de molde, mudamos o significado e, “quando o significado se modifica, as pessoas e comportamentos da pessoa também se modificam”, ou seja processa-se uma ressignificação que se trata da habilidade de situar o evento comum (no caso do cristão católico ir à missa todos os domingos) em um ‘novo molde’ que lhe seja útil ou capaz de lhe proporcionar satisfação (no caso do cristão católico assistir à missa aos domingos pelo celular).

Infere-se, portanto que, a construção do processo de significação depende do “molde” pelo qual a pessoa experencia certo costume que antes vivenciava de forma limitada, em termos de tempo e lugar. Diante desse novo paradigma social, o Papa João Paulo II na Exortação Apostólica *CHRISTIFIFELES LAICI* (1988) reflete que:

Nesta nova etapa, a formação, não só do clero local, mas também de um laicado maduro e responsável, coloca-se nas novas Igrejas como elemento essencial e obrigatório da *plantatio Ecclesiae*.⁽¹²⁸⁾ Dessa forma, as próprias comunidades evangelizadas lançam-se para novas paragens do mundo a fim de responderem, também elas, à missão de anunciar e testemunhar o Evangelho de Cristo. (PAPA JOÃO PAULO II, 1988)

A significação e ressignificação de ações, depende do contexto, dos sujeitos envolvidos e dos interesses que estão em evidência. Conforme elucidam Blander e Grinde (1986, p.10): “Uma luz num campanário de igreja é simplesmente isso. Mas, para Raul Revere, significava que os ingleses estavam chegando, e ainda, de que modo se aproximavam: “uma, se por terra; duas, se por mar”. A luz só tem significado em termos de instruções prévias que estabeleceram um contexto, um molde; molde interno que determina o significado.

O Papa João Paulo II na Exortação Apostólica *Pastores Gregis* (2003) reafirma que:

30. A evangelização da cultura e a inculturação do Evangelho são parte integrante da nova evangelização e conseqüentemente tarefa própria do múnus episcopal. A tal propósito e retomando expressões minhas anteriores, o Sínodo insistiu: «Uma fé, que não se torna cultura, é uma fé não plenamente acolhida, nem integralmente pensada, nem fielmente vivida». (122) (PAPA JOÃO PAULO II, 2003)

Evangelizar é um ‘ato de troca’, pois o evangelizador leva ‘a Palavra de Deus’ para o fiel e Puntel e Corazza (2007, p.22) acrescentam que “este trabalho não só descentraliza a Igreja de si mesma, como a situa de modo diferente no mundo e reivindica uma nova teologia de ação evangelizadora.” É preciso haver diálogo entre fé e cultura para conectar os ensinamentos entre a Igreja e o mundo.

Desta maneira, o Papa Bento XVI na Exortação Apostólica *Verbum Domini* (2010) assevera que

A Palavra de Deus inspirou, ao longo dos séculos, as diversas culturas, gerando valores morais fundamentais, expressões artísticas magníficas e estilos de vida exemplares. [355] Assim, na esperança de um renovado encontro entre Bíblia e culturas, quero reafirmar a todos os agentes culturais que nada têm a temer da sua abertura à Palavra de Deus, que nunca destrói a verdadeira cultura, mas constitui um estímulo constante para a busca de expressões humanas cada vez mais apropriadas e significativas. Para servir verdadeiramente o homem, cada cultura autêntica deve estar aberta à transcendência e, em última análise, a Deus. (PAPA BENTO XVI, 2010)

Ao empregar a expressão “renovado encontro” denota-se o cuidado que a Igreja demonstra em se manter de forma eficaz e ressignificada, no processo de evangelização, garantindo, por meio do diálogo, a harmonia e o respeito diante de um pluralismo religioso.

CAPÍTULO III

O PROCESSO CATEQUÉTICO E EVANGELIZADOR

Para relacionar a teoria apresentada a respeito do processo de aculturação e inculturação da fé na Igreja Católica é fundamental conhecer como o clero designava os ensinamentos a serem transmitidos para os fiéis a partir das decisões tomadas pelos chamados Concílios de *Nicéia* ao Concílio *Vaticano II*.

A palavra “concílio”, derivada do latim *concilium*, originou-se no século XII e significa reunião, assembléia. No âmbito teológico sua importância é mistér, pois é na convocação de um Concílio que a Igreja reflete, redireciona e ressignifica seus princípios e suas regras canônicas e os adequa à realidade e à necessidade de se manter viva como Instituição. Alberigo (2020, p. 05) ressalta que “os concílios são uma das mais interessantes e significativas manifestações da dinâmica de comunicação no nível intereclesial que caracteriza o cristianismo dos primeiros séculos.”

Os concílios gerais são convocados pelo Papa (porém, nem sempre a dinâmica foi esta, pois no primeiro milênio alguns concílios foram convocados por Imperadores), em que se reúnem os bispos da Igreja para abordar os principais temas, tipicamente religiosos, como o problema da heresia, a necessidade de reforma e, algumas vezes, temas políticos – em determinado momento.

Vale destacar que os concílios não são convocados regularmente, não têm data preestabelecida, ou seja, são feitas as convocações a partir das necessidades observadas pela Igreja e não se tem determinado o tempo de duração de cada concílio.

A convocação e a realização para um concílio seguem um padrão: primeiro define-se o(s) problema(s) que será(ão) discutido(s); segundo período de preparação – definição de lugar, a convocação, elaboração da pauta; terceiro - a realização - assembleia em que serão discutidos os pontos alçados. Após o Concílio ocorre a tentativa de implementar e efetivar suas deliberações.

Estima-se que, entre os anos 49 e 50 a.C., décadas que sucederam a ressurreição de Jesus, os cristãos se questionavam: “Será que alguém deve ser judeu para que possa ser cristão?” (At e Cl 2,1-10) *apud* Bellitto (2016, p.19) A comunidade decide indagar os Apóstolos e os Anciãos de Jerusalém e, a pedido e custeio por parte da Igreja de Antioquia, lhes enviam Paulo e Barnabé, acompanhados de uma delegação para discutirem e deliberarem um veredicto sobre a questão. Bellitto (2016, p.20) reitera que “(..) este padrão fundamental constantemente se repete: líderes das mais diversas e distantes localidades viajam para um único local como representantes de suas comunidades para discutir um problema que afeta a todos e a sua solução.” Ao término da assembleia, publicavam documento detalhando a decisão tomada pelos membros participantes; no caso deste Concílio que acontecera entre os anos 49 e 50 a.C encontra-se certa discrepância de opiniões que são elucidadas no ‘Ato dos Apóstolos’ e na ‘Carta de São Paulo aos Gálatas’, pois consta no (At 15, 28) a seguinte passagem: “Pois esta decisão pareceu boa ao Espírito Santo e a nós.” A versão de São Paulo, narrada em sua carta aos Gálatas, afirma de acordo com Bellitto (2016, p.20) “(..) aqueles que estavam reunidos, expressavam sua concordância com um aperto de mão, fazendo com que este gesto desse a impressão de que todos haviam participado do encontro em pé de igualdade”. Porém, segundo os ‘Atos dos Apóstolos’, Tiago diz “Irmãos, escutai-me (..) sou de parecer que (..)” (At 15, 13, 19) A partir das duas passagens acima, pode-se observar a divergência de opiniões, pois subtende-se que a decisão fora tomada por uma pessoa e que os demais participantes da assembleia simplesmente concordaram com as deliberações.

Esta assembleia foi chamada de ‘Concílio de Jerusalém’, no entanto este não consta na lista dos 21 Concílios²⁵ elencados pela Igreja, mas foi tido como um modelo padrão.

O Papa Bento XVI, na décima segunda *Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*, na Audiência Geral em outubro de 2008, em Roma, revisita os documentos do Concílio de Jerusalém e reitera as diferentes interpretações dos apóstolos:

25 Ver Anexos – Tabela I – 21 Concílios da Igreja.

São Lucas introduz a carta que os Apóstolos enviaram naquela circunstância às comunidades cristãs da diáspora: “Decidimos, o Espírito Santo e nós...” (Act 15, 28). O Espírito, que age em toda a Igreja, conduz pela mão os Apóstolos no empreendimento de novos caminhos para realizar os seus projetos: Ele é o artífice principal da edificação da Igreja. (PAPA BENTO XVI, 2008)

Para o apóstolo Lucas, as deliberações realizadas no Concílio exprimem a ação do Espírito Santo; logo, na carta do apóstolo Paulo à comunidade, apresenta-se a seguinte situação:

Paulo expõe aos Doze, definidos como as pessoas mais respeitáveis, o seu evangelho da liberdade da Lei (cf. Gl 2, 6). À luz do encontro com Cristo ressuscitado, Ele compreendera que no momento da passagem ao Evangelho de Jesus Cristo, os pagãos já não tinham necessidade da circuncisão, das regras acerca dos alimentos, do sábado, como sinais distintivos da justiça: Cristo é a nossa justiça, e "justo" é tudo aquilo que está em conformidade com Ele. Não são necessários outros sinais distintivos para serem justos. (PAPA BENTO XVI, 2008)

Para este apóstolo, as deliberações desta assembleia representam o reconhecimento da liberdade cristã de agir sempre pelos mais necessitados. Para que as deliberações sejam confirmadas, é preciso que haja consenso em relação aos diferentes e aos polémicos assuntos abordados no conclave, pois os representantes religiosos precisam se posicionar diante de votação. Essa situação ilustra a tensão entre os papas e os bispos durante os concílios gerais ao longo dos séculos. Ressalta-se que, em relação ao funcionamento e à autoridade máxima dos concílios gerais, tem-se o ‘Código de Direito Canônico’ (1983) que prescreve, no Art. 2 intitulado DOS COLÉGIOS DOS BISPOS, cân.336, p.27, que:

O Colégio dos Bispos, cuja cabeça é o Sumo Pontífice e cujos membros são os Bispos, em virtude da consagração sacramental e da comunhão hierárquica coma cabeça e com os membros do Colégio, no qual o corpo apostólico persevera continuamente, junto com sua cabeça, e nunca sem essa cabeça, é também sujeito de poder supremo e pleno sobre a Igreja universal. (CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, 1983)

Afirma-se portanto que, o Papa é a autoridade máxima no que diz respeito à convocação, à condução e às deliberações da assembleia, porém ressalta-se que os bispos que representam diferentes dioceses do mundo ‘agem em ação conjunta’ com o Pontífice, o que é confirmado no cân.339, p.27, de que os bispos: “(..) têm o direito e o dever de participar do Concílio Ecumênico com voto deliberativo.” No decorrer dos séculos, a Igreja já convocou muitos concílios, porém, destaca-se que, oficialmente, são considerados legítimos somente 21: o primeiro, *Nicéia I* datado no ano de 325 e o último *Vaticano II* realizado no século XX, precisamente em 1962. Não foram considerados legítimos os que não foram convocados pelo Papa.

Bellito (2016) divide os 21 concílios gerais, em quatro períodos tradicionais da história da Igreja: o primeiro milênio, o período medieval, o da Reforma e o da Idade Moderna. Em ordem cronológica, os concílios do primeiro milênio objetivaram estabelecer regras doutrinárias para combater a heresia. Os medievais, referentes à época da Reforma, tinham por intuito reformar a

Igreja. Os dois da Idade Moderna, realizados no Vaticano, tiveram razões bem distintas: discutir sobre a infalibilidade papal e renovar a Igreja em relação ao desenvolvimento contemporâneo.

Sendo assim, observa-se que, os oito Concílios do Primeiro Milênio (*Nicéia I, Constantinopla I, Éfeso, Calcedônia, Constantinopla II, Constantinopla III, Nicéia II e Constantinopla IV*) foram todos convocados por Imperadores e tinham interesses políticos. Dentre estes, queriam instituir que o cristianismo se tornasse a única religião permitida em todo o Império Romano, pois se acreditava que essa fé (ao contrário do paganismo) ajudaria a transformar o Império Romano. Ressalta-se também que a participação nestes Concílios constava com a maioria de participantes da Igreja do Oriente (grega) e a presença da Igreja Ocidental (latina) era limitada em virtude das dificuldades desta ser comunicada e também do tempo de deslocamento para a participação nas assembleias.

Há registros de que, em alguns Concílios, quando os representantes do clero da Igreja ocidental chegavam, muitas decisões já tinham sido tomadas pela minoria presente. A situação exposta caracteriza o que Batisde (1960, p.326) *apud* Cuche (2002 p.131) ilustra como fator demográfico no fenômeno da aculturação: “qual dos grupos em contato é majoritário numericamente e qual dos dois é minoritário?”. Percebe-se que, a presença do clero oriental era majoritária estatística e politicamente, pois as decisões tomadas favoreciam a Igreja Oriental e os Imperadores.

Denota-se, portanto, que havia uma necessidade do clero ocidental em adequar-se às deliberações prescritas, como: a proibição de bispos, sacerdotes e diáconos de mudar de sua igreja de origem para outra sem pedir permissão; a proibição de qualquer membro de clero de viver com uma mulher; a aprovação das imagens e o uso de ícones e, por extensão, o ensinamento tradicional da Igreja de que os Santos, que já haviam falecido, podiam interceder em favor dos cristãos que ainda estavam vivos. Os padres deste concílio explicaram e descreveram como os fiéis deveriam usá-los; e, por fim, a definição e colocação do ‘Espírito Santo’ no mesmo patamar que ‘Deus Pai’ e ‘Deus Filho’. Cabe ressaltar que tais decisões eram tomadas pelos membros presentes, ou seja, a Igreja Oriental e imperadores.

O segundo fator de aculturação citado por Batisde (1960, p.326) *apud* Cuche (2002 p.131) é o ecológico e questiona-se “onde se dá o contato? Nas colônias ou na metrópole?” Reitera-se que os 8 primeiros concílios foram realizados nas metrópoles, em especial nos palácios dos imperadores, o que favorecia a presença dos representantes da Igreja oriental e dificultava a participação dos representantes da Igreja ocidental, conforme citado acima. Já quanto ao último fator, denominado de ‘étnico’, Batisde (1960, p.326) *apud* Cuche (2002 p.131) questiona “qual é a estrutura das relações interétnicas? Existem relações de dominação/subordinação?” Conforme observado no cenário descrito e diante das deliberações do Concílio de Constantinopla IV, explicita-se o primado romano e o reconhecimento da pentarquia (Roma, Constantinopla,

Alexandria, Antioquia e Jerusalém), ou seja: as decisões eram tomadas com base no elemento de dominação política. Somente a partir do Concílio de Latrão I, primeiro da Idade Média, realizado no terreno da residência papal em Roma, é que se encerra a crise nas relações entre o papado e o Império, com a *Concordata de Worms* em 1122²⁶, pois na interpretação de uma população analfabeta era o imperador que dispunha do poder espiritual.

É de conhecimento que a Igreja sempre teve por objetivo conquistar o maior número de fiéis que seguissem e pregassem ‘a Palavra’ de acordo os dogmas impostos pelo Magistério, mas vale ressaltar que, mesmo dentro da própria Instituição, em virtude das diferentes interpretações da Escritura e das diferentes culturas dos povos orientais (gregos) e ocidentais (latinos), houve uma fragmentação da Igreja, pois o processo de interpretação ‘da Palavra’ variava de acordo com os conhecimentos linguísticos e culturais de cada povo.

Um exemplo disso reside no fato de que, para a elaboração do Credo, instrumento pedagógico para sintetizar o conteúdo central da fé cristã, houve uma primeira discussão, no ano de 325 no Concílio de Nicéia, cuja abordagem foi a interpretação cristológica da Trindade – Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. A dificuldade estava em como explicar que Jesus era ‘humano e divino ao mesmo tempo’ e que Jesus era ‘uma única pessoa e não duas’, pois em latim a palavra *homo-ousios* significa consubstancia, ou seja, substância, já no grego significa essência, porém se acrescentasse um “-i-” *homi-ousios* – significava que Jesus tinha essência semelhante a do Pai (mas não era a mesma essência).

No ano de 381, no Concílio de Constantinopla, reafirmou-se o ‘credo niceno’ deixando a expressão *homo-ousios* no mesmo patamar que Deus Pai e Deus Filho (*Filioque*)²⁷. A partir de então, a Igreja passa a utilizar como oficial o ‘credo niceno constantinopolitano’. Somente em 1992, o Papa João Paulo II apresenta o Catecismo da Igreja Católica, que consta no Parágrafo 2 - parte II – no tópico ‘A revelação de Deus como Trindade’ e são apresentadas as diferenças de interpretação do Credo, causadas pelo emprego de certas palavras que, em virtude do latim e do grego, fomentam diferentes entendimentos:

246 A tradição latina do Credo confessa que o Espírito «procede do Pai e do Filho (*Filioque*)». O Concílio de Florença, em 1438, explicita: «O Espírito Santo [...] recebe a sua essência e o seu ser ao mesmo tempo do Pai e do Filho, e procede eternamente de um e do outro como dum só Princípio e por uma só inspiração [...] E porque tudo o que é do Pai, o próprio Pai o deu ao seu Filho Unigênito, gerando-O, com exceção do seu ser Pai, esta mesma procedência do Espírito Santo, a partir do Filho, Ele a tem eternamente do seu Pai, que eternamente O gerou» (56)

26 A ‘Concordata de Worms’ em 1122 decidia que o Imperador ‘abrisse mão’ do direito de nomear representantes da Igreja e de ostentar os símbolos de seu poder espiritual; o papa permitia que um soberano leigo estivesse presente na eleição de um representante da Igreja.

27 **247** A afirmação do *Filioque* não figurava no Símbolo de Constantinopla de 381. Mas, com base numa antiga tradição latina e alexandrina, o Papa São Leão já a tinha confessado dogmaticamente em 447 (57), mesmo antes de Roma ter conhecido e recebido o Símbolo de 381, no Concílio de Calcedônia, em 451). O uso desta fórmula no Credo foi sendo, pouco a pouco, admitido na liturgia latina (entre os séculos VIII e XI). A introdução do *Filioque* no Símbolo Niceno-Constantinopolitano pela liturgia latina constitui, ainda hoje, no entanto, um diferendo com as igrejas ortodoxas.

248. A tradição oriental exprime, antes de mais, o carácter de origem primeira do Pai em relação ao Espírito. Ao confessar o Espírito como «saído do Pai» (Jo 15, 26), afirma que Ele *procede* do Pai *pelo* Filho (58). A tradição ocidental exprime, sobretudo, a comunhão consubstancial entre o Pai e o Filho, ao dizer que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho (*Filioque*). E di-lo «de maneira legítima e razoável» (59), «porque a ordem eterna das pessoas divinas na sua comunhão consubstancial implica que o Pai seja a origem primeira do Espírito, enquanto «princípio sem princípio» (60), mas também que, enquanto Pai do *Filho* Único, seja com Ele «o princípio único de que procede o Espírito Santo» (61). Esta legítima complementaridade, se não for exagerada, não afeta a identidade da fé na realidade do mesmo mistério confessado. (PAPA JOÃO PAULO II, 1992)

Diante do cenário apresentado, e considerando os critérios de aculturação propostos por Batisde (1960) destaca-se também um processo de 'aculturação' de ordem cultural, ou seja, que diz respeito à heterogeneidade das culturas envolvidas em que a Igreja tenta explicar de forma universal, porém priorizando a língua e os costumes da Igreja oriental, de que Jesus Cristo é uma única pessoa representada pela Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) sem cair num triteísmo (três deuses).

Retomando as ideias apresentadas no Catecismo da Igreja Católica, em 1992 o Papa João Paulo II assevera que o mistério da Santíssima Trindade é

(..) o ensinamento mais fundamental e essencial na «hierarquia das verdades da fé» (35). «Toda a história da salvação não é senão a história do caminho e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, Se revela, reconcilia consigo e Se une aos homens que se afastam do pecado»(PAPA JOÃO PAULO II, 1992)

Sendo assim, observa-se uma certa imposição de controle em relação aos cristãos católicos que, independente da cultura de origem (línguas, rituais, etc.), precisam acreditar e pregar os ensinamentos declarados no credo: oração realizada em momentos dos ritos cristãos, desde as celebrações eucarísticas diárias até orações do Santo Terço, em que se roga – “Creio em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, nascido do Pai antes de todos os séculos: Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai”. O verbo ‘crer’ denota ter fé num único Deus, representado pela *Santíssima Trindade*, o qual deve ser proclamado em todos os momentos de oração e confiança para que se efetive o encontro com a imaterialidade Divina.

Os concílios referentes à Reforma foram realizados entre 1414 e 1562. São eles: *Constança*, *Basiléia-Ferrara-Florença-Roma*, *Latrão V* e *Trento*. Esses foram os concílios mais polêmicos da Igreja, pois foi quando se instalou o ‘Grande Cisma Ocidental’ e, conseqüentemente, o movimento do Conciliarismo²⁸ e as ideias dos protestantes, cujo representante foi Martinho Lutero, que liderou a Reforma Protestante que colocava em evidência que muitos ensinamentos

28 Para Bellitto (2016, p.114), o Conciliarismo é um movimento que "Embora a Igreja tivesse um líder na pessoa do papa, considerado o vigário de Cristo, todas as diferentes versões do conciliarismo ("constitucionalistas" ou democráticas") compartilhavam a ideia de que todos aqueles que fossem afetados por determinada lei ou por determinada ação tinham o direito de dar a sua opinião sobre elas, pessoalmente ou por meio de seus representantes".

de Deus ficavam concentrados nas mãos da Igreja Católica. Diante da desordem instaurada, a Igreja precisou se posicionar e rever seus cânones e, principalmente a forma de dialogar com os fiéis.

Antes de adentrar nas especificidades dos temas citados, faz-se necessário situar o contexto sócio-histórico, bem como a crise dos séculos XIV e XV da Europa.

O Renascimento, movimento artístico e cultural, que teve início na Itália no século XIV e logo se espalhou para vários países da Europa, trouxe muitas discussões e inovações sociais; mas dentre suas principais características pode-se destacar o racionalismo (desenvolvimento do conhecimento) e o antropocentrismo – em que o homem passa a ser considerado o centro do universo, situação que enfraquece o teocentrismo. Diante do movimento antropocentrista, a sociedade passa a viver a chamada ‘era do Humanismo’.

Com o crescimento demográfico desordenado, surgem problemas como a fome e as doenças pandêmicas como a Peste Negra. Vários países da Europa também sofriam com a instabilidade política (monárquica e religiosa), que acaba gerando reformas religiosas que acarretam uma dispersão de fiéis católicos para outras religiões, a chamada Reforma Protestante.

De acordo com Lorenzo Luzuriaga (1963, p.108), “A Reforma é parte do grande movimento humanista da Renascença: é a sua aplicação na vida religiosa”; e Barbosa (2007, p.19) complementa apresentando pontos em comum entre tais movimentos, como a “acentuação da personalidade autônoma e da individualidade livre; senso crítico quanto à autoridade dogmática; a busca na vida espiritual, no íntimo do homem, ao invés das letras e doutrinas impostas”. Diante da conjuntura sociopolítica cultural, o homem passa a questionar muitos ensinamentos dogmáticos e colocar em evidência as suas dúvidas em relação à salvação pela fé, requisitando a leitura da Bíblia por todos os cristãos e não somente aquela restrita ao clero.

Em virtude da desordem político-social, a Igreja Católica vinha passando por uma divisão entre a Igreja Ocidental e Oriental. Tal cisão durou 40 anos e é conhecida como o Grande Cisma Ocidental (1378–1417) - momento da história religiosa em que três Papas tiveram simultaneamente a pretensão de ser o sucessor de Pedro. Então, no ano de 1378, um grupo de cardeais decide nomear um novo Papa fora do conclave, o Papa romano Urbano VI. Porém, este sendo considerado uma pessoa rude, começa a pressionar os cardeais que acabam declarando a eleição como inválida. Os mesmos cardeais organizaram uma nova eleição, no final de 1378, e escolheram o Papa Clemente VII (romano) e o sucessor Papa Bento XIII (avinhão), que ficam conhecidos como os papas “avinhenses”. Contudo, estes se desentenderam e cada um deles nomeou o seu próprio ‘colégio de cardeais’ e, com isso, passaram a coexistir dois pontificados rivais.

Ante a insatisfação do rompimento entre Roma e Avignon, os cardeais convocaram um Concílio em Pisa ²⁹(1409), em que discutiram sobre a resolução conciliar e nomearam um novo papa Alexandre V, o papa “conciliar” ou “pisano” (natural de Pisa). Diante dessa situação, o “cisma” já contava, a partir deste momento, com o seu terceiro papa. (BELLITTO, 2016)

No ano de 1411, o Papa João XXIII, a pedido do rei alemão Sigismundo da Hungria, convocou o Concílio de Constança; porém, na segunda sessão desta assembléia, o Papa João XXIII fugiu e, a partir de então, neste Concílio foi eleito um novo, o Papa Martinho V. Como esta assembléia fora convocada por um Papa, foi então, considerada legítima e teve como principais objetivos “unificar a Igreja sob o comando de um único papa, reformar a Igreja e combater a heresia”. Este Concílio acabou, portanto, com o Grande Cisma Ocidental.

O próximo Concílio da época da Reforma, convocado pelo Papa Eugênio IV, em 1431, foi considerado o mais longo, pois contou com 45 sessões e foi deslocado para quatro lugares diferentes. Teve início na Basileia e foi, em seguida, transferido para Ferrara. Em 1439, foi deslocado para Florença, pois este seria o local em que os ocidentais se reuniriam com os gregos e muitas questões teológicas e litúrgicas foram discutidas. Após as decisões tomadas e o restabelecimento da união entre a Igreja do Ocidente e do Oriente, em 1443, o Papa Eugênio transfere o concílio para Roma e a última sessão acontece em 1445. As decisões tomadas por esse Concílio resolveram o maior impasse entre a Igreja Ocidental e Oriental: utilizar a palavra *filioque* no credo pois, nos Concílios de Éfeso e Calcedônia, ficara proibida a inclusão de novas expressões e esta havia sido incluída numa das traduções para o latim. Então, os participantes acordaram que o Espírito Santo provinha tanto do Pai quanto do Filho e que todos ocidentais e orientais expressariam o mesmo significado por meio de palavras diferentes (BELLITTO, 2016).

A situação exposta neste último Concílio demonstra a preocupação do Papa Eugênio em realocar a Assembleia para Florença, pois lá seria possível a participação de integrantes da Igreja Ocidental e Oriental. Isto descaracteriza o fenômeno de aculturação, apresentado nos Concílios anteriores, e verificam-se três momentos que marcam o processo de inculturação, que de acordo com Miranda (2001, p.38), são:

(..) primeiro a presença e o encontro com outra cultura, que exige nova linguagem, gestos e símbolos para ser significativa; em seguida vem a difícil fase do diálogo, na qual se examina que elementos culturais podem ou não ser assumidos e valorizados pela fé cristã; finalmente chega-se a uma síntese cultural, que não só enriquece a cultura local, mas ainda contribui para a catolicidade da Igreja.

Na análise do Concílio de *Basileia-Ferrara-Florença-Roma* houve a movimentação para que participantes das Igrejas do Ocidente e do Oriente estivessem presentes. Ao definir a utilização da palavra *Filioque* no credo ficou acordado, após o diálogo entre as duas culturas, que

29 O ‘Concílio de Pisa’ não faz parte dos 21 concílios da Igreja, pois não fora convocado pelo Papa.

mesmo sendo palavra diferente (no Ocidente e no Oriente), esta expressa igual significado. As decisões tomadas inferem um enriquecimento não só para as Igrejas locais, mas também para a Igreja universal que estava saindo de uma crise caracterizada pelo Grande Cisma.

Como o Concílio de *Basiléia-Ferrara-Florença-Roma* deixou em segundo plano as ideias de reforma da Igreja, no ano de 1545 fora convocado o 18º Concílio da Igreja – o *Concílio de Trento* – dividido em três fases e convocado por três Papas diferentes: o Papa Paulo III, o Papa Júlio III e o Papa Pio IV, respectivamente. Tal Concílio durou 18 anos, pois a pauta era longa e numerosa. O objetivo principal desta assembléia seria abordar os problemas que a Igreja Romana enfrentava em virtude das ideias e dos questionamentos protestantes em relação às doutrinas e aos rituais impostos por ela, e assim, muitos cristãos começam a rejeitar tais princípios e, conseqüentemente, a Igreja Romana perdia sua autonomia.

Na visão da maioria dos protestantes, apenas uma reforma nas doutrinas não seria o suficiente para recuperar a soberania diante dos cristãos. Então, vale destacar as principais ideias de João Calvino – teólogo francês – e Martinho Lutero – monge alemão agostiniano – grandes líderes desse movimento. Para João Calvino, as primeiras comunidades cristãs descritas nos Atos dos Apóstolos deveriam ser resgatadas e, com isso, se eliminaria o papado, o colégio de cardeais e a cúria. Para Lutero, as pessoas precisariam repensar o que era a Igreja cristã e algumas questões foram elucidadas com a publicação das suas 95 Teses³⁰.

Dentre os vários questionamentos incluídos nas 95 Teses que abalaram a estrutura da Igreja Católica, Bellitto (2016), destaca as seguintes:

Quais eram as fontes de autoridade: as escrituras, a tradição ou ambas? E o que era a tradição: as obras dos padres da Igreja, os concílios gerais, os decretos papais ou todas essas alternativas? Quantos sacramentos havia, qual era o significado de cada um deles e para que fim eles se destinavam? Quem é que decidia sobre essas questões e em quais argumentos essas decisões deveriam se basear? Como a Igreja deveria ser administrada e como ela deveria celebrar as suas crenças liturgicamente? (BELLITTO, 2016, p.139)

Ao se questionar sobre o papel do Papa, a função dos concílios, bem como a finalidade de cada um dos Sacramentos, as ideias protestantes evidenciaram a necessidade de uma reflexão crítica por parte de muitos cristãos católicos que somente aceitavam as imposições e nunca as refutavam. Para Lutero, muitas dessas questões poderiam ser respondidas se todos tivessem o direito de ler e interpretar a Bíblia sem as interferências clericais.

30 As 95 teses de Martinho Lutero. Debate para o Esclarecimento do Valor das Indulgências pelo Doutor Martinho Lutero 31 de outubro de 1517. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/95%20Teses%20de%20Lutero.pdf>>

Pelo contexto descrito acima, o Concílio de Trento³¹ precisava discutir as temáticas e indicar soluções para não perder a adesão de cristãos católicos, ou seja, se fazia necessária uma Contrarreforma. Na primeira fase do Concílio (1545-1547), presidida pelo Papa Paulo III, discutiu-se sobre a autoridade das escrituras e da tradição, pois muitos protestantes acreditavam que poderiam interpretar as escrituras sem a ajuda de ninguém; já os católicos diziam que os cristãos não podiam interpretar individualmente as escrituras do modo como bem entendessem, mas que a Igreja deveria supervisionar a interpretação e a exegese dos escritos. Na segunda fase do Concílio (1551-1552), presidida pelo Papa Júlio III, foi debatida a temática que dizia respeito à autoridade doutrinária dos bispos enquanto membros da hierarquia da Igreja. Por fim, na terceira fase (1562–1563), presidida pelo Papa Pio IV, discutiu-se sobre a doutrina, a questão do pecado original, o conceito de justificação, os sacramentos e as reformas. (BELLITTO, 2016)

Durante os 18 anos dessa assembléia, foram tomadas importantes e polêmicas decisões para ‘combater as ideias do Protestantismo’, mas em virtude do tempo e da duração, fora inevitável a divisão de católicos e protestantes.

Dentre as decisões tomadas na 1ª fase do Concílio, os delegados deveriam resgatar as discussões, em relação ao credo, instituídas pelos Concílios de ‘Nicéia I’ e de Constantinopla e enfatizar que os ensinamentos baseavam-se nas escrituras e na tradição (padres e Igreja). O Concílio de Trento recorreu à Bíblia, em latim *Vulgata*, e determinou que fosse preparada uma nova versão para a Bíblia em latim. Foi declarada que essa nova versão do Livro Sagrado deveria ser interpretada com a autoridade final da Igreja, ou seja, o cristão não deveria interpretá-la individualmente.

Retomando as ideias de aculturação propostas por Bastide (1960) e revisitadas por Cuche (2002), observa-se que, no momento em que a Igreja define e implanta uma nova versão da Bíblia em latim, prioriza-se um determinado público, ou seja, somente terá acesso ao conteúdo deste Livro o grupo elitizado, letrado. Ao proibir a leitura da Bíblia sem a supervisão de um representante do clero, a Igreja impõe o processo de aculturação forçada que, Bastide (1960) *apud* Cuche (2002) define como algo *planejado e controlado* que resulta de uma intenção de um grupo (dominante) que ambiciona ver evoluir seu modo de vida.

Em relação às decisões referentes à segunda fase deste concílio, destacam-se a reiteração da jurisdição e a dignidade do sacerdócio, sendo o direito de voto concedido apenas aos bispos, superiores das ordens religiosas e representantes dos monastérios. Também reafirmou-se o papel da liderança exercido pelos bispos, atribuindo-lhes o poder de implementar as reformas referentes ao clero e aos leigos. Os bispos deveriam percorrer a sua diocese para verificar como o clero estava ensinando e pregando e como os fiéis estavam recebendo e

31 Ressalta-se que, por conta das guerras incessantes daquele período, o Concílio teve interrupção.

praticando tais ensinamentos, logo, verificavam como as paróquias estavam ministrando os sacramentos.

Tendo em vista as deliberações desta fase da assembleia, percebe-se a necessidade de controle por parte da Igreja, atribuindo aos Bispos diocesanos o papel de averiguar como estão sendo transmitidos os ensinamentos à Igreja Local. O clero tinha de propagar os ensinamentos divinos e também precisava acompanhar como esta Igreja havia preservado os sacramentos impostos.

Na última fase do Concílio de Trento, dentre as medidas adotadas, cita-se a definição dos sete sacramentos da Igreja Católica (Batismo, Crisma, Eucaristia, Penitência, Extrema-unção, Ordenação e Matrimônio). Em seguida, quanto ao significado da eucaristia, deliberou-se que devia ser usado o termo ‘transubstanciação’, pois na fé católica ‘o corpo e o sangue’ de Jesus estavam verdadeiramente presentes na Eucaristia.

Em relação à liturgia, os bispos preservaram a missa rezada em latim, mas que deveria ser explicada para a congregação. Aqui, Bellitto (2016, p.147) alega que

O Concílio de Trento determinou que os bispos deveriam supervisionar a tradução dos rituais latinos referentes aos sacramentos para as línguas locais e se certificar se os sacerdotes e bispos explicavam o seu significado em conformidade com as definições elaborados pelo concílio.

Tal certificação por parte dos Bispos da Igreja Local garantiria que os ensinamentos aprovados na assembleia fossem replicados de acordo com o que fora instituído. Destaca-se que neste Concílio a expressão *anathema sit* (“que seja anatemizado”) fora muito utilizada e significava que qualquer pessoa que tivesse uma opinião contrária aos ensinamentos católicos deveria ser ‘excomungada’.

Evidencia-se que todas as decisões tomadas no Concílio de Trento relacionam-se ao processo de aculturação, no sentido de ‘imposição de uma cultura sobre outra’, pois existe a relação de dominação (Igreja) e subordinação (cristãos católicos) – reafirmando uma ‘aculturação forçada’, pois a língua que deveria ser utilizada nas pregações seria o latim e sabe-se que, nas Igrejas locais, tal língua não era compreendida; com isso, a tradução ou a contextualização dos temas religiosos ficavam reservados exclusivamente ao clero.

Assevera-se também o fator de aculturação de ordem social citado por Cuche (2002, p.130), em que ocorre “(..) abertura ou fechamento das culturas implicadas”, pois, ao utilizarem a expressão *anathema sit* (que significava que qualquer pessoa que tivesse uma opinião contrária aos ensinamentos católicos deveria ser excomungada) constata-se que, se o povo optasse por uma outra forma de religião que não fosse a imposta pela Igreja Católica, estes seriam perseguidos, ou seja, diante dessa decisão do Concílio de Trento observa-se a imposição de fechamento ou anulação de outras religiões para aquele povo, naquele contexto.

Assim, de acordo com Miranda (2001, p.22), o Concílio de Trento “(..) combate as Igrejas reformadas que abriram espaços para as diferentes culturas e diversidades nacionais, vai significar um forte obstáculo à inculturação da fé, ao impor uma uniformidade litúrgica e teológica a toda a Igreja do Ocidente”. Vê-se, desta feita, que propostas da Contrarreforma impuseram aos cristãos católicos uma única maneira de professar a fé e assim conseguir a salvação.

3.1. Concílios da Idade Moderna e a inculturação da fé

Passados três séculos sem a convocação de um Concílio, mudanças sucederam e o mundo se expandiu em muitos aspectos, pois aconteceram grandes revoluções, descobertas científicas e movimentos como o secularismo, o racionalismo, o nacionalismo, o individualismo e o liberalismo que influenciavam fortemente as ideias, bem como o questionamento a respeito de conceitos e teorias tradicionais. A Igreja passara pela Reforma Protestante, em que muitos ensinamentos dogmáticos foram colocados em evidência: dentre eles, a discussão sobre o rompimento do vínculo da autoridade papal com a Igreja Universal e Local, assunto já discutido no Concílio de Trento e que foi a pauta principal do *Concílio Vaticano I*.

O *Concílio Vaticano I* foi convocado pelo Papa Pio IX, em 1869, e finalizado no ano de 1870. Esse teve como objetivos enfrentar repercussões políticas e sociais, pois o poder da imprensa cobrava maior abertura e mais informações da Igreja. Por parte do Vaticano cabia assegurar que a infalibilidade papal fosse definida nesta assembleia. Destaca-se que este foi o primeiro Concílio presidido na nave da Basílica de São Pedro, no Vaticano.

No ano de 2019, para a comemoração de 150 anos do Concílio Vaticano I, foi publicado o livro “*Vaticano I. II. Concilio e la genesi della Chiesa ultramontana*”³² em que o padre jesuíta John William O’ Malley discorre sobre as decisões tomadas nesta Assembleia e que ainda hoje repercutem na Igreja Católica. O livro, dentre outros temas, aborda a importância da infalibilidade papal para a Igreja Católica e, Moises Sbardelloto³³(2019), traduz um trecho que retrata a importância deste concílio, pois tem-se que, se a história conta como chegamos a ser o que somos, a história do Vaticano I conta como a Igreja Católica, em um período relativamente curto, assumiu uma forma nova e muito mais concentrada no papa, que é o que indica o termo *ultramontano*.

De acordo com Santirocchi (2010, p. 24), a palavra

32 Vaticano I: o Concílio e a gênese da Igreja ultramontana, em tradução livre] (Milão: Vita e Pensiero, 2019, 238 pp.

33 Os 150 anos da abertura do Concílio Vaticano I (1869 -2019). Revista IHU-ON-LINE (dezembro 2019) Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595039-os-150-anos-da-abertura-do-concilio-vaticano-i-1869-2019>> Acesso em: 30-10-21

(..) ultramontanismo deriva do latim, ultra montes, que significa “para além dos montes”, isto é dos Alpes. A verdadeira origem do termo se encontra na linguagem eclesiástica medieval, que denominava de ultramontano todos os Papas não italianos que eram eleitos

Tal termo fora utilizado após a Reforma Protestante e indicava que as ações tomadas pelo papado deveriam ser questionadas, pois este era um membro, um representante externo, estrangeiro ao povo, e que as ações temporais decretadas pelo Pontífice deveriam ser reconsideradas e adaptadas à realidade local. Diante disso, “o termo era utilizado de forma difamatória, pois também sugeria a falta de apego à própria nação”. (SANTIROCCHI, 2010, p.24).

A partir do século XIX, diante das transformações sociais e das mudanças tomadas pela Igreja, o termo *ultramontanismo* pode ser resumido, para Santirocchi (2010, p.24), em quatro pontos: “o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da Companhia de Jesus; a definição dos perigos que assolavam a Igreja culminando na condenação destes.”

Diante da reinterpretação do termo *ultramontanismo* é que se justifica a convocação do Concílio Vaticano I, pois este teve relevante representatividade para a Igreja Católica, sendo considerado como um projeto de modernidade baseado nos documentos Constitucionais *Pastor aeternus*, (abril de 1870) e *Dei Filius*³⁴ (abril de 1870), nos quais o tema infalibilidade papal é discutido e elucida-se a importância das decisões tomadas pelo Bispo de Roma (Papa) – que devem ser disseminadas pelos Bispos locais. Estes têm papel fundamental para que haja uma evangelização direcionada aos fiéis das comunidades que lhe são designadas.

Na Constituição *Pastor aeternus*, sobre a Igreja de Cristo [e a infalibilidade do Romano Pontífice], no Cap. III, intitulado “A natureza e o caráter do primado do Pontífice Romano”, escreve o Papa Pio IX, (1870) que o

(..) que o Pontífice Romano, quando fala “Ex cathedra”, - ou seja, quando exerce seu cargo supremo de Pastor e Doutor de todos os cristãos e, em virtude do seu supremo poder Apostólico define uma doutrina sobre a fé e os costumes, - vincula toda a Igreja, pela divina assistência, prometida pela pessoa do Beato Pedro; além do mais, goza da infalibilidade, com a qual o divino Redentor quis que sua Igreja fosse acompanhada, ao definir a doutrina sobre fé e os costumes. Assim, tais definições do Pontífice Romano são imutáveis, por si mesmas, e não pela aprovação da Igreja”. (Constituição *Pastor aeternus*, sobre a Igreja de Cristo [e a infalibilidade do Romano Pontífice]) (PAPA PIO IX, 1870)

34 Constituição Dogmática *Dei Filius* sobre a fé católica este documento teve por objetivo reafirmar que só há um Deus verdadeiro. No Cap I. **Deus, Criador de todas as coisas** elucida-se que A Santa Igreja Católica Apostólica Romana crê e confessa que há um [só] Deus verdadeiro e vivo, Criador e Senhor do céu e da terra, onipotente, eterno, imenso, incompreensível, infinito em intelecto, vontade e toda a perfeição; o qual, sendo uma substância espiritual una e singular, inteiramente simples e incommunicável, é real e essencialmente distinto do mundo, sumamente feliz em si e por si mesmo, e está inefavelmente acima de tudo o que existe ou fora dele se possa conceber [cân. 1-4]. Papa Pio IX, (1870). Constituição Dogmática *DEI FILIUS* sobre a Fé Católica. Disponível em: <<https://www.veritatis.com.br/constituicao-dogmatica-dei-filius-24-04-1870/>> Acesso em 30-10-21

A partir desta Constituição de 18 de abril de 1870, fica instituída a infalibilidade papal cabendo ao Bispo de Roma todas as decisões sobre os assuntos referentes à Igreja Universal que devem ser seguidos e respeitados. Reafirma-se a decisão tomada no Concílio Vaticano I consta no § 1, Cân. 749 (1983, p.137) do Código Canônico no livro III *Do múnus* de ensinar a Igreja

Em virtude do seu cargo, o Sumo Pontífice goza de infalibilidade no magistério quando, como supremo Pastor e Doutor de todos os fiéis, a quem pertence confirmar na fé os seus irmãos, proclama por um ato definitivo que tem de ser aceite uma doutrina acerca da fé ou dos costumes. (PAPA JOÃO PAULO II, 1983, p.137)

Ressalta-se, portanto, que o Papa detém o poder das decisões e estas devem ser acatadas pelo Colégio dos Bispos bem como por todos os fiéis. De acordo com Centofanti (2020), o *site* oficial *Vatican News* afirma que, na Audiência Geral de 1983, o Papa João Paulo II explica o significado da infalibilidade:

A infalibilidade não é dada ao Pontífice Romano, como a uma pessoa em particular, mas enquanto cumpre seu cargo de pastor e mestre de todos os cristãos. Ele também não a exerce por autoridade em si mesma e por si mesma, mas “pela sua suprema autoridade apostólica” e “por assistência divina, que lhe foi prometida, mediante o Beato Pedro”. Sérgio Centofanti, julho de 2020. Primado e infalibilidade: 150 anos da proclamação dos Dogmas. (VATICAN NEWS-*site* oficial do Vaticano)

Aqui, o Pontífice esclarece que, a infalibilidade papal não deve ser interpretada como autoridade subjetiva e direcionada aos interesses particulares e ele continua seu discurso apresentando os limites do Bispo de Roma. De acordo com Centofanti (2020), o Papa João Paulo II elucida que, ao decidir a respeito de um determinado tema

Ele não dispõe dela como se pudesse usar e abusar em todas as circunstâncias, mas apenas “quando fala da Cátedra - Ex Cathedra” - e somente em campo doutrinal, limitado às verdades da fé e da moral e às que lhe estão intimamente ligadas (..) O Papa deve agir como “pastor e doutor de todos os cristãos”, ao pronunciar-se sobre verdades concernentes à “fé e aos costumes”, com termos que demonstrem, claramente, sua intenção de definir certa verdade e exigir a sua adesão definitiva de todos os cristãos. (Sérgio Centofanti, julho de 2020. Primado e infalibilidade: 150 anos da proclamação dos Dogmas. *Site* oficial do Vaticano - Vatican News)

São apresentadas as condições em que o Papa dispõe do poder canônico para anunciar, aos Bispos da Cúria e aos Bispos diocesanos, as decisões sobre as doutrinas que devem ser seguidas na Igreja Universal.

Ainda na Constituição *Pastor aeternus*, o Papa Pio IX destaca a importância das atribuições dos Bispos locais, já que,

(1828) Estamos, porém, longe de afirmar que este poder do Sumo Pontífice acaba com aquele poder ordinário e imediato de jurisdição episcopal, em virtude do qual os bispos, constituídos pelo Espírito Santo [cf. At 20,28] e sucessores dos Apóstolos, apascentam e regem, como verdadeiros pastores, os seus respectivos rebanhos; pelo contrário, este poder é firmado, corroborado e reivindicado pelo pastor supremo e universal, segundo o dizer de S. Gregório Magno: "A minha honra é o vigor dos meus irmãos. Sinto-me verdadeiramente honrado, quando a cada qual se tributa a honra que lhe é devida". (Constituição *Pastor aeternus*, sobre a Igreja de Cristo (e a infalibilidade do Romano Pontífice) (PAPA PIO IX, 1870)

Nota-se que, mesmo tendo o Bispo de Roma a infalibilidade papal, existe a preocupação da Igreja em deixar explícita a relevância dos Bispos diocesanos, pois são estes os responsáveis pela evangelização de fiéis das Igrejas locais. Estes adaptam os ensinamentos religiosos da 'Palavra de Deus', de acordo com a cultura da comunidade, para que o diálogo entre fé e cultura seja um processo contínuo de inculturação – algo que, para Miranda (2001, p.16), "(..) embora percebida por gerações anteriores, especialmente em terras de missão, somente hoje é vista como elemento essencial da fé do povo de Deus, intimamente ligada à Revelação e a Tradição". Pela análise da Constituição *Pastor aeternus*, reforça-se que a inculturação faz-se necessária para que a Igreja mantenha e engaje mais fiéis.

Neste momento da pesquisa, é imperioso esclarecer que na Idade Moderna foram convocados somente dois concílios, o Concílio Vaticano I já esmiuçado e o Concílio Vaticano II, último realizado pela Igreja e cujas decisões deliberadas são consideradas até nossos dias. Para principiar a discussão, destaca-se o substantivo 'inculturação' que foi abordado em muitos documentos da referida assembleia.

23. A inculturação do Evangelho nas sociedades modernas exigirá um esforço metódico de pesquisa e ação concertadas. Este esforço há-de requerer dos responsáveis pela evangelização: 1) uma atitude de acolhimento e de discernimento crítico, 2) a capacidade de captar os anseios espirituais e as aspirações humanas das novas culturas, 3) a aptidão para a análise cultural em vista de um encontro efetivo com o mundo moderno. (PAPA JOÃO PAULO II, 1988)

A citação acima, para iniciar os estudos a respeito do Concílio Vaticano II foi retirada do 15º documento da Comissão Teológica³⁵ Internacional, elaborado pelo Papa João Paulo II, em 1988. Esta teve como base os escritos conciliares, em especial os do Concílio Vaticano II, pois dentre os objetivos desta assembleia, destaca-se a preocupação de que a Igreja seja mundial e verdadeiramente multicultural. O Pontífice, ao utilizar as palavras "acolhimento", "discernimento" e "novas culturas", faz refletir que a inculturação da fé demanda dos evangelizadores

35 Instituída pelo Papa Paulo VI no ano de 1969, com o objetivo de refletir questões doutrinárias da Igreja universal esta comissão, composta por teólogos de diversas escolas e nações e nomeados pelo Papa, se reúne pelo menos uma vez por ano e os resultados são submetidos ao Santo Padre e entregues à Congregação para a Doutrina da Fé para uso oportuno. Em agosto de 1982 o Papa João Paulo II promulgou os estatutos definitivos da Comissão.
Fonte: Comissão Teológica Internacional. Disponível em : <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_po_14071997_ictheology_po.html> Acesso em 28-07-21

conhecimentos culturais, antropológicos, teológicos e sociais para não impor, mas sim, propor uma nova forma de pensar e de agir para os leigos de diferentes comunidades.

O Concílio Vaticano II apresentou em seu contexto transformações sociais representativas que obrigaram a Igreja a rever o processo comunicacional para atender a necessidade do fiel diante desse novo areópago. O cenário no qual esse Concílio sucedeu é de fundamental importância, pois no ano de 1962, aconteceu a Guerra Fria, um conflito político-ideológico que ameaçava o mundo e o desenvolvimento da imprensa de massa (rádio-1920 e TV-1927) que facilitava a veiculação e o acesso de conteúdos.

Diante da eficácia do uso dos meios de comunicação, no ano de 1962, o Papa João XIII convocou o Concílio Vaticano II e, valendo-se das tecnologias, requisitou bispos do mundo inteiro e pediu que sugerissem questões a serem discutidas.

Em virtude do alcance dos meios de comunicação, de acordo com Alberigo, (1995, p.400), estiveram presentes, nesse Concílio, em média de 2.500 bispos contando entre os bispos curiais e bispos diocesanos. Como o Papa João XXII solicitou que os participantes sugerissem temas a serem discutidos, destacaram-se os seguintes: a renovação da liturgia, bem como a sua adaptação nas línguas locais para que houvesse participação mais ativa dos leigos, a fim de que a Igreja se adaptasse aos tempos modernos; a inovação apresentada por João XIII quanto à escolha dos bispos que participariam das sessões oficiais, pois tradicionalmente somente poderiam participar os bispos da Cúria. Porém, como o Pontífice tinha convidado bispos do mundo inteiro, este propôs uma eleição favorecendo assim a presença de bispos diocesanos nas sessões. No discurso de abertura, o Papa João XXIII afirmou que este Concílio deveria trazer a Igreja para o século XX. Durante as reuniões, foram elaborados 16 documentos, oficializados pelo Vaticano. Abaixo, tais documentos são descritos de acordo com a sua classificação, o seu título e seu objetivo principal:

Tabela 2 – Documentos – Concílio Vaticano II

Classificação do Documento	Título do documento	Objetivo
Constituição	<i>Dei verbum</i>	Lembrar os católicos de confiar tanto nas Sagradas Escrituras quanto na tradição.
Constituição	<i>Lumen gentium</i>	Documento que trata da natureza e da missão da Igreja (atribuições universais).
Constituição	<i>Sacrosanctum concilium</i>	Fazer uma adaptação dos atos litúrgicos que eram passíveis de modificação.
Constituição	<i>Gaudium et spes</i>	Referente à relação da Igreja com o mundo moderno.
Declaração	<i>Gravissimum educationis</i>	Apontar a necessidade de adoção de novos métodos de ensino e aprendizado.
Declaração	<i>Nostra aetate</i>	A igreja se referia às outras fés de um modo muito diferente do que já havia feito até então.
Declaração	<i>Dignitates humanae</i>	Abordar sobre a liberdade religiosa que o Concílio Vaticano II conside-

Decreto	<i>Ad gentes</i>	rava um direito humano e civil. Enfatizar a singularidade dos desafios da propagação da fé nas mais variadas circunstâncias e recomendava que as suas abordagens fossem flexíveis e diversificadas.
Decreto	<i>Presbyterorum ordinis</i>	Deveres dos sacerdotes – deveriam trocar opiniões com os leigos, respeitar as opiniões e experiências.
Decreto	<i>Apostolicam actuositatem</i>	Discutir o papel dos leigos na Igreja.
Decreto	<i>Optatam totius</i>	Elaborar um novo programa de formação sacerdotal que enfatizasse as peculiaridades e as adaptações regionais.
Decreto	<i>Perfectae caritatis</i>	Renovação das ordens religiosas (encorajava a reação das ordens masculinas e femininas).
Decreto	<i>Christus dominus</i>	Determinava que a cúria fosse reorganizada para que tivesse uma maior representação internacional e um número maior de bispos com experiência pastoral (valorizar o saber local).
Decreto	<i>Unitatis redintegratio</i>	Sobre o ecumenismo - estabelecia um vínculo entre a renovação individual, o <i>aggiornamento</i> da igreja e o ecumenismo.
Decreto	<i>Orientalium ecclesiarum</i>	Tratava respeitosamente das igrejas católicas orientais.
Decreto	<i>Inter mirifica</i>	Sobre como a mídia de massa, encarava as novas tecnologias com otimismo e entusiasmo ao invés de temê-la e de ter aversão a ela, e as considerava como novos instrumentos para a difusão da fé.

Fonte: Elaborado pela autora; (2021)

O objetivo de cada escrito era de que soasse como ‘declarações de intenções’ com questões e perspectivas de ordem geral – sendo a ‘principal regra’ de mudança e inovação.

Neste estudo, a reflexão recai sobre os documentos, *Gaudium et spes* e *Inter mirifica*, os quais tratam especificamente do processo comunicacional midiático entre a Igreja e mundo moderno. A Constituição Pastoral, *Gaudium et spes*³⁶ – sobre a Igreja no mundo atual, foi escrita pelo Papa Paulo VI em Roma, no dezembro de 1965. Essa aborda os diferentes fatores relacionados à condição do homem no que concerne à promoção entre as diversas culturas apontando, na Introdução do referido documento, que o objetivo da Igreja é:

36 1. A Constituição pastoral «A Igreja no mundo atual», formada por duas partes, constitui um todo unitário. E chamada «pastoral», porque, apoiando-se em princípios doutrinários, pretende expor as relações da Igreja com o mundo e os homens de hoje. Assim, nem à primeira parte falta a intenção pastoral, nem à segunda a doutrinal. Na primeira parte, a Igreja expõe a sua própria doutrina acerca do homem, do mundo no qual o homem está integrado e da sua relação para com eles. Na segunda, considera mais expressamente vários aspectos da vida e da sociedade contemporâneas, e sobretudo as questões e os problemas que, nesses domínios, padecem hoje de maior urgência. Daqui resulta que, nesta segunda parte, a matéria, tratada à luz dos princípios doutrinários, não compreende apenas elementos imutáveis, mas também transitórios. A Constituição deve, pois, ser interpretada segundo as normas teológicas gerais, tendo em conta, especialmente na segunda parte, as circunstâncias mutáveis com que estão intrinsecamente ligados os assuntos em questão. (Papa Paulo VI, 1965) Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html>

4. (...) investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho; para que assim possa responder, de modo adaptado em cada geração, às eternas perguntas dos homens acerca do sentido da vida presente e da futura, e da relação entre ambas. (...) A humanidade vive hoje uma fase nova da sua história, na qual profundas e rápidas transformações se estendem progressivamente a toda a terra. Provocadas pela inteligência e atividade criadora do homem, elas reincidem sobre o mesmo homem, sobre os seus juízos e desejos individuais e coletivos, sobre os seus modos de pensar e agir, tanto em relação às coisas como às pessoas. De tal modo que podemos já falar duma verdadeira transformação social e cultural, que se reflete também na vida religiosa. (PAPA PAULO VI, 1965)

Nota-se a inquietação em relação ao papel da Igreja em acompanhar os diferentes modos de vida dos fiéis, impostos pelo progresso, bem como atendê-los nas suas angústias existenciais. Por isso a necessidade de adequação da 'Palavra' para os novos tempos, em que Paulo VI (1965) reitera que:

Novos e mais perfeitos meios de comunicação social permitem o conhecimento dos acontecimentos e a rápida e vasta difusão dos modos de pensar e de sentir; o que, por sua vez, dá origem a numerosas repercussões. (...) Multiplicam-se assim sem cessar as relações do homem com os seus semelhantes, ao mesmo tempo que a própria socialização introduz novas ligações, sem no entanto favorecer em todos os casos uma conveniente maturação das pessoas e relações verdadeiramente pessoais («personalização»).

Neste documento, o Papa faz referência aos meios de comunicação social, bem como estes devem favorecer o diálogo entre as diferentes culturas; porém, alerta a respeito de que tais meios geram novas relações que serão impostas no processo de evangelização. McQUAIL (2013, p.25) assevera que, “em sua maior parte, a comunicação de massa é uma rede que conecta muitos receptores, é uma fonte...”. Por isso, o pontífice adverte também para a forte influência dos novos meios de comunicação e para a rapidez com que a informação é disseminada por esses – permutando a troca e favorecendo a socialização entre os fiéis de diferentes lugares e culturas.

Para reforçar a importância da Igreja em acompanhar o progresso, no Cap.II intitulado 'A Conveniente Promoção do Progresso Cultural Sua Santidade' complementa a noção de cultura, afirmando que:

(..) cultura humana implica necessariamente um aspecto histórico e social e que o termo «cultura» assume frequentemente um sentido sociológico e etnológico. É neste sentido que se fala da pluralidade das culturas. Com efeito, diferentes modos de usar das coisas, de trabalhar e de se exprimir, de praticar a religião e de formar os costumes, de estabelecer leis e instituições jurídicas, de desenvolver as ciências e as artes e de cultivar a beleza, dão origem a diferentes estilos de vida e diversas escalas de valores. E assim, a partir dos usos tradicionais, se constitui o patrimônio de cada comunidade humana. Define-se também por este modo o meio histórico determinado no qual se integra o homem raça ou época, e do qual tira os bens necessários para a promoção da civilização.

A reflexão recai sobre o respeito às múltiplas culturas, ou seja, aos diferenciados comportamentos, costumes que são característicos da formação social humana cujos contatos sejam firmados em diálogos harmoniosos. Reitera-se na Constituição que

59. Pelas razões aduzidas, a Igreja lembra a todos que a cultura deve orientar-se para a perfeição integral da pessoa humana, para o bem da comunidade e de toda a sociedade. Por isso, é necessário cultivar o espírito de modo a desenvolver-lhe a capacidade de admirar, de intuir, de contemplar, de formar um juízo pessoal e de cultivar o sentido religioso, moral e social. (CONSTITUIÇÃO PASTORAL *GAUDIUM ET EPES*, SOBRE A IGREJA NO MUNDO ATUAL, 1965)

Diante da nova cultura imposta pelos meios de comunicação, é reforçada a importância de valorizar a vida em comunidade e como esta deve ser marcada por diálogos plurais e de respeito, pois a Igreja deve-se fazer presente na realidade do mundo.

O segundo documento analisado é o Decreto *Inter Mirifica* – sobre os meios de comunicação Social, escrito por Paulo VI, em dezembro de 1966, que aborda sobre a importância dos meios de comunicação social, bem como o papel da Igreja, em especial de seu apostolado na formação de uma consciência reta por parte dos jovens católicos sobre a informação. O Pontífice define os meios de comunicação social como:

(1) Entre as maravilhosas invenções da técnica que, principalmente nos nossos dias, o engenho humano extraiu, com a ajuda de Deus, das coisas criadas, a santa Igreja acolhe e fomenta aquelas que dizem respeito, antes de mais, ao espírito humano e abriram novos caminhos para comunicar facilmente notícias, ideias e ordens. Entre estes meios, salientam-se aqueles que, por sua natureza, podem atingir e mover não só cada um dos homens mas, também as multidões e toda a sociedade humana, como a imprensa, o cinema, a rádio, a televisão e outros que, por isso mesmo, podem chamar-se, com toda a razão meios de comunicação social. (PAPA PAULO VI, 1966)

O Santo Padre salienta a importância dos meios de comunicação social em alcançar um número expressivo de pessoas. A Igreja, então, precisa se valer desses diferentes meios para levar, de diferentes formas, ‘a Palavra’ aos fiéis. Tais mídias, de acordo McQuail (2010, p.61) demonstram que:

A mesma mídia que leva mensagens públicas a grandes públicos com propósitos públicos também pode transportar avisos pessoais, mensagens em defesa de causas, apelos à caridade, anúncios de emprego e muitos tipos variados de informação e cultura. Este ponto é especialmente relevante em um momento de convergência das tecnologias de comunicação, quando as fronteiras entre redes de comunicação públicas e privadas e em escala grande e individual estão cada vez mais indefinidas.

Existe, portanto, a preocupação e a necessidade de veicular mensagens que ora são destinadas ao público em geral, ora devem alcançar um público particular. Por exemplo, as missas seguem uma ordem de apresentação do Evangelho relacionado aos Tempos considerados sagrados da Igreja, ou seja, todas as missas católicas terão o conteúdo comum a serem transmitidos aos fiéis.

Valendo-se do meio de comunicação, em especial, a televisão, cabe destacar que numa missa transmitida em rede nacional, o Padre realiza a cerimônia adequando sua linguagem a um público amplo, ou seja, explica a 'Palavra de Deus' considerando o público nacional. Porém, em canais locais, o Santo Padre fará adaptações em seu discurso quanto à explicitação das palavras do Evangelho adequando-as aos interesses e necessidades experienciadas pelo público daquela comunidade.

No Cap. I, intitulado **A Igreja e os meios de comunicação social**³⁷, do decreto *Inter Mirifica*, Papa Paulo VI alerta que:

À Igreja, pois, compete o direito nativo de usar e de possuir toda a espécie destes meios, enquanto são necessários ou úteis à educação cristã e a toda a sua obra de salvação das almas; compete, porém, aos sagrados pastores o dever de instruir e de dirigir os fiéis de modo que estes, servindo-se dos ditos meios, alcancem a sua própria salvação e perfeição, assim como a de todo o gênero humano.(PAPA PAULO VI, 1966)

O Bispo de Roma declara que é obrigação da Igreja utilizar os meios de comunicação social na pregação da Palavra aos fiéis, cabendo ao clero e aos ministros uma formação que possa conduzir de forma precisa os ensinamentos do Evangelho. Sobre isso, em complemento, Miranda (2001, p.59) afirma que

A experiência da realidade salvífica aparece então como um momento necessário da inculturação da fé, como aliás o foi o próprio início do cristianismo. Mesmo que haja uma relação dialética entre experiência e sua expressão, a experiência desvela uma realidade que surpreende a sistematização conceitual.

Percebe-se a necessidade da Igreja ressignificar seu discurso para justificar o que há de novo na inculturação da fé. O clero deve exercer o objetivo de pregar a Palavra de Deus em tempos em que costumes são plurais. Por isso, o Papa Paulo VI solicita que

Apressem-se, pois, os sagrados pastores a cumprir neste campo a sua missão, intimamente ligada ao seu dever ordinário de pregar. Por seu lado, os leigos que fazem uso dos ditos meios, procurem dar testemunho de Cristo, realizando, em primeiro lugar, as suas próprias tarefas com perícia e espírito apostólico, e oferecendo, além disso, no que esteja ao seu alcance, mediante as possibilidades da técnica, da economia, da cultura e da arte, o seu apoio direto à ação pastoral da Igreja. (PAPA PAULO VI, 1966)

O Pontífice alerta que, para se cumprir a missão evangelizadora, é preciso ouvir os sinais do tempo e que o clero instrua seus ministros para se valerem dos meios de comunicação para efetivar a ação de guiar os fiéis, pois, para McQuail, (2013, p.71) temos que considerar o sentido

37 O Papa Paulo VI na Mensagem do Papa para o 1º dia Mundial das Comunicações sociais decreta que "Dirigimo-nos a vós, irmãos e filhos queridos, na iminência do "Dia Mundial das Comunicações Sociais", que será celebrado, pela primeira vez, no domingo, 7 de maio." Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19670507_i-com-day.html>

como construído e as mensagens como decodificadas de acordo com a situação social e os interesses de quem está no público receptor.

Sua Santidade demonstra, também, a necessidade de adequação dos tipos de programas veiculados,

Preste-se, também, apoio eficaz às emissões radiofônicas e televisivas honestas, antes de mais àquelas que sejam apropriadas para as famílias. E fomentem -se com todo o interesse as emissões católicas, mediante as quais os ouvintes e os espectadores sejam estimulados a participar na vida da Igreja e se compenetrem das verdades religiosas. Com toda a solicitude, devem promover-se, onde for oportuno, as estações católicas; cuide-se, porém, que as suas transmissões primem pela sua perfeição e pela sua eficácia. (..) Cuide-se, enfim, de que a nobre e antiga arte cênica, que hoje se propaga amplamente através dos meios de comunicação social, trabalhe a favor dos valores humanos e da ordenação dos costumes dos espectadores. (PAPA PAULO VI, 1966)

Relembre-se que, o processo de catequização, nos primeiros séculos da Igreja, acontecia por meio de encenações e de imagens para poder atingir o espectador/fiel não alfabetizado. Na sociedade em que prevalecem os meios de comunicação, o emissor precisa adequar-se ao contexto cultural globalizado para a transmissão da 'Palavra de Deus'. Miranda (2011, p.61) assevera que a "(..) cultura globalizada é diversamente assimilada, e sobretudo reinterpretada, pelos diferentes grupos humanos. Mas, de qualquer modo, representa um fator a mais no complexo processo de inculturação da fé em nossos dias".

Evidencia-se portanto, que são as transformações sociais que fazem com que determinada comunidade configure e reconfigure seus costumes, suas culturas locais. Para que a Igreja mantenha sua comunidade cristã no processo de evangelização no século XXI, esta precisa rever e ressignificar o modelo comunicacional religioso de transmissão da fé para um modelo de diálogo de fé e mundo.

3.2. Comunicação de massa

O objetivo deste tópico é explanar sobre como é definida a comunicação de massa e de que forma a Igreja vislumbra a utilização dos meios de comunicação para evangelizar, pois o Papa Paulo VI na 'Exortação Apostólica' *EVANGELII NUNTIANDI*, 1975 ratifica que

Postos ao serviço do Evangelho, tais meios são susceptíveis de ampliar, quase até ao infinito, o campo para poder ser ouvida a Palavra de Deus e fazem com que a Boa Nova chegue a milhões de pessoas. A Igreja viria a sentir-se culpável diante do seu Senhor, se ela não lançasse mão destes meios potentes que a inteligência humana torna cada dia mais aperfeiçoados. É servindo-se deles que ela "proclama sobre os telhados" (72) a mensagem de que é depositária. Neles encontra uma versão moderna e eficaz do púlpito. Graças a eles consegue falar às multidões. (PAPA PAULO VI, 1975)

No final da década de 1930, o termo "comunicação de massa" fora utilizado relacionando-se aos progressos científicos e tecnológicos. Tais progressos propiciaram ofertas de livros,

revistas e jornais, anúncios, programas de rádio e televisão, filmes, por valores acessíveis ampliando, assim, o público potencial para além da minoria alfabetizada, ou seja, passa a alcançar um grande número de pessoas que ficara conhecido como 'população de massa'.

Em virtude das diferentes concepções atribuídas ao termo – massa - antes de abordar a respeito do processo de comunicação de massa, bem como suas características teóricas, é fundamental fazer um recorte para apresentar o percurso conceitual de “massa”. Para abordar tal definição far-se-á uma reflexão a partir de estudos realizados por Ortega Y Gasset (1947), Raymond Williams (2011) e Denis McQuail (2013).

O filósofo espanhol Ortega Y Gasset (1947) ao se referir ao conceito de massa o diferencia a partir de aspectos quanti e qualitativos, relacionados à formação da sociedade em diferentes momentos da história, pois assevera que “a sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois fatores: minorias e massa. As minorias são indivíduos ou grupos de indivíduos especialmente qualificados. A massa é o conjunto de pessoas não especialmente qualificadas. [...] massa é “o homem médio”. (ORTEGA Y GASSET, 1947, p.61-62), ou seja, quantitativamente 'massa' refere-se à multidão, aglomeração de pessoas num determinado espaço, enquanto massa em seu caráter qualitativo infere-se a uma qualidade comum “(..) é o homem enquanto não se diferencia de outros homens, mas que repete em si um tipo genérico.” (ORTEGA Y GASSET, 1947, p.61-62)

A diferença entre “minorias e massa “ (..) está calcada nas concepções que cada sujeito atribui a seus anseios e objetivos sociais, pois, ao se destacar como “minorias” o sujeito questiona e, muitas vezes, transgride normas e padrões impostos pela sociedade, não aceitando passivamente os costumes apregoados pelas instituições sociais. Já o indivíduo que se julga “igual a todos os outros” e aceita tal condição é um sujeito que adere à massa social; diante desta condição, massa passa a ser definida como um fator psicológico.

O sociólogo e teórico da comunicação Williams (2011) emprega o termo no plural e o define referenciando que “Massa era uma palavra nova para a turba, e é uma palavra muito significativa. Parece provável que três tendências sociais se combinaram para confirmar seu significado. Concentração da população nas cidades industriais, concentração de operários nas fábricas e, por fim o desenvolvimento de uma classe trabalhadora organizada...”.

Observa-se, portanto que, o conceito inicial da palavra “massas” atrelava-se ao processo de urbanização, no qual havia a aglomeração de cidadãos. Em seguida, considerando-se o desenvolvimento da produção coletiva em grande escala, tinha-se a contratação e, conseqüentemente, a aproximação de muitos operários nas fábricas e, por fim, o desdobramento de uma classe trabalhadora e organizada social e politicamente. Com base na concentração da

população nas cidades industriais, o conceito de massas para Williams (2011, p.324), está atrelado “à urbanização, assembléia de massas da fábrica, em parte com relação aos trabalhadores, mas principalmente com relação às coisas fabricadas, produção em massa; da classe trabalhadora, a ação das massas”. Por isso, a ideia inicial de que ‘as massas são as outras pessoas’, aquelas ‘distantes’ de mim. Porém, empiricamente, os outros estão aqui e, se estamos com eles, nós também ‘somos massa’. Este fato leva à reflexão de que a forma como vemos e interpretamos as pessoas faz com que as ‘massifiquemos’ dentro de uma fórmula estigmatizada, logo, dentro de uma cultura de massa.

Influenciado por Raymond Williams, o britânico Denis McQuail (2013, p.29) renomado teórico da comunicação, considera que o termo

(..) massa, em âmbito social, tem um significado negativo e um positivo. No primeiro caso, pode designar multidão, no sentido de grupo de pessoas ignorantes e manipuláveis. No segundo, pode designar solidariedade ou pessoas organizadas para fins coletivos.

Mesmo o conceito de massa sendo apresentado nos séculos XX e XXI, é nítida que a primeira inferência que se faz ao termo, referindo-se ao aspecto relacionado à aglomeração; no entanto, percebem-se consideráveis discussões para que este conceito esteja atrelado à união de pessoas em busca de objetivos comuns. Sendo assim, a constituição do conceito de massa apresentada pelos teóricos denota a importância de saber diferenciá-la do contexto quantitativo (multidão) do qualitativo (psicológico) para aplicá-lo de forma acertada em diferentes contextos sócio-comunicacionais, atentando-se, especificamente, ao uso e à influência dos meios de comunicação.

Ao abordar sobre o processo e as características relacionadas aos meios de comunicação de massa, é importante trazer as reflexões que MacQuail (2013) aborda em seu livro “Teorias da comunicação de massa” com base no desenvolvimento da “ciência da comunicação”, no qual dispõe-se de características mais objetivas sobre os meios de comunicação:

- 1.0) Produção centralizada de conteúdo por alguns canais de grande porte, com uma rede de difusão centro-periferia, em geral, hierárquica e unidirecional.
- 2.0) Uma organização de produção e distribuição operada de acordo com a lógica do mercado ou como uma instituição estatal de comunicação pública.
- 3.0) O conteúdo da mensagem em formas padronizadas abertas a todos, mas também a sujeição a supervisão ou controle políticos ou normativos.
- 4.0) Um público de massa de receptores composto de muitos indivíduos, dispersos, anônimos e desconectados.
- 5.0) A atribuição de grande poder de persuadir e informar, decorrente de prestígio ou popularidade de fontes, controle monopolista dos canais, quase instantaneidade da recepção, habilidades dos profissionais e impacto e apelo supostamente ser que grandes dos meios utilizados. McQUAIL, (2013, p.508-509)

É compreensível que o significado inicial da expressão “comunicação de massa” tenha forte relação com o conceito de povo como “massa”, pois a produção de conteúdo era padronizada e unidirecional, por isso a comunicação de massa para Thompson (1998, p.26) é definida como:

Um conjunto de fenômenos que surgiu historicamente com o desenvolvimento de instituições que procuram explorar novas oportunidades de coleta e armazenamento de informações, para produzir e reproduzir formas simbólicas³⁸ e para transmitir informações e conteúdos simbólicos a uma pluralidade de destinatários em troca de algum tipo de remuneração financeira.

A comunicação de massa envolve recursos técnicos e institucionais considerados, em sua maioria, mercadológicos, para produzir e difundir a informação e, tais recursos se valem do poder de forças simbólicas que possibilita suscitar diferentes ações e reações em seus receptores. E, como as mídias de massa visam atingir um volumoso número de pessoas, “seus públicos potenciais são vistos como grandes consumidores, mais ou menos anônimos, e a relação entre emissor e receptor é afetada de acordo com isso”. McQUAIL (2013, p.60). Mostra-se, assim, que a relação é unilateral e impessoal, pois há uma distância entre os comunicadores e, geralmente o emissor tem maior autoridade e experiência em relação ao receptor.

Para Thompson (1998, p.31) os receptores das mensagens da mídia não são parceiros de um processo de intercâmbio comunicativo recíproco, mas participante de um processo estruturado de transmissão simbólica (..); porém, mesmo diante de situações estruturadas, o receptor tem como intervir no processo, pois pode escrever cartas aos editores, telefonar para as emissoras e estas ações implicam num processo assimétrico de comunicação.

Diante do exposto, preconiza-se que, a ideia de comunicação de massa tem como centralidade o objetivo do emissor, pois este, para se expressar, utiliza uma linguagem comum para atingir o maior número de pessoas, a massa – conseqüentemente, poderá potencialmente influenciá-la. A informação veiculada pelos meios de comunicação de massa fortalece o controle social de forma padronizada, determinando os assuntos dos quais se sabe - que terão mais ou menos atenção, bem como quais efeitos provocarão nos receptores, a partir das formas simbólicas empregadas na transmissão da mensagem. Importante destacar a ideia de McQUAIL, (2013, p.63) alegando que “Apesar das mudanças na tecnologia, a comunicação de massa persiste dentro da instituição da mídia de massa (..)” partilhando das regras técnicas e institucionais, mas adequando os processos interacionais envolvendo emissores e receptores.

³⁸ Thompson (1998, p.24): A atividade simbólica é característica fundamental da vida social, em igualdade de condições com a atividade produtiva, a coordenação dos indivíduos e a atividade coercitiva.

No próximo tópico serão abordados os conceitos de mídia e de midiatização, a partir de um viés histórico e institucional e serão tecidas considerações de como a Igreja desloca-se da rede analógica para a digital.

3.3 Midiatização e Igreja Católica

Neste tópico pretende-se trazer discussões a respeito da interface mídia/religião, elucidando como tem se efetivada a mediação do indivíduo católico no ambiente virtual e, como o processo de midiatização no contexto digital favorece o diálogo de fé com o mundo.

Dentre os teóricos cujas concepções são citadas, destacam-se: José Luiz Braga, professor titular e pesquisador do PPGCom da Unisinos (RS) e expoente das pesquisas sobre midiatização no Brasil; sua pesquisa recai sobre a circulação e os circuitos sociais; Stig Hjarvard, (2008, 2013), pesquisador dinamarquês que se sobressai no cenário europeu e traz questionamentos sobre o processo de midiatização no contexto religioso e político a partir de um viés histórico e institucional; Andreas Hepp (2014), pesquisador alemão cujos estudos recaem sobre as reconfigurações da sociedade a partir das mídias digitais e suas infraestruturas; sua obra mais recente “Deep Mediatization” (2020) (em tradução livre: ‘Midiatização profunda’) aborda a complexidade do ambiente midiático um ponto de vista crítico, enfatizando a impossibilidade de pensarmos a sociedade atual fora do ambiente digital em que vivemos.

Sendo assim, iniciam-se nossas discussões a respeito da origem e dos múltiplos sentidos que podem ser atribuídos à palavra mediação:

A palavra mediação antes de derivar de uma palavra latina (*medium*, *medius*, *mediator*) terá aparecido na enciclopédia francesa em 1694, cujo aparecimento é identificado nos arredores do século XIII, para designar a intervenção humana entre duas partes. A raiz “*medi*” parece ter sido utilizada pelos romanos que a terão recebido, por associação de idéias do nome deste país desaparecido, a *Media*, (para resumir), um país vizinho das terras da antiga Persa que se tornou o Irã. (LASCoux, 2006, p.1)

Pela descrição acima, intui-se que, o termo mediação foi utilizado primeiramente na esfera jurídica, aplicando-se à intervenção de um ‘juiz’ ou ‘mediador’ para dirimir conflitos; porém, ao referir-se à mediação no campo sociológico-comunicativo, o termo passa a ser definido como “uma instância articuladora, na comunicação e na vida social, entre a dimensão individual do sujeito e sua singularidade e a dimensão coletiva da sociabilidade e da relação social” (LAMIZET; SILEM, 1997, p.364-365 *apud* SILVA, p.220). O processo de mediação na dimensão individual está atrelado às necessidades e costumes do homem que são perpetuados pelo uso da língua; já na dimensão coletiva, o processo de mediação se dá pela comunicação e pela manifestação de

um sistema de signos institucionalizados socialmente por uma comunidade, por uma cultura na qual o indivíduo está inserido.

É possível elencar três tipos de mediação: “O primeiro é a língua, considerada a primeira, porque por ela se organizam as relações entre os homens, dando-lhes sentido e permitindo-lhes representar, simbolicamente, o real que é percebido”. (LAMIZET; SILEM, 1997: 365 *apud* Silva, 2009, p.26) A língua é caracterizada como uma forma de mediação capaz de nomear formas e objetos, valendo-se de dispositivos linguísticos inerentes à comunidade. O segundo tipo refere-se

(..) à comunicação como mediação no espaço social. E este é estruturado por formas e por regras de pertença tal como se expressam nas regras e nas formas da comunicação entre os atores que integram esse espaço: a comunicação desempenha uma função de mediação no espaço social ao organizar e ao estruturar as expressões de pertença das quais os atores se reclamam no espaço social. (LAMIZET; SILEM, 1997, p. 365. *apud* SILVA, 2009, p.4)

No referido processo de comunicação, a mediação se dá pela troca de interesses sociais, nos quais tais indivíduos se inserem e partilham do mesmo espaço, no qual acontece a experiência do contato com o outro (co-presença); no âmbito religioso pode-se mencionar a Igreja, espaço social/físico onde se realizam as cerimônias presenciais, ou pode-se inferir um espaço de representação, ou seja: um espaço simbólico ao qual é atribuído sentido pelo sujeito, por meio de fotografia, quadros, imagens.. sendo estes uma espécie de ‘mediação estética’, pois elementos culturais são apregoados naquele espaço. Por fim, o terceiro processo remete

(..) para as mediações institucionais e as estratégias de comunicação, entendidas como as formas de mediação e de comunicação, efetivamente praticadas pelos sujeitos comunicantes, na sua dimensão institucional de atores sociais presos a lógicas institucionais. As estratégias de comunicação veiculam, no espaço da comunicação mediatizada, as representações e as formas simbólicas dos sujeitos comunicantes, que, graças a essas estratégias, desempenham atividades e executam projetos sobre os quais assenta a sua dimensão institucional. (LAMIZET; SILEM, 1997, p.365. *apud* SILVA, 2009, p.5)

As chamadas ‘estratégias de comunicação’ são mediações institucionais nas quais os atores se integram e consolidam o uso comunicacional das instituições, valendo-se do espaço público ou institucional. As publicações religiosas são um exemplo do uso comunicacional das instituições pelos atores: adotam estratégias de comunicação nas Igrejas (folhetos de missa que devem ser lidos e seguidos, livros de oração, rituais...) com o objetivo de divulgar, por meio destas estratégias, a ‘Palavra de Deus’, num sentido que lhes seja favorável. Depreende-se que uns atores exercem influência e poder sobre outros atores do espaço social.

A partir dos três tipos de mediação propostos por LAMIZET e SILEM, (1997), reitera-se que o processo de mediação acontece ‘desde’ as ações mais simples do ser humano (como numa conversa familiar mediada pelo uso de diferentes linguagens) a um clique num teclado, cuja ação está atrelada às instituições culturais que carregam um caráter coletivo no processo de midiatização, porém também mediado pela linguagem. O filósofo, antropólogo e semiótico Jesus Martin Barbero ³⁹(2012) considera que “(..) a linguagem não é apenas uma tradução de informações, mas também uma produção de sentidos e significados. (..) E isso se conecta com as culturas, que são maneiras de produzir e organizar o sentido coletivo da vida.”

Como o objeto desse estudo recai na esfera religiosa, aferem-se os diferentes sentidos que são atribuídos pelos cristãos católicos desde o ‘processo de transmissão da fé’ à ‘midiatização no contexto digital’, favorecendo o diálogo de fé com o mundo; porém ambos sempre mediados pelo uso de diferentes linguagens.

Conforme apresentado nos capítulos anteriores, a mediação entre cristão e fé sempre foi realizada pela intervenção de uma autoridade - no princípio pela figura humana de Jesus Cristo- que pregava a palavra de Deus por meio de parábolas, percorrendo diferentes regiões de Jerusalém e, após sua morte e ressurreição, conforme escritos bíblicos, o apóstolo Pedro constrói a Igreja, cujo espaço é estruturado por formas e regras de interesses entre os indivíduos que passam a integrar aquele espaço.

A partir de então, a mediação entre fé e cristão, para se chegar ao Divino, é realizada pelo intermédio de uma autoridade religiosa (Papa, Bispos, Padres) valendo-se do espaço Igreja. A tradição da Igreja Católica Romana sempre controlou o processo comunicacional primando pela presença do mediador, mas também valendo-se de imagens, pinturas, relevos e esculturas utilizadas no referido espaço para perpetuar a história do cristianismo. Santaella (2011, p.207-208) considera que:

(..) uma enxada pode aumentar a força física de um braço humano, mas é o homem que faz a mediação entre a força do braço e a terra. Portanto, para sermos fiéis ao sentido legítimo de mediação, devem estar nele implicados a afecção, a percepção e a cognição mediada do mundo pela linguagem, pelos signos. O conceito de mediação não deve ser simploriamente entendido como meio de comunicação e nem mesmo como ambiente cultural e social que os meios criam. Mediação é, sobretudo, um conceito epistemológico que envolve a grandeza humana, que é também a nossa tragédia de só ter acesso ao mundo físico, afetivo, sensório, perceptivo, cognitivo, pela mediação dos signos (SANTAELLA, 2011, p.207-208).

Neste excerto, a autora reitera que o principal responsável pela mediação é o homem e, este se utiliza de recursos, construídos culturalmente, para disseminar as concepções históricas e culturais. A ‘analogia da enxada’ pode ser relacionada à utilização dos diferentes meios de comunicação de massa e digital, dentre eles: rádio, televisão, computador, celular. A forma que o produtor e o receptor utilizam,

³⁹ Entrevista concedida à Globo Universidade 06/07/2012.

consomem tais meios é que possibilitam os deslocamentos de significados entre essas diferentes instâncias.

Por exemplo, a pessoa que tem o hábito de ligar o rádio para ouvir música, atribui diferente sentido em relação à outra pessoa que o liga com o intuito de ouvir uma missa; são recepções e construções de sentido que diferem em relação ao uso do referido meio de comunicação. Lévy (1998) vale-se das expressões **“de um para todos”** para versar sobre meios de comunicação de massa em que o receptor ao ligar o suporte (rádio – televisão) terá acesso ao conteúdo no qual a emissora programou e definiu a forma de mediação mais genérica. Já a expressão **“de todos para todos”**, Lévy (1998) refere-se aos meios de comunicação digital, em que se torna possível que cada usuário disponha, consuma e construa diferentes informações mediadas pela rede mundial de computadores. Com isso, os autores SILVA e RIBEIRO (2011, p.171) asseveram que:

Os serviços de informação multiplicaram-se e complexificaram-se até se instalarem na Internet e, aqui, a função mediadora de comunicação no espaço social e a função mediadora institucional, com as estratégias comunicacionais específicas dos respectivos atores e agentes, não desapareceram, nem tendem, necessariamente, a desaparecer, mas podem transformar-se e coexistir com um emergente novo tipo de mediação – deslocalizada ou dispersa (na Internet/redes conexas), institucional, coletiva, grupal, pessoal e até anônima, interativa e colaborativa. Possíveis traços caracterizadores, entre os quais importa destacar a interação e os processos colaborativos, sociais, de participação cívica, espontânea e militante. (SILVA; RIBEIRO, 2011, p.171)

A mediação propiciada pela internet ocorre entre diferentes atores e espaços e, pode ser usufruída de diversas formas, envolvendo o privado e o público. Ao utilizar e refletir sobre o termo mediação, Braga (2012) o interpreta a partir de duas perspectivas: a ‘genérica’ em que a mediação condiz a um processo em que um recurso é inserido entre atores/ações estabelecendo uma ligação entre estes, ou seja, é o conceito básico do processo. Já em relação à perspectiva ‘epistemológica’

Trata-se do relacionamento do ser humano com a realidade que o circunda, que inclui o mundo natural e a sociedade. A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o “real” é sempre intermediado por um “estar na realidade” em modo situado, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico. O ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu “momento”. (BRAGA, 2012, p.33)

Diante dessa perspectiva, a mediação não se caracteriza como um ato mecânico, mas sim pela maneira como os atores relacionam e percebem que suas experiências de vida são sempre mediadas e intermediadas por situações sociais e culturais, ou seja: pode-se vivenciar um fato de diferentes maneiras, pois depende do contexto, do tempo e do espaço em que o ator está inserido e quais meios este utiliza para enxergar “esta realidade.” Corroborando com esse pensamento Hjarvard (2015) salienta que:

A escolha do meio e a forma particular na qual ele é posto em uso pode ter um impacto considerável não somente na forma e no conteúdo da mensagem, mas também na relação entre emissores e receptores e nas maneiras pelas quais eles são influenciados neste encontro comunicativo. (HJARVARD, 2015, p.53)

O processo de mediação pode ser observado a partir das concepções sociais e culturais, bem como da escolha do meio pelo receptor, e como este consome a mensagem. Alude assim, ao caso de um cristão católico que, em virtude da distância de sua residência para chegar à Igreja, opta por assistir a uma missa acessando, pelo celular, um *site* religioso e realizando, mesmo que a distância, os rituais propostos pelo emissor, no caso, o Padre. Pode-se portanto, aferir que, a mediação entre o padre e o fiel foi construída e significada, neste encontro comunicativo. Diferente forma de mediação acontece com aquele fiel que não tem o hábito de realizar suas orações fora do espaço religioso e, que ao acessar, pelo celular, no *Instagram*, uma conta religiosa, faz a leitura do *post* e clica em 'curtir'.

Ao analisar o processo de mediação, é preciso considerar a relação do sujeito com o dispositivo, ou seja, o meio que aquele escolheu e como se utiliza de tais meios em seu cotidiano. Para melhor elucidar, destaca-se o uso do aparelho celular: se este é utilizado somente para fazer ligações e conversar pelo *whats app* com familiares e amigos ou se o utiliza como meio de interação 'na e para com' a sociedade em geral. Martino (2012, p.223) reafirma que "(..) as mediações estabelecem pontos de flutuação de sentido, na relação entre mídia e público, um sentido em construção, sempre, definindo-se e redefinindo-se nas contradições do sujeito."

O Papa Francisco, como representante maior da Igreja Católica utiliza os meios oficiais impostos pelo Vaticano, como *Twitter*, rádio Web, o aplicativo *Click to pray* para mediar mensagens de evangelização aos católicos e, em contrapartida, os padres do mundo inteiro que representam suas dioceses utilizam-se do rádio, da televisão, do 'Instagram', do 'Youtube' para comunicar e interagir com sua comunidade.

A mediação entre emissor/receptor/mensagem difere dos meios que são utilizados no processo comunicativo. No caso dos meios de comunicação de massa, o processo de mediação é mais próximo do unilateral; já na utilização dos meios digitais, disponibilizados pela internet, o processo de mediação tende a ser bilateral, ou seja: o estudo da mediação pode prover ampla informação sobre a influência da mídia nas práticas comunicativas pois, para Hjarvard (2015, p.53): "A mídia influencia não somente o circuito comunicativo de emissor, mensagem e receptor, mas também a relação de troca entre a mídia e outras esferas da cultura e da sociedade." Portanto, a midiaticização faz parte de diferentes processos de mediação.

3.4 A institucionalização das novas mídias

Diferentes concepções foram e são atribuídas à palavra 'mídiação'. Kent Asp (1986) aplicou o termo para analisar o impacto dos meios de comunicação e seus efeitos na política; Hernes⁴⁰ (1978) declarou o efeito que a mídia provocou em todas as instituições sociais, bem como nas relações entre elas; já os autores Altheide e Snow (1988) primam pelo termo "lógica da mídia" considerando que, a formatação é o elemento determinante no que diz respeito à seleção e apresentação do conteúdo que será produzido e como a tecnologia afeta tais formatos no processo de comunicação. Perante as perspectivas dos estudos realizados pelos autores Hernes (1978), Kent Asp (1986) e Altheide e Snow (1988) é possível observar que, nas décadas de 70 e 80, o estudo da mídiação preocupava-se em analisar como os meios de comunicação influenciavam o processo comunicativo e as alterações que a utilização destes poderiam gerar em diversas entidades sociais.

Dando sequência aos estudos sobre o tema, Braga (2006, p.70) afirma que, a mídiação ocorre em dois âmbitos sociais e destaca que "(..) no âmbito microssocial, a mídiação trata de instituições⁴¹ ou instâncias que incorporam elementos da medialidade. No âmbito macrossocial, a mídiação refere-se ao processo de adaptação e simulação da própria sociedade à lógica medial." Uma instituição ao integrar o uso de determinados meios de comunicação, conseqüentemente terá o processo comunicacional modificado; em virtude disso, todos os atores sociais adequar-se-ão à forma de mediação imposta por determinado dispositivo (computador, celular). Andreas Hepp (2011) chama esse processo de 'lógica medial', pois se trata de uma lógica que adentra as esferas sociais, supostamente desvinculadas da influência dos *media*, projetando uma condição de total mídiação da experiência cotidiana.

Evidencia-se assim que, a sociedade é permeada por meios de comunicação e, tanto instituições como os sujeitos de um modo geral, estão imersos nessa cultura midiática. O autor Antônio Fausto Neto (2008, p.93) ressalta que "a cultura midiática se converte na referência sobre a qual a estrutura sócio-técnica-discursiva se estabelece, produzindo zonas de afetação em vários níveis da organização e da dinâmica da própria sociedade".

Ou seja, uma determinada instituição social, ao optar pela utilização de um dos meios de comunicação, seja de massa ou digital, deverá se adaptar ao formato desse meio e,

⁴⁰ Gudmund Hernes em sua obra "Sociedade sacudida pela mídia" (1978) não utilizou especificamente o termo "mídiação", mas suas reflexões recaem como os meios de comunicação interferem na sociedade. " [...] Em suma, do ponto de vista institucional, a questão-chave é: como a mídia altera tanto o funcionamento interno de outras entidades sociais quanto suas relações mútuas." (HERNES, 1978, p.181)

⁴¹ Nesta perspectiva, o termo ' instituição', será abordado sob o ponto de vista sociológico que Hjarvard (2015, p.56) define como "Um domínio ou campo da vida social identificável que é governado por um determinado conjunto de regras formais e informais, apresenta uma estrutura particular, desempenha determinadas funções sociais e, aloca recursos para a ação social de maneiras variadas."

consequentemente, haverá uma adequação do discurso que é inerente a tal instituição, ainda que mantenha o processo comunicacional entre os atores sociais.

Como esse estudo se debruça sobre a influência da mídia na Instituição Igreja, e como a midiatização interfere em suas práticas religiosas, serão tecidas considerações das pesquisas realizadas pelo dinamarquês Stig Hjarvard, (2008, 2011) que aborda sobre o processo de midiatização no contexto religioso e político, a partir de um viés histórico e institucional.

Para o referido autor, a mídia é considerada uma instituição à qual outras instituições têm de se adaptar, pois

Uma parte significativa da influência que a mídia exerce, decorre do fato de que ela se tornou uma parte integral do funcionamento de outras instituições, embora também tenha alcançado um grau de autodeterminação e autoridade que obriga essas instituições, em maior ou menor grau, a submeterem-se a sua lógica. A mídia é, ao mesmo tempo, parte do tecido da sociedade e da cultura e uma instituição independente que se interpõe entre outras instituições culturais e sociais e coordena sua interação mútua. (HJARVARD, 2012, p.54-55)

Notoriamente, comprova-se a influência que a mídia exerce nas instituições sociais e como dita regras de uso e funcionamento de seus dispositivos em relação a ações e rituais que, se alteram no que diz respeito às relações e ao comportamento humanos, consequentemente modificando a sociedade e a cultura.

No próximo tópico serão apresentadas reflexões a respeito da utilização da mídia pela religião, como tecnologia material para o alcance da imaterialidade divina.

3.5 Novas mídias – internet e telefone celular

Imagens, pinturas, livros, objetos sempre foram elementos materiais utilizados pela Igreja para divulgar e reafirmar como fora a passagem de Jesus Cristo pela Terra. No Evangelho de Mateus, 2: 11 se encontram a história do nascimento de Jesus Cristo e a oferenda dos três Reis Magos “E, entrando na casa, acharam o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra.” (Mateus 2:11)

Os elementos materiais, ouro, incenso e mirra, representavam, simbolicamente, a grandeza do Menino, sendo filho de Deus; porém, em condição humana, marcada pelo sofrimento e pela morte. Após a morte de Cristo, no Evangelho de Lucas, 24: 5,7 encontra-se a história da sua ressurreição:

Por que vocês estão procurando entre os mortos aquele que vive? Ele não está aqui! Ressuscitou! Lembrem-se do que ele disse, quando ainda estava com vocês na Galileia: 'É necessário que o Filho do homem seja entregue nas mãos de homens pecadores, seja crucificado e ressuscite no terceiro dia'.

O nascimento e a morte de Cristo marca sua condição humana, enquanto a ressurreição caracteriza-o como Divino, imaterial. Para Miller (2013, p.108) “(..) as religiões acham que a melhor maneira de expressar a imaterialidade é pela materialidade.” Tal fato, explicitado nas passagens bíblicas, elucida que, para se chegar ao imaterial (Divino), a mediação é efetivada pela utilização da materialidade.

A mediação, nas práticas religiosas tradicionais, era feita sempre ‘face a face’, ou seja, pelo representante religioso daquela comunidade, geralmente na figura de um Padre. Para o cristão católico, a Igreja era o principal, se não o único espaço no qual a mediação entre humano e divino acontecia. Por este motivo, as igrejas católicas são carregadas de imagens, objetos, desenhos que, simbolicamente, representam o encontro do fiel com o Ser Superior. Nos rituais religiosos, dentre eles, missas, batizados, casamentos... sempre o Padre mediava tais cerimônias no espaço, (igreja) e na presença física dos fiéis. Todos os rituais religiosos sempre foram marcados pela presença de elementos materiais para se chegar à imaterialidade, como: velas (luz, caminho), imagens e ícones de santos (veneração, adoração), cruz (sofrimento), água (purificação), pão (corpo de Cristo), vinho (sangue de Cristo); mas, salienta-se que, tais objetos só agregavam valores espirituais se fosse benzidos, abençoados pela presença e pessoa do Padre, autoridade que representava Deus naquela circunstância. Corroborar-se com as ideias de Miller (2013, p.115) quando assevera que “quanto mais a humanidade busca alcançar a conceitualização do imaterial, mais importante é a forma específica de sua materialização”.

No século XIX, com o advento dos meios de comunicação de massa (imprensa, rádio e televisão) a Igreja adequou alguns ritos religiosos para que estes não perdessem sua confiabilidade junto aos fiéis, apesar da mediação não mais se dar ‘face a face’, ou seja, o padre e o fiel não partilhavam mais do mesmo espaço; porém, cabe destacar que a utilização de objetos religiosos sempre se manteve. Mesmo numa missa transmitida pelo rádio ou pela televisão, o padre orientava os fiéis para prepararem uma ‘espécie de altar’, em suas casas, para receber a Palavra do Senhor. Era prática comum de o católico ter em seu lar, imagens de santos, terços e velas que, no decorrer da celebração midiática seriam abençoados pela figura do Padre e utilizados com a mesma crença e devoção, como se tais objetos materiais tivessem sido benzidos presencialmente. Hjarvard (2012, p.77) atesta que “os meios de comunicação, no entanto, têm, sim impacto sobre os papéis sociais na interação, no sentido de que o acesso ao meio em si e aos modos de interação que ele disponibiliza para os participantes afetam a capacidade destes para se comunicar.” Ou seja, mesmo estando em espaços distintos, o meio de comunicação utilizado pelo cristão conseguiu que este mantivesse a notabilidade do rito religioso, pois o fiel estava predisposto para aquele tipo de interação.

Nos séculos XX e XXI, surge, entre outras, a nova mídia, a internet. Miller (2013, p.165) afirma que “(..) internet é uma palavra que empregamos para consolidar gêneros de uso

conectados por acesso *on-line*.” É por meio da internet que podemos ter acesso multimodal aos diferentes gêneros da esfera social. Por isso Miller, afirma que

A internet é mais bem compreendida não como tecnologia, mas como uma plataforma que habilita pessoas a criar tecnologias, as quais, por sua vez, são desenhadas pelas funções particulares. Assim, o que as pessoas tecem a partir das fibras da internet são armadilhas que usam para capturar tipos particulares de surfistas passantes. (MILLER, 2013, p.168-169)

A internet propicia diferentes mediações realizadas por diversos suportes. As instituições sociais, ao aderirem ao uso da plataforma, propiciam aos usuários experiências particulares e inéditas referentes às práticas e costumes que antes eram propiciados somente ‘face a face’, valendo-se, em especial, dos gêneros da oralidade. Uma das especificidades dessa plataforma é a utilização da multimodalidade discursiva (imagens, sons, cores, palavras) que proporciona práticas de leitura diferentes das leituras lineares com as quais o sujeito estava habituado. Interessante destacar que, não há uma uniformidade de uso e de conteúdo de cada meio, pois cada meio tem suas especificidades e estas variam entre as culturas e a sociedade, Hjarvard (2012, p.75) afirma que “Os modos nos quais os meios de comunicação intervêm na interação social dependem das características concretas do meio em questão, ou seja, tanto das características materiais e técnicas quanto das qualidades sociais e estéticas.”

Sabe-se que, um aplicativo tem diferentes funções sociais e estéticas e, quando uma pessoa decide ‘baixar’ determinados *apps* em seu celular, esta tem objetivos claros de uso do aparato. Por exemplo, ao ‘baixar’ o aplicativo de seu banco, fará transações bancárias de acordo com seu interesse e necessidade; ao ‘baixar’ um aplicativo de música, o internauta o usará para ouvir suas músicas favoritas. O mesmo acontece com um *app* de cunho religioso, pois somente o fato de ‘baixá-lo’ denota o interesse por determinado conteúdo veiculado por este dispositivo.

Os diferentes atributos de um meio e sua combinação com a interação social podem ser explicitados em termos do conceito de *affordances*, termo utilizado pelo psicólogo James Gibson (1979) para referir-se a como as pessoas e os animais percebem e interagem com o mundo ao seu redor, pois as *affordances* de um objeto são seus usos efetivos. O autor elucida tal definição, valendo-se do objeto ‘árvore’ e suas diversas funções para diferentes tipos de animais pois, para alguns uma árvore representa sombra; outros podem se alimentar de suas folhas e os pássaros usam-na para construir seus ninhos. Como afirma Hjarvard (2012, p.75) o autor “não aplica o conceito aos meios de comunicação, mas o utiliza em uma teoria geral sobre como as pessoas e os animais percebem e interagem com o mundo ao seu redor.”

Ao relacionar o termo *affordances* aos meios de comunicação, podemos mencionar o aparato “celular” que, a princípio, fora criado como meio de comunicação para a realização de chamadas telefônicas; porém, este mesmo aparato passa a desempenhar ‘diferentes funções’ a seus usuários, pois possui a opção de ‘chamadas de vídeo’, ‘agenda’ com os números salvos de familiares, amigos, chefes, entre outros; tem-se acesso aos ‘e-mails’; pode-se ‘navegar pela

internet' em busca de qualquer informação; 'baixam-se' diferentes 'aplicativos' com diferentes conteúdos, como os *apps* de documentos digitais, de jogos, de músicas, de religião, de bancos, de *podcasts*, navegadores (*waze*, *google maps*), previsão do tempo.. porém, destaca-se que, nem todos os usuários fazem uso de todas estas funções, por isso as *affordances* são definidas à medida que as características do aparato tecnológico e do usuário se adéquam.

Entretanto, além das características materiais ou objetivas do aparato e de seu usuário, destaca-se a ideia proposta por Norman (1990) *apud* Hjarvard (2012, p.75) em que

(..) introduz o conceito de *affordance* percebida a fim de incorporar o aspecto relacional da *affordance*, onde o fator crucial é a avaliação psicológica do usuário sobre o objeto em relação a seus objetivos. Assim, as *affordances* de um objeto estão sujeitas às motivações/objetivos do usuário e, por extensão, também às convenções culturais que envolvem o projeto.

Pode-se dizer que a *affordance* de um objeto sempre estará relacionada aos interesses e necessidades de seu usuário e que serão, muitas vezes, definidos pelo contexto social e cultural no qual o indivíduo está inserido.

Em relação ao objeto desta pesquisa e o momento sócio/cultural em que foi escrita, destaca-se, como exemplo, a situação pandêmica na qual o mundo todo precisou ressignificar seus modos de vida e de interação, em virtude do isolamento social imposto pelas autoridades. Citando a esfera religiosa, o fiel que estava habituado a participar de missas e rituais exclusivamente presenciais (*face a face*), passa a utilizar os meios de comunicação de massa e/ou digital para manter, de forma mediada, o encontro com o Divino.

Diante desse contexto, pode-se exemplificar como a *affordance* de um objeto depende do interesse e da necessidade do usuário, pois, se o referido fiel tinha por hábito assistir pela televisão telejornais, novelas, filmes, passa agora a utilizá-la para acompanhar as celebrações religiosas, ou seja: este suporte tecnológico configura para este fiel uma nova função. Tal situação também se aplica ao uso do computador e do celular, porém tais suportes, ao possibilitar, por meio da internet, a utilização de diferentes plataformas, como Youtube, permitem ao fiel internauta uma participação bilateral, pois ao serem celebradas as missas, orações, rituais, ao vivo, o fiel pode, por meio de mensagens, do *chat*, colocar seus pedidos, suas intenções e acompanhar os pedidos dos participantes que também incluem suas mensagens.

Sendo assim, o indivíduo que, antes utilizava o celular somente para realizar chamadas, passa a utilizá-lo para outro fim, conforme, Hjarvard (2012, p.76) ao afirmar que "as *affordances* de um determinado objeto possibilitam certas ações, excluem outras e, em resumo, estruturam a interação entre ator e objeto", permitindo considerar que os meios de comunicação impactam os papéis sociais na interação; porém, é o acesso 'em si' e os modos de interação que este aparato disponibiliza que afetará a forma de comunicação e ação de uma determinada comunidade.

A fim de reforçar como o uso efetivo dos aparatos tecnológicos, elementos da cultura material, influenciam o modo de vida das pessoas em diferentes aspectos, cabe destacar a pesquisa do antropólogo Daniel Miller (2013) que, num estudo relacionado ao uso da cultura material, aborda como a internet mudou a vida das pessoas em Trinidad, uma das maiores ilhas do Caribe, apresentando quatro modos principais de transformação. Cabe aqui a ressalva de que, uma parte daquela comunidade se encontrava na periferia. O autor elenca, em primeiro plano, que “(..) a internet foi então apropriada como meio de afirmar uma presença maior (..)”, em seguida aborda “(..) como a mídia cria novas liberdades, mas também a necessidade de outros controles.”; e, em terceiro caso, o autor afirma que “(..) reconhecemos a materialidade específica do meio e o impacto que ele tem na comunicação”, ou seja “como se vê a mediação da mídia” E, por fim assevera “como a internet facilitava a conectividade internacional e global.” (MILLER, 2013, p.172)

Miller (2013) ilustra como a utilização desses aparatos tecnológicos transformaram o modo de ser e de praticar a religião naquela comunidade, pois, ao se apropriar da internet, mesmo os grupos que viviam distantes do espaço físico religioso, puderam se envolver mais ativamente neste lugar específico.

Em relação aos aspectos ‘liberdade e controle’ que a mídia condiciona, Miller (2013, p.172) os reitera, exemplificando que “a Igreja Católica tem uma hierarquia tradicional, e a palavra do Papa ressoa na população por meio de vários intermediários, como bispos e padres. Com a chegada da internet, um leigo tem acesso direto e instantâneo ao centro, sem mediação.” Ou seja, o processo de leitura e interpretação antes reproduzido por um terceiro (padre) passa a chegar diretamente ao fiel, e é neste novo processo de mediação que as estruturas e hierarquias foram desafiadas.

Com o processo de mediação modificado, ressalta-se que o uso específico da materialidade tem impactos diferentes na comunicação, sobretudo para o cristão católico que sempre recorreu a elementos materiais para se chegar ao imaterial. Miller (2013, p.174) expõe ainda como as pessoas em Trinidad passaram a inquirir sobre como a internet pode ser usada para o sacramento da confissão, pois “alguns argumentavam que, mesmo na igreja, havia uma tela entre o confessor e o penitente, e isso parecia sugerir que a internet tinha um claro precedente, sendo portanto apropriada.” É notória a transformação de crenças e costumes, locais e globais, que com o uso da internet passam a ser ressignificados, pois esta ferramenta facilita a conectividade mundial e a milenar Instituição Igreja, adequando sua forma de comunicar, cumpre sua missão de divulgar o plano de Deus para todo o planeta. Porém, o documento ‘La Chiesa e internet’ (2002) do ‘Pontifício Conselho das Comunicações Sociais’, foi categórico quanto aos sacramentos, em especial, o da Eucaristia, serem realizados de forma presencial:

A realidade virtual não pode substituir a real presença de Cristo na Eucaristia, a realidade sacramental dos outros sacramentos e o culto assistido no seio de uma comunidade

humana de carne e osso. Na internet não existem sacramentos. Mesmo as experiências religiosas que são possíveis ali pela graça de Deus são insuficientes, se separadas da interação do mundo real com os outros fiéis. (n.9.

Apesar de vários rituais já serem realizados por mediação tecnológica, ‘sacramentos virtuais’ ainda não são aceitos pela comunidade eclesial e, considerando a reflexão no que diz respeito às *affordances*, ou seja, como são efetivamente utilizados os meios de comunicação, por diferentes Instituições sociais, bem como por seus respectivos partidários, infere-se a notoriedade da internet em relação às mudanças socioculturais em toda a humanidade.

Diante desse cenário de conectividade global, a Igreja precisou apropriar-se dos aparatos tecnológicos e readequar a forma de disseminar seus dogmas, pois a sociedade já dispõe de variados processos tecnossimbólicos que são disponibilizados pelas diferentes redes digitais e que viabiliza uma ‘nova forma de ser católico’.

Sbardelotto (2017, p.265) pondera que

Mediante conexões difusas e heterogêneas entre múltiplos interagentes, o sentido do “católico” se constrói comunicacionalmente por meio de diversas interações sociais. Nas presenças católicas em rede, podemos perceber que, para além da “produção” eclesial histórica e tradicionalmente concebida, entra em jogo também uma instância que não se restringe ao papel de “receptora”, mas cria espaços próprios de produção pública de sentido sobre o “católico”, para além dos interesses da Igreja.”

A midiatização resulta em mudanças multidimensionais, envolvendo formas de produzir e receber o conteúdo religioso, pois, nessa nova ambiência são possibilitadas diferentes interfaces entre o fiel e o encontro com Deus.

No próximo capítulo será apresentado o aplicativo *Click to pray*, sua funcionalidade, bem como as possibilidades de interfaces do católico em rede diante dessa plataforma sociodigital.

CAPÍTULO IV

CLICK TO PRAY: DA TRANSMISSÃO DA FÉ PARA UM MODELO DE INTERATIVIDADE

4.1. Origem da Plataforma – *CLICK TO PRAY*

A plataforma virtual de oração *Click to pray*, foi desenvolvida pela agência ‘La Machi – Comunicação para Boas Causas’, de Barcelona e lançada no ano de 2014 pelo ‘Apostolado de Oração’ em Portugal. Hoje, se apresenta com 98 países participantes em todo o mundo e apresenta-se em português, espanhol, francês, alemão, inglês e italiano.

Segundo o diretor nacional da ‘Rede Mundial de Oração do Papa’ em Portugal, padre António Valério, a plataforma surgiu de uma necessidade de a Igreja ir ao encontro das pessoas. Para o religioso: “*Se as pessoas mais jovens, e também as menos jovens, estão muito presentes no mundo digital, a oração também tem de aparecer com propostas muito claras e muito simples*”. Em 2016, ela se tornou a plataforma oficial de oração da ‘Rede Mundial de Oração do Papa’, quando o Papa Francisco anunciou, durante a oração dominical de *Angelus*, na Praça São Pedro em Roma, sua conta de utilizador do *Click to pray*, que incluiria todas as suas intenções e seus pedidos de oração pela missão da Igreja. Neste momento, o Papa fez um pedido especial aos jovens: “*Convido-vos especialmente a vós, jovens, que estais familiarizados com as novas tecnologias, a descarregar esta app Click to pray e a rezarem comigo especialmente no Panamá, na Jornada Mundial da Juventude*”.

Na primeira publicação, em 2016, Sua Santidade gravou um vídeo intitulado “1ª Mensagem Ano 2016 - Papa Francisco - Ano da Misericórdia”, no qual convidava todas as pessoas do mundo, independente da religião, a rezar por diversas intenções, dentre elas a oração pelo amor. A partir do vídeo, de 1 min e 32 seg, o número de utilizadores do *aplicativo* disparou. Desde então, todos os meses, o Papa Francisco grava o “Vídeo do Papa” - apresentando um desafio para a humanidade, expresso nas intenções de oração do Pontífice.

Como funciona a plataforma **CLICK TO PRAY**

O usuário deve baixar o aplicativo conforme imagem 1 e clicar em instalar.

Imagem 1



Fonte: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.lamachi.clicktopray&hl=pt_BR>

Assim que instalar, o usuário pode selecionar uma das três sessões para se unir em oração com o Papa e com outras pessoas: ‘Reze com o Papa’; ‘Reze cada dia’; ‘Reze em rede’.

Na sessão **Reze com o Papa** o usuário se deparará com o “Vídeo do Papa” trazendo a mensagem do mês e, na mesma tela, constam os ícones “oração” e “propostas do mês”. Ao clicar no ícone “oração” aparecerá a oração do mês que poderá ser realizada pelo usuário que, após a oração, deverá clicar em *Click to pray*. No dia em que a pesquisadora fazia o levantamento das informações, 52.392 fiéis tinham rezado.

Na sessão **Reze cada dia**, são propostos três momentos breves de oração para o dia, intitulados **Reze com Jesus pela Manhã**, **Reze com Jesus à tarde** e **Reze com Jesus à noite**. Em cada um dos momentos são propostas orações objetivas e curtas (entre 3 e 6 linhas). Ao finalizar a oração, o usuário clica em *Click to pray*.

É possível visualizar o número de fiéis que realizaram a oração no dia da realização desta pesquisa. Assim, foram computados os seguintes números: Reze com Jesus pela Manhã=4.127 pessoas; Reze com Jesus à Tarde=2.007 pessoas e Reze com Jesus à Noite=1.449 pessoas rezaram.

Na sessão **Reze em Rede** os usuários podem colocar, por escrito, suas intenções, agradecimentos e estes, serão visualizados e, ao clicar em *Click to pray* você estará em oração por aquela pessoa. Os participantes são do mundo todo.

Segundo o *site* CNBB, da Igreja Católica Apostólica Romana, em janeiro de 2019, já foram contabilizadas mais de 1,7 milhão de orações em todo o mundo. O Brasil, por exemplo, aparece entre os cinco países com maior número de orações (pouco mais de 121 mil). Lidera o *ranking* a Itália, seguida de Estados Unidos, Espanha, Brasil e Portugal.

A tabela a seguir mostra a evolução, durante 6 anos, do alcance de usuários do aplicativo *Click to pray* de outubro de 2014 a outubro de 2020.

Tabela 3 - Alcance de usuários do aplicativo *Click to pray* (de outubro/2014 a outubro/2020)

	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
Janeiro		Não consta	228	2.211	4.225	131.323	42.086
Fevereiro		164	222	1.928	5.235	57.290	36.038
Março		162	6.850	2.045	18.412	96.069	14.621
Abri		120	3.037	1.695	11.914	28.079	40.065
Mai		117	2.248	2.278	13.535	47.186	35.992
Junho		123	1.899	2.117	71.873	43.184	37.179
Julho		79	2.542	3.117	7.291	41.542	35.598
Agosto		105	2.080	3.092	7.359	39.079	31.475
Setembro		118	2.012	2.826	5.782	35.802	29.542
Outubro 20		96	1.834	2.592	9.400	45.967	32.037
Novembro	341	130	1.772	2.888	18.203	38.053	
Dezembro	235	156		2.422	59.818	36.289	
		1.852				-	

Fonte: *site* oficial da Rede Mundial de Oração do Papa; elaboração da autora desta tese.

Observa-se que, de outubro de 2014 a fevereiro de 2015, o número de fiéis internautas pode ser considerado bem reduzido em relação a março de 2016, momento em que plataforma é oficializada como a ‘Rede Mundial de Oração do Papa Francisco’ e o número de usuários atinge 6850. Porém, entre os meses de abril de 2016 e fevereiro de 2018 houve uma queda em relação aos meses anteriores e, em abril de 2017, foram computados apenas 1.695 usuários. A partir de março de 2018 a outubro de 2020 o número de usuários cresceu exponencialmente chegando a atingir, em janeiro de 2019, o total de 131.323 usuários.

Não se pode precisar o porquê de tais oscilações, mas vale destacar que, no ano de 2020, em meio à pandemia do Corona vírus, em virtude do isolamento social, esperava-se que os fiéis utilizassem mais o *app*, pois ficaram impossibilitados de ir à Igreja presencialmente. Entretanto, neste período, os números não foram muito elevados. Em março de 2020, tem-se 14.621 usuários, sendo que o maior registro do referido ano atribui-se a janeiro com 42.086.

A utilização da plataforma *Click to pray* pela Igreja Católica, em especial, pelo Papa Francisco para divulgar o Evangelho de forma interativa, comprova que o processo de inculturação da fé no areópago digital faz-se necessário.

A inculturação evidencia que a cultura tem relação íntima com as práticas sociais e com a historicidade, conforme assevera Williams (2011, p.323): “O que recebemos da tradição é um conjunto de significados, mas nem todos eles manterão sua significação se os retornarmos para a experiência imediata como devemos fazer”, ou seja: a forma como os ensinamentos seculares da Igreja eram transmitidos precisaram ser resignificados pois, diante da nova forma de vida atrelada às questões socioculturais, a maneira de viver a fé, na era digital, também fora modificada. Diante desse cenário, a Igreja remodela o aplicativo *Click to pray* para que este continue sendo considerado uma das plataformas sociodigitais de caráter religioso mais utilizadas pelos “católicos em rede”.

4.2. A Plataforma – *CLICK TO PRAY 2.0 (BETA)* resignificada

A nova versão do aplicativo *Click to Pray 2.0* foi lançada em 7 línguas, pelo Vaticano no dia 20 de outubro de 2021, com o objetivo de oferecer uma ‘experiência melhorada’ de orações digitais aos fiéis. Dentre as inovações, uma das novas funções é o “planejador pessoal de orações”, o qual busca auxiliar aos fiéis que, por algum motivo, deixaram de fazer suas orações.

Para o Padre Cosimo Schema⁴² (2021), o aplicativo “é uma forma extraordinária porque nos deixa alcançar pessoas que não encontramos fisicamente. Se torna uma ponte para alcançar aqueles corações, que, às vezes se afastaram de Deus e não têm coragem de agir fisicamente.”

Esse relato corrobora com a intenção da Igreja em reunir, compartilhar orações em rede. Para elucidar essa ressignificação na forma de transmitir mensagens religiosas, o Papa Francisco, após o anúncio da reformulação do aplicativo, mistura-se aos fiéis e participa dos registros desse momento.

Imagem do Papa Francisco com fiéis após o anúncio da reformulação do aplicativo.



Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VH9M8QF6-tc>>

4.2.1 Conhecendo o novo *layout* do aplicativo *Click to pray 2.0 (BETA)*

A midiatização é um movimento contínuo, em que os meios utilizados remodelam as relações e comportamentos humanos e, conseqüentemente, alteram a cultura religiosa, pois muitos meios de comunicação digital possibilitaram a realização virtual de rituais antes aceitos

42 Fala extraída do vídeo Vaticano, apresenta versão aprimorada do aplicativo para orações – 20 de outubro de 2021. De 46 a 56 segundos. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VH9M8QF6-tc>>

somente no espaço Igreja. Infere-se assim que, a sociedade está cada vez mais dependente da mídia e de sua lógica. Por 'lógica da mídia' os autores Altheide & Snow, (1979) *apud* Hjarvard (2015, p.64-65) asseveram que

(..) refere-se ao *modus operandi* institucional, estético e tecnológico dos meios, incluindo as maneiras pelas quais eles distribuem recursos materiais e simbólicos e funcionam com a ajuda de regras formais e informais. A lógica da mídia influencia a forma que a comunicação adquire, como, por exemplo, a maneira da política ser descrita nos textos dos veículos de comunicação.

A lógica da mídia influencia também a maneira como emissores e receptores produzem e consomem o conteúdo, pois a midiaticização pode tornar possível a interação bilateral entre Igreja – fiel e mundo, mas faz-se necessário um 'movimento de significação' nas chamadas molduras comunicativas, nas quais interlocutores devem contextualizar os conhecimentos num dado momento da vida sociocultural.

A Igreja Católica vale-se de dispositivos midiáticos para fomentar o processo de evangelização, mantendo ativos os fiéis católicos e, também buscando alcançar novos seguidores 'da Palavra'. Sendo assim, Sbardelotto (2017, p.44) assevera que "(..) a Igreja Católica, especificamente, vem atentando para os desdobramentos históricos da "Reforma Digital" como um grande 'desafio pastoral', tentando captar esses "sinais dos tempos" comunicacionais", pois as práticas religiosas no ambiente *on-line* têm-se intensificado e alterado o modo de ser do "católico" e a mídia implica essa transformação possibilitando experiências religiosas remodeladas.

(..) examina que em plataformas como Twitter e Facebook, Igreja e sociedade, em geral, encontram-se agora marcadas por novas possibilidades de construção de sentido, em termos de acesso, criação, armazenamento, gestão, distribuição e consumo de informações – indo muito além da ação tradicional da "grande mídia", entendida como as corporações midiáticas, e muito além das ações eclesiais tradicionais voltadas à comunicação: um processo sociocomunicacional que pode ser entendido a partir da perspectiva da midiaticização. (SBARDELOTTO, 2017, p.59)

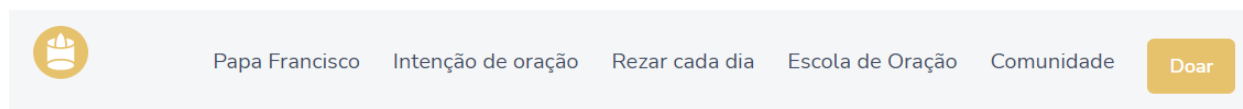
Observa-se que a mídia e a Igreja firmam uma nova estrutura para a comunicação e ação humana em relação à forma de perceber e de expressar o "sagrado" que passa a circular na internet, não apenas sob a visão clerical, mas também, sob a visão de inúmeros fiéis conectados.

O aplicativo *Click to pray 2.0* (BETA), conforme citado, foi criado em 2014 e reformulado em outubro de 2021 e é um programa de *software*, gratuito, que pode ser baixado em celulares ou Smart Tvs, pela Apple Store ou na Play Store. Para baixar o *app* basta o fiel cadastrar o e-mail e, ao acessar, aparecerão as informações sobre o objetivo do aplicativo.

A *app* que revoluciona a tua oração. Agora, rezar é mais fácil, ágil e criativo. *Click to Pray* é a *app* oficial da Rede Mundial da Oração do Papa (Apostolado da Oração) que te acompanha durante o teu dia. Liga-te a milhares de pessoas que todos os dias encontram um objetivo (nos desafios da humanidade e da missão da Igreja que o Papa nos propõe nas suas intenções, em cada mês) para rezar, viver e edificar o mundo com que sonhamos. Dá sentido à tua vida e energia à tua oração. *Click to Pray* propõe-te três momentos breves de oração para o dia. Torna-te membro desta iniciativa do Papa para ligar corações dispostos

a colaborar com ele na missão de Jesus. Juntos, cada dia é diferente. Muda a tua vida, para que nenhum dia seja igual. No *Click to Pray* também podes colocar as tuas intenções de oração para que todos rezemos contigo.

No final da página consta o *link* de acesso <www.clicktopray.org> e ao clicar neste, constarão na 'página inicial' as seguintes opções de navegação: PAPA FRANCISCO; INTENÇÃO DE ORAÇÃO; REZAR CADA DIA; ESCOLA DE ORAÇÃO; COMUNIDADE e DOAR.



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Ao clicar em PAPA FRANCISCO o fiel se deparará com uma foto do Pontífice (imagem 1) e à direita da tela constam 7 intenções postadas por ele no decorrer do mês e, mais abaixo da tela (imagem 2) tem-se o vídeo com a intenção de oração. Como a análise deste objeto de pesquisa foi feita em maio de 2022, o vídeo foi designado, especialmente “Pela fé dos jovens”.

Imagem 1



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 2



<<https://clicktopray.org/pope>>

O vídeo referente ao mês de maio tem a duração de 1min e 55 seg e o Pontífice suplica que, pela intercessão e exemplo de Maria, os jovens busquem a coragem da fé, sabendo discernir e descobrir o chamado de Jesus. No dia desta pesquisa, 51 fiéis internautas clicaram “Amém” conforme imagem abaixo:

Imagem 3

Pela fé dos jovens

Rezemos para que os jovens, chamados a uma vida em plenitude, descubram em Maria o estilo da escuta, a profundidade do discernimento, a coragem da fé e a dedicação ao serviço.

51 Ámen

0 Comentários



Em relação às 7 intenções de oração postadas pelo Papa Francisco, destacam-se as seguintes informações, conforme tabela abaixo:

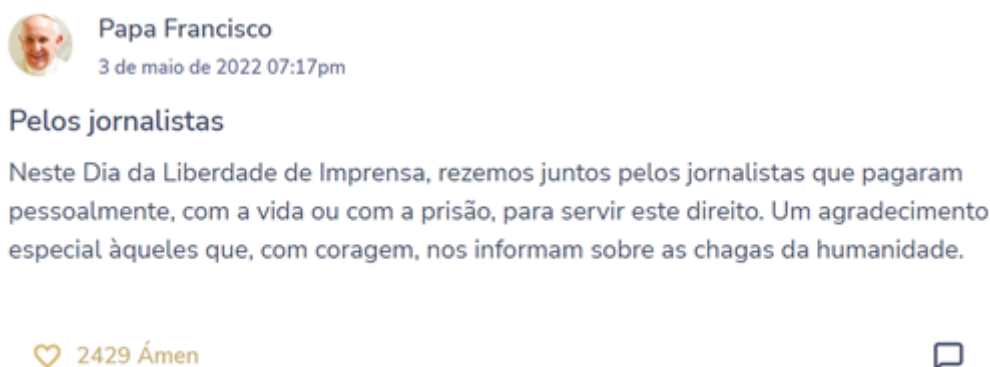
Tema da Intenção	Data	Número de acessos
Terço pela Paz	01-05-22	3102
Pelos jornalistas	03-05-22	2.429

A importância de ouvir	04-05-22	2.716
Maria, Mãe dos fiéis	07-05-22	1779
Pelas Nações	08-05-22	12743
China	24-	669
Laudato Si	5-22	2061

Fonte: *site* oficial da Rede Mundial de Oração do Papa e elaboração da autora desta tese.

Destaca-se que o tema e a linguagem utilizados nas mensagens postadas no aplicativo não seguem os protocolos canônicos da Igreja Católica, ou seja: orações prontas e decoradas, mas, produzidas, direcionadas e pensadas aos objetivos inerentes da sociedade. Tais elementos são evidenciados nas orações cujas intenções são destinadas aos jornalistas (imagem 4), em que o Pontífice agradece o trabalho e o engajamento destes profissionais para com a sociedade.

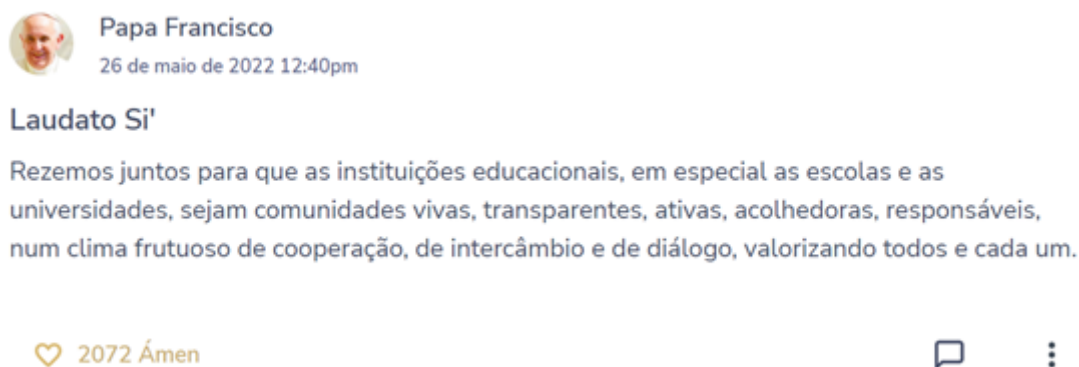
Imagem 4



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Ressalta-se também, o texto da oração intitulada *Laudato si* cujo tema recai sobre a importância do ambiente educacional na formação integral do ser humano.

Imagem 5

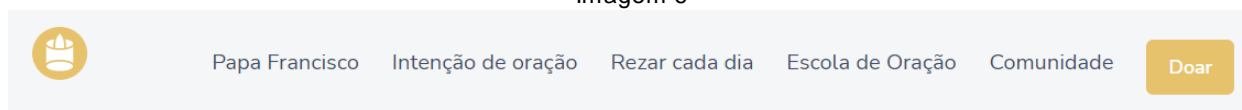


Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Conforme observado nas imagens 4 e 5, os temas tratados são de caráter universal e a forma com que o pedido de oração foi elaborado aborda uma linguagem simples, compreensível e contextualizada. Considerando-se que, diante da rapidez e dinâmica de acesso nas diferentes redes sociais e *apps*, o texto foi cogitado para tal realidade. Também é possível verificar nas imagens o número de fiéis internautas que “curtiram” os pedidos.

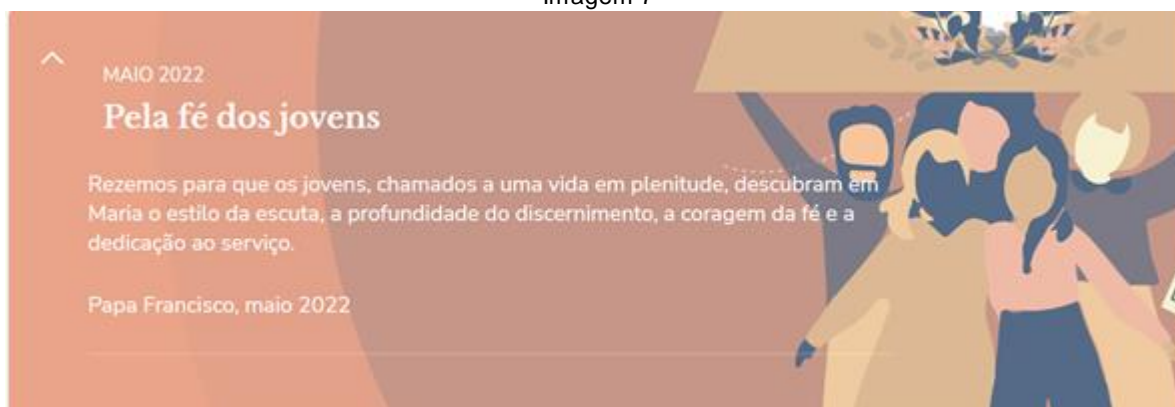
No ícone INTENÇÃO DE ORAÇÃO são dispostas as intenções do Pontífice em relação ao mês. No mês de maio de 2022, a intenção de oração teve como tema “Pela fé dos jovens”, conforme imagem 7. Nesta seção também constam: a Oração mensal – imagem 8 - que até a data da pesquisa contava com (6.808 ‘Amém’); a oração de oferecimento - imagem 9 - com (286 ‘Amém’) e o quadro “Atitudes para a vida cotidiana” – imagem 10. Todos os textos elaborados para o referido mês contemplam o tema central referente ‘à fé dos jovens’. Essas orações ficam disponíveis durante todo o mês

Imagem 6



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 7



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 8

Oração mensal

Bom Pai, que nos deixaste em Jesus Cristo
 um caminho seguro para os jovens,
 hoje trazemo-los perante vós, e rezamos por eles.
 Tal como o seu Filho forjou o seu jovem coração junto de Maria,
 envia o teu Espírito Santo para que também os jovens de hoje possam encontrar nela o crisol para os seus
 próprios corações,
 onde podem forjar uma fé corajosa, discernida e ao serviço dos outros.
 Que o teu Filho os guie ao longo dos caminhos que Ele próprio percorreu,
 e que Maria lhes ensine o que Lhe ensinou.
 Iluminai os seus corações para que, ouvindo a vossa graça,
 e encontrando apoio nos mais velhos,
 possam discernir o caminho da vida em plenitude.
 Ámen.

Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 9

Oração de oferecimento

Pai de bondade, eu sei que estás comigo.
 Aqui estou neste dia.
 Coloca mais uma vez o meu coração
 junto ao Coração do teu Filho Jesus,
 que se entrega por mim e que vem a mim na Eucaristia.
 Que o teu Espírito Santo
 me faça seu amigo e apóstolo, disponível para a sua missão de compaixão.
 Coloco nas tuas mãos
 as minhas alegrias e esperanças,
 os meus trabalhos e sofrimentos,
 tudo o que sou e tenho,
 em comunhão com meus irmãos e irmãs desta rede mundial de oração.
 Com Maria, ofereço-Te o meu dia
 pela missão da Igreja
 e pelas intenções de oração do Papa e do meu Bispo para este mês.

Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 10

Atitudes para a vida cotidiana

Discernir a própria vida

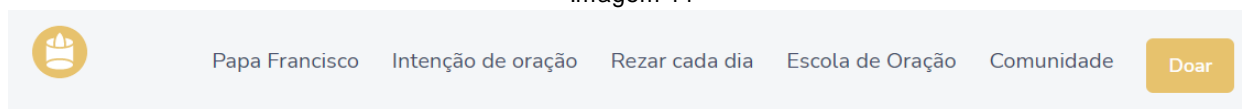
"Amadurecer, crescer e organizar a própria vida sem perder essa atração, essa abertura ampla, esse fascínio por uma realidade que cresce sem cessar. Em cada momento da vida poderemos renovar e fazer crescer a juventude" (Papa Francisco). Toma um pouco de tempo para ver o que te dá plenitude de Vida e arrisca seguir esse caminho.

Fonte:<<https://clicktopray.org/pope>>

No ícone REZAR CADA DIA, o propósito é de que o fiel acesse, pelo menos, três vezes ao dia, o aplicativo e realize os três momentos de oração que são propostos, conforme imagem 13,

cujos tópicos são: Com Jesus pela manhã – Comece o teu dia; Com Jesus pela tarde – Faz uma pausa; Com Jesus à noite – contemplar e descansar. Ao clicar em cada um dos momentos indicados as orações aparecerão respectivamente, imagens 14, 15 e 16.

Imagem 11



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 12



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 13



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 14

Oração da manhã

Com Jesus pela manhã

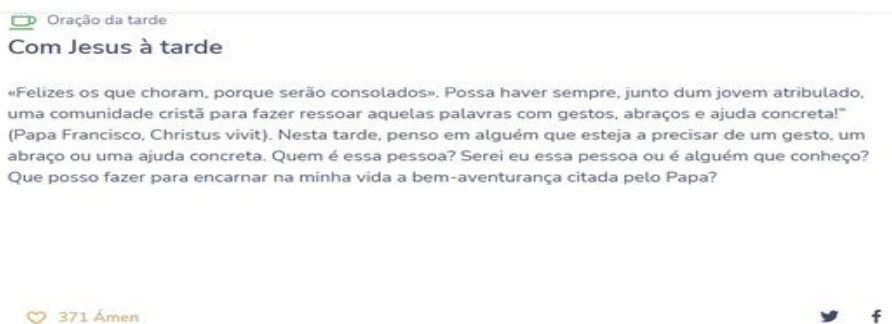
Começa um novo dia e com ele uma nova possibilidade de dar testemunho do amor de Cristo! Diz o Senhor no Evangelho: "Vós também dareis testemunho de mim" (Jo 15, 27). Damos testemunho não apenas por palavras mas sobretudo por ações e gestos concretos. Na verdade, as ações ecoam muito mais que as nossas limitadas palavras. Penso no dia que tenho diante de mim e penso como poderei oferecer os meus gestos e ações a Cristo, colocando-os intencionalmente ao seu serviço. Com esta atitude, ofereço o dia, em união com Maria, pela preparação das Jornadas Mundiais da Juventude, Lisboa 2023. Ave-Maria

718 Ámen



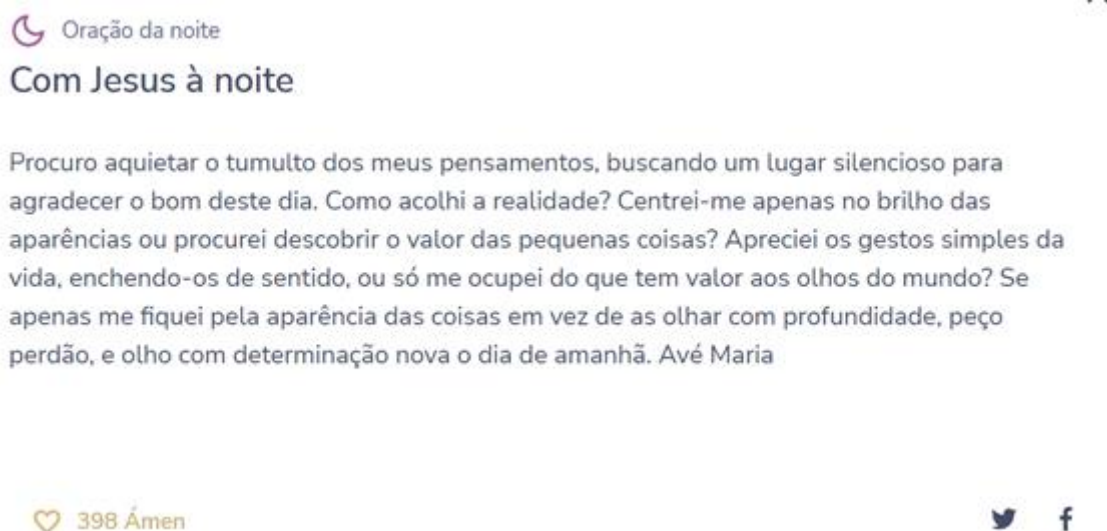
Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 15



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 16

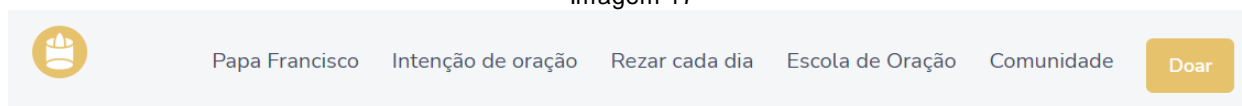


Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Percebe-se que a quantidade de “curtidas” “Amém” difere consideravelmente nos três períodos, especificamente, pela manhã tem-se 718, pela tarde 371 e à noite 398. Observa-se que no período da tarde o acesso e a realização da oração é em número menor.

Até este tópico, o aplicativo *Click to pray 2.0* manteve o mesmo padrão em relação à versão anterior. Os próximos, ESCOLA DE ORAÇÃO e COMUNIDADE apresentam características que buscam uma maior interação do fiel com a Igreja e o mundo, pois são apresentados os pedidos de orações feitos por cada internauta de diferentes países e, ao clicar em determinados ícones, o fiel é reportado para uma outra plataforma oficial (*Twitter, sites VaticanNews, Rede Mundial de Oração do Papa*), cujo conteúdo em relação ao tema sempre é mais detalhado.

Imagem 17



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

No tópico ESCOLA DE ORAÇÃO o objetivo é fazer com que o fiel aprofunde mais seus conhecimentos religiosos e desenvolva o hábito de realizar diariamente orações. Conforme imagem 18, ao clicar no ícone 'Tempo' o fiel se deparará com alguns conselhos de oração para serem realizados no período matutino. Neste ícone também é possível que o fiel agende pelo celular o melhor horário e dia da semana que se disponibilizará para realizar as orações extras. A partir do momento em que o internauta fizer esse agendamento, o celular o notificará em relação ao evento agendado. No ícone 'Encontro' são propostas ações de como realizar as orações de forma produtiva e profunda.

Imagem 18



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Referente ainda ao tópico ESCOLA DE ORAÇÃO, encontra-se a proposta de “Aprofundar a oração”, conforme imagem 18. Com exceção do tópico ‘Rezemos por uma Igreja Sinodal’, os demais indicados, no momento em que o fiel internauta clicar sobre o tópico, será direcionado a outra plataforma sociodigital.

Imagem 18



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Ao clicar no ícone 'Palavra do dia' o internauta é direcionado à página oficial do Vaticano (Vatican News), conforme imagem 19, e lhe é apresentado o texto do Evangelho referente ao dia. No momento desta pesquisa o texto sugerido foi a 'Leitura dos Atos dos Apóstolos'. (At 18,23-28).

Imagem 19



Fonte: <<https://www.vaticannews.va/pt/palavra-do-dia.html>>

Ao clicar em 'Tuitando com Deus' o internauta é direcionado a uma página oficial do *Twitter*. Nesta plataforma, conforme lhe é característico, o fiel se deparará com perguntas e respostas frequentes feitas por internautas; mas como se trata de uma conta oficial do Vaticano, somente os responsáveis podem respondê-las. As primeiras informações apresentadas na página são referentes ao tema do mês, no caso do mês de maio de 2022, 'Pela fé dos jovens', conforme ilustra a imagem 20.

Imagem 20



Tweeting with GOD Perguntas Recursos Sobre nós Colabore

Pela fé dos jovens

Os jovens têm uma vocação especial na Igreja?

Os jovens não são apenas o futuro da Igreja: O Papa Francisco nos lembra que eles estão aqui e agora...

...Como tal, eles são o presente, o agora da Igreja! Eles são o rosto jovem de Cristo, em busca de uma fé que dê sentido às suas vidas. Com sua alegria, seus sonhos e sua boa vontade, eles podem mudar o mundo. Talvez você tenha mais perguntas: [o aplicativo Tuitando com DEUS](#) pode ajudá-lo a encontrar respostas.

Fonte:<<https://tweetingwithgod.com/pt/content/722-how-do-you-avoid-addiction-social-media-i-am-more-geek-can-i-serve-god-my-computer>>

Em relação às diversas perguntas que constam no *Twitter*, destaca-se duas delas que apresentam uma estreita associação com o tema desta pesquisa, pois fizeram questionamentos sobre as redes sociais, pergunta 7.21 (Imagem 21) e a comunicação com Deus. Conforme a pergunta 7.22, cuja resposta consta ilustrada na imagem 22, na qual o internauta que se intitula um “nerd” questiona como pode servir a Deus pelo objeto computador? Esse questionamento assevera o que Miller (2013) apresenta sobre o uso da materialidade para chegar ao imaterial. Mas, constata-se que, na resposta emitida sugere-se uma certa ponderação em relação ao tempo em que se fica conectado virtualmente e é alertado que, para se conectar com Jesus, embora úteis não precisamos necessariamente dos meios de comunicação.

Imagem 21

7.21 Existe uma forma cristã de comunicação *online*? Devemos estar envolvidos nas redes sociais?



Tweeting with GOD Perguntas Recursos Sobre nós Colabore

All Tweets

Os meios de comunicação não são ruins por si só, e podemos usá-los para o bem ou para o mal. Se quisermos [proclamar o evangelho](#) onde quer que as [pessoas estejam](#), também precisamos fazer isso [online](#).

O Bispo Fulton usou todos os meios de comunicação de seu tempo para falar sobre o amor de Deus por nós. Se cada cristão fizesse o mesmo com fervor, as redes sociais de hoje seriam muito diferentes. Você pode até se tornar um [missionário online](#)! Você está pronto para se juntar a nós?

Para saber mais sobre este santo, escaneie a imagem com o aplicativo [Online com Santos](#) ou clique em:

Fonte:<<https://tweetingwithgod.com/pt/content/722-how-do-you-avoid-addiction-social-media-i-am-more-geek-can-i-serve-god-my-computer>>

Imagem 22

7.22 Como se evita um vício em redes sociais? Eu sou mais como um *nerd*; posso servir a Deus no meu computador?

Tweeting with GOD Perguntas Recursos Sobre nós Colabore

All Tweets

As mídias sociais podem ser ótimas para manter contato, mas quando ultrapassa sua vida, algo precisa mudar. Todos esses bipes e notificações podem ser esmagadores. Se esse for o caso, tente reorientar sua vida no que é realmente essencial. Para nos relacionarmos com Jesus não precisamos de nenhum meio de comunicação.

Carlo adorava trabalhar com seus dispositivos, especialmente para comunicar a fé aos outros. Mas ele também se desligava regularmente para visitar uma pessoa idosa ou doente, por exemplo. E ele adorava visitar Jesus na igreja, onde passava um tempo com Ele em frente ao Tabernáculo. Carlo sabia que muitas vezes gastamos tanto tempo em coisas supérfluas. Em vez disso, ele queria se concentrar em uma relação real e significativa com Deus e as pessoas do seu bairro. Você quer viver assim?

Fonte: <<https://tweetingwithgod.com/pt/content/722-how-do-you-avoid-addiction-social-media-i-am-more-geek-can-i-serve-god-my-computer>>

O próximo tópico, o da ESCOLA DE ORAÇÃO é intitulado CAMINHO DO CORAÇÃO e, ao clicar o internauta é direcionado ao *site* oficial da 'Rede Mundial de Oração do Papa' onde constam explicações sobre o referido movimento. De acordo com as informações disponibilizadas pelo *site*, o movimento:

É o itinerário de formação da Rede Mundial de Oração do Papa (Apostolado da Oração). É um itinerário que convida nosso coração a estar mais perto do Coração de Jesus, para configurar-nos com os seus sentimentos, desejos e anseios. É um convite a unirmo-nos à missão que Ele recebeu do Pai. Ser amigos de Jesus, profundamente unidos a Ele, percebendo suas alegrias e sofrimentos pelo mundo, nos conduz a comprometer nossa vida com Ele pelos desafios da humanidade e da missão da Igreja.

Fonte: <https://www.popesprayer.va/pt-pt/caminho-do-coracao/>

As ideias apresentadas em relação ao movimento 'Caminho do Coração' diz respeito a estar, sempre que possível, próximo de Deus por meio das orações.

O último tópico que consta na ESCOLA DE ORAÇÃO é intitulado *Click to Pray eRosary*; neste são encontradas orientações de como rezar o terço de acordo com os Mistérios designados pela Igreja e conforme os ensinamentos do Evangelho, sendo eles: gozosos, dolorosos, gloriosos e luminosos. O fiel encontrará a sugestão de qual Mistério se adéqua ao dia da oração.

Imagem 23



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

No ícone COMUNIDADE, o intuito é partilhar as orações de pedidos e agradecimentos. Conforme imagem 24, o fiel deve escrever um título para sua oração e digitar o conteúdo com a possibilidade de utilizar *emojis*, caracteres específicos de várias redes sociais e também disponíveis neste aplicativo.

Imagem 24



Fonte:<<https://clicktopray.org/pope>>

Aqui, foram selecionados, aleatoriamente, 5 textos envolvendo pedidos e agradecimentos para ilustrar a interação dos fiéis internautas e, é possível observar abaixo de cada pedi-

do quantas “curtidas “Amém” tais postagens tiveram. As postagens de pedidos de paz são as mais frequentes, acompanhadas de agradecimentos.

Imagem 25



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 26



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 27



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 28

Pelo anjinho Cássio

Recebe Senhor este anjinho que agora está ao seu lado, que ele não se sinta sozinho. Cássio estará sempre no ❤️ de todos nós, nossa estrelinha mais linda!

Cuida tbem dos pais, para que seu coração seja consolado e permaneçam firmes na fé 🙏❤️

Por Nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho, amém

❤️ 18 Ámen



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Imagem 29

Senhor, abra meus olhos e principalmente o meu coração para atender prontamente o seu chamado!

Que eu diminua e o Senhor cresça em mim.

Lava me com seu preciosíssimo Sangue Redentor.

Fazei de mim o que lhe aprouver!

Amém! Amém! Amém!

❤️ 19 Ámen

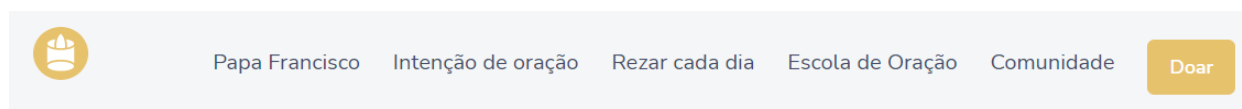


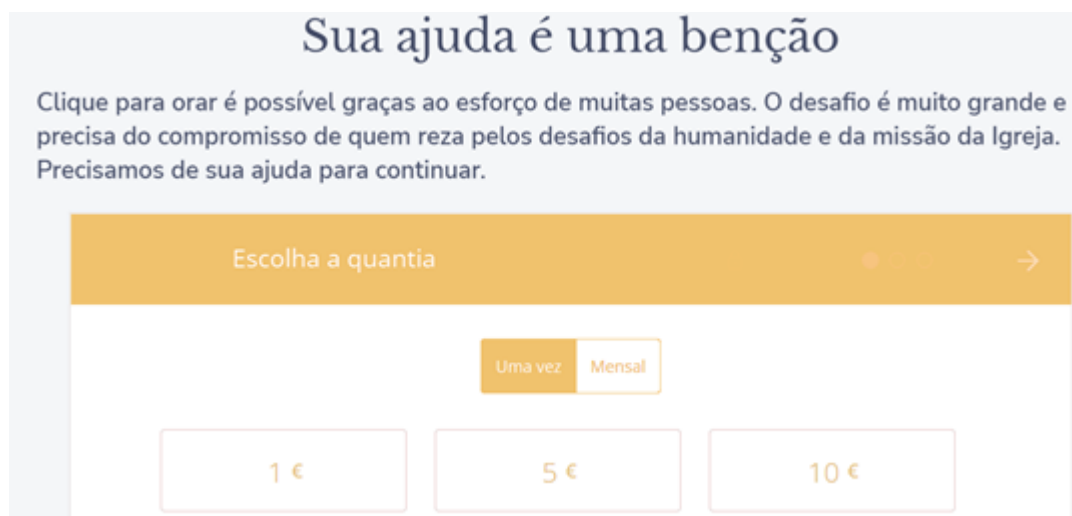
Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

As postagens de pedidos de paz são as mais frequentes, acompanhadas de agradecimentos. É possível observar no texto representado na imagem 28 que, o pedido foi de acolhimento referente à morte de uma criança. Nas imagens 25, 27 e 28, os internautas se valem de dois emojis que se repetem, são eles: o coração e as mãos unidas em referência à agradecimento e oração.

O último ícone que consta no aplicativo é o referente ao DOAR; ao clicar nele o internauta tem a opção de selecionar a quantia, em euros, e a forma de ajuda 'Uma vez' ou 'Mensal', conforme imagem 30.

Imagem 30





Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Constata-se que diante da resignificação do aplicativo Click to Pray , a Igreja procura conectar o católico a nesse novo areópago digital, utilizando-se dos dispositivos tecnológicos materiais para fazer com que a experiência em rede do católico possibilite o encontro com Deus.

4.2.2 Análise

Para iniciar a análise ressalta-se que, independente, do contexto a linguagem é fator preponderante, pois “as linguagens, sejam quais forem, são materialmente produzidas de acordo com suportes, instrumentos, meios e técnicas que são tão históricas quanto às próprias linguagens e as instituições que as abrigam. (BENJAMIN, 1972, *apud* SANTAELLA, 2000, p. 159)

No decorrer dos tópicos verificou-se que a Igreja sempre valorizou as diferentes linguagens para anunciar a Palavra de Deus, pois as pessoas usam a linguagem para representar o mundo. Destacou-se também que o contexto em que as mensagens são transmitidas e por quem são transmitidas dentro do contexto comunicacional é fator fundamental para entender como as “formas de cultura a que os processos comunicativos dão origem e nas quais germinam, por exemplo, cultura oral, cultura da escrita, cultura das massas, culturas das mídias, cibercultura.” (SANTAELLA (2001, p. 88) como observado a Igreja situava sua mensagem ao contexto referente às diferentes culturas citadas e, para investigar como a Igreja se adéqua à cultura das mídias esta tese foi desenvolvida a partir de uma pesquisa empírica com abordagem quali-quantitativa, pois esta possibilita a convergência dos dados coletados, valendo-se do procedimento documental, priorizando a análise de conteúdo veiculado pelo aplicativo *Click to pray*.

Destaca-se que a Análise de Conteúdo (AC) é apenas um método de análise de texto que surgiu no século XVII em que foram comparados símbolos numa seita religiosa, e no século XIX

passa a ser utilizada na análise de jornais. Na década de 1960 com o advento da tecnologia acentuou-se o nível de reflexão metodológica e o interesse na interpretação de textos religiosos e críticas literárias.

Conseqüentemente, os materiais para a AC são geralmente textos escritos que já foram usados para algum propósito, e Bauer e Gaskell (2008, p.192) asseveram que “a análise de conteúdo nos permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e estereótipos e compará-los entre comunidades.” A partir dessa concepção da AC é possível discorrer como os textos religiosos foram adaptados para a cultura midiática e como os sujeitos consomem estes conteúdos e Santaella (2001, p.73) afirma que “os estudos recaem sobre os modos pelos quais o advento de uma nova mídia em uma matriz previamente existente de mídias pode alterar as interações sociais e a estrutura social em geral.”

Continuando a análise destaca-se que quanto aos procedimentos a AC reconstrói representações em duas dimensões principais: a sintática e a semântica e, Bauer e GasKell (2008, p.193) as descrevem como

(..) A sintaxe descreve os meios de expressão e influência – como algo é dito ou escrito. A frequência das palavras e sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas são indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre alguma audiência.

No *app* serão analisados os aspectos referentes ao vocabulário, bem como os tipos de palavras utilizadas pela Igreja para manter-se próxima do fiel internauta considerando o meio midiático em questão. Já em relação à dimensão semântica

(..) tais procedimentos dirigem seu foco para a relação entre os sinais e seu sentido normal – sentidos denotativos e conotativos em um texto. (..) Palavras, sentenças e unidades maiores de texto são classificadas como exemplos de temas predefinidos e avaliações. A co-ocorrência frequente de palavras dentro da mesma frase ou parágrafo é tomada como indicador de sentidos associativos. BAUER e GASKELL (2008, p.193)

Conforme apresentados, nos tópicos anteriores, sempre fora prática da Igreja a utilização de símbolos, imagens, parábolas para explicar de forma conotativa a Palavra de Deus. No século XXI a Igreja continua aprimorando seu processo comunicacional adequando-o aos aparatos tecnológicos, em análise, no aplicativo *Click to pray*, imagens, textos e símbolos continuam recorrentes, porém de forma mais dinâmica para anunciar o Evangelho.

Ainda referenciando os autores Bauer e GasKell (2008, p.195) destacam que “um dos delineamentos da pesquisa da AC são as análises trans-seccionais, em que a comparação empírica pode conter textos de diferentes contextos” e no aplicativo *Click to pray* são evidenciados textos em que constam em diferentes suportes, como jornais, *Youtube*, e que são produzidos para diferentes públicos e contextos.

Para a realização da análise será utilizado o estudo “E o verbo se fez rede – religiosidades em construção no ambiente digital”, de Sbardelotto (2017) que, ao examinar as redes sociais *Facebook* e *Twitter*, pondera sobre a interfacialidade e os processos tecnossimbólicos, sociotécnicos e socio simbólicos. Especificamente, no caso do presente estudo serão tecidas considerações e comparações referentes à ‘interfacialidade e os processos tecnossimbólicos e socio simbólicos’.

Quanto à pesquisa o termo ‘interface’ para Santaella (2001, p.93) relaciona-se “(..) ao território, dos suportes, dos canais e meios que veiculam as mensagens com o território do contexto das mensagens, geram pesquisas sobre os tipos de meios de que as diferentes ordens das linguagens dispõem para veicular suas mensagens.”. Relacionando o estudo de Sbardelotto (2017) aos diferentes atributos de um meio/suporte, cabe retomar as reflexões sobre as *affordances* de um objeto e seus usos, pois para baixar o *app* faz-se necessário um celular, uma smart TV, um tablet... e tais objetos podem apresentar diferentes finalidades entre seus usuários. Em relação ao celular, algumas pessoas o utilizam somente para a realização de chamadas, enquanto outros realizam muitas atividades do dia-a-dia por meio deste dispositivo. As diferentes finalidades de uso, referem-se às *affordances* atribuídas a este objeto. Ao utilizar o celular para baixar o aplicativo *Click to Pray* o usuário atribui uma nova função a este suporte, pois por meio do aparelho e da plataforma do *app* a pessoa passará a realizar orações em algumas horas do dia.

A presença católica no aplicativo possibilita diferentes diálogos, que são constituídos por meio das interfaces, que Sbardelotto (2017, p.272) define como

(..) “lugar” organizador das interações em plataformas sociodigitais. Elas são acessíveis por meio de artefatos máqunicos (computador, *tablet*, celular, tela, teclado, *mouse*) e elementos simbólicos presentes na linguagem digital (menus, ambientes, *links*). Com elas, é possível agir e interagir no ambiente digital, constituindo uma superfície de contato entre tecnologias e usuários, ou entre usuários em rede comunicacionais, que possibilitam a circulação.

Valendo-se de acessórios tecnológicos, é possível haver uma interação envolvendo o tripé tecnologia/usuário/redes comunicacionais. A junção dos elementos citados promove a circulação do indivíduo, bem como sua interação com ambientes digitais diferenciados. Lévy (1999, p.26) assevera que “(..) é impossível separar o ser humano do seu ambiente material, dos sinais e das imagens através dos quais confere sentido à vida e ao mundo.” A circulação do católico na rede elucida a busca, a partir de uma crença, de atribuir diferentes sentidos a práticas e ritos religiosos que, antes, só eram possíveis com a presença física de uma autoridade do clero e, atualmente é possibilitada pela mediação entre processos tecnossimbólicos que Sbardelotto (2017, p.272) os identifica pela manifestação de quatro interfacialidades distintas: a padrão, a ativada, a apropriada e a coapropriada.

Ao analisar o aplicativo, observa-se a configuração da ‘interficialidade padrão’⁴³, pois ao ser utilizada pela Igreja, esta se submete aos termos e protocolos impostos pela plataforma, para assim, poder utilizá-la abordando temas religiosos e estabelecendo vínculos com a sociedade em torno do “católico. Para o usuário católico, acionar as potencialidades técnicas do aplicativo também ‘não é’ uma ação automática, pois este precisa acatar algumas exigências, dentre elas, cadastrar um *e-mail* para assim, conseguir baixar o aplicativo e, então ter acesso aos conteúdos. Isto evidencia que “a interface não apenas “transmite” sentidos, mas ela mesma é constituída por sentidos, como processo tecnossimbólico, pois o sentido das ações que os interagentes realizam em comum dependem desse lócus em que se situa o desenrolar das ações”. (SBARDELOTTO, 2017, p.273), ou seja: para haver a interação é preciso a adesão por parte do usuário à plataforma e à rede comunicacional para principiar o diálogo.

A Igreja, ao aceitar e aderir as condições impostas pela plataforma, precisará caracterizar tal ambiente com elementos tecnossimbólicos que remetam à presença desta Instituição no *app* e permita que esta seja percebida e visitada pelos católicos, ou seja, a página oficial do *Click to pray*, pode ser considerada um exemplo de interficialidade ativada, pois se utiliza da imagem do Papa, principal representante da Igreja Católica; na legenda consta a informação de que, por meio deste dispositivo tecnológico, a forma de fazer oração para o católico passa a ser ressignificada.



Fonte: <https://play.google.com/store/apps/details?id=com.lamachi.clicktopray&hl=pt_BR>

⁴³ “Refere-se aos elementos que caracterizam cada plataforma, ou seja, elementos -padrão que caracterizam tais plataformas e dos quais os interagentes não podem abrir mão, pois são necessários para a efetivação das interações” Sbardelotto (2017, p.272)

Sbardelotto (2017) assevera também que, a interfacialidade ativada efetiva-se quando as interfaces dessa plataforma (*app*) (grifos da autora) são previamente reguladas por serem necessárias para as interações; entretanto, cada elemento é reconstruído, mediante processos tecnossimbólicos, de forma a manifestar, a “marca” em razão desse interagente específico.

A ativação pelas páginas católicas não significa que os integrantes (Igreja e fiéis) vão se limitar àquela única plataforma; conforme apresentado no aplicativo *Click to pray*, um *click* no teclado ou no *mouse* remeterá o usuário a outra plataforma também de cunho religioso. Ao clicar no ícone “Palavra do dia” o internauta terá acesso imediato ao *site* VaticanNews; diante desta ação tem-se a interfacialidade apropriada.



Fonte: <<https://www.vaticannews.va/pt/palavra-do-dia.html>>

A interfacialidade apropriada, para Sbardelotto (2017, p. 274) “(..) é construída pelas plataformas que, mediante uma apropriação específica por parte das páginas, levam os usuários a realizarem outras ações comunicacionais em outros ambientes”. Tal ação também pode ser comprovada no *app* em estudo, quando o usuário clica no ícone ‘Tuitando com Deus’ e é direcionado ao *Twitter* oficial do Vaticano. Entretanto, ressalta-se que sem o interagente, a interface só existe virtualmente. O autor reforça que são as “escolhas” de cada usuário diante das funcionalidades das páginas católicas nas plataformas sociodigitais, que desdobram complexamente tais modalidades de interação.” (2017, p.274).



Perguntas

Recursos

Sobre nós

Colabore

Pela fé dos jovens

Os jovens têm uma vocação especial na Igreja?

Os jovens não são apenas o futuro da Igreja: O Papa Francisco nos lembra que eles estão aqui e agora...

...Como tal, eles são o presente, o agora da Igreja! Eles são o rosto jovem de Cristo, em busca de uma fé que dê sentido às suas vidas. Com sua alegria, seus sonhos e sua boa vontade, eles podem mudar o mundo. Talvez você tenha mais perguntas: [o aplicativo Tuitando com DEUS](#) pode ajudá-lo a encontrar respostas.

Fonte: <<https://tweetingwithgod.com/pt/content/722-how-do-you-avoid-addiction-social-media-i-am-more-geek-can-i-serve-god-my-computer>>

Para que a interfacialidade apropriada seja efetiva, faz-se mister a ação interacional do usuário com os processos tecnossimbólicos aos quais este está exposto e disposto a utilizá-los. No entanto, mesmo diante das regras impostas pela plataforma e pelas especificidades de uma página católica (interfacialidade padrão e ativada), o usuário pode comportar-se de ‘maneira diversa’ ao esperado pelo sistema, ou seja: um determinado conteúdo não correspondeu às expectativas ou a forma de acesso é morosa, o que o leva a abandonar tal forma de interação e, diante deste percalço, cria-se uma certa ‘tensão’ entre sociedade e Igreja. Diante desse processo de inquietação, tem-se a chamada ‘interfacialidade coapropriada’. No aplicativo foi possível observar uma forma de interfacialidade coapropriada a partir da resenha de um dos usuários a respeito da funcionalidade do *app*, que foi corroborada por mais 23 pessoas, conforme ilustra imagem abaixo:

★ ★ ★ ★ ★ 18 de janeiro de 2019

Após a atualização de início de ano, ficou péssimo. Toda hora que acessa, é necessário optar pela conta de acesso e as orações do período, não estão mais tão acessíveis, tomando muito tempo para acessar. Antes era MUITO melhor. Estou prestes a desinstalar, infelizmente.

Essa avaliação foi marcada como útil por 23 pessoas

Fonte: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.lamachi.clicktopray&showAllReviews=true>>

Sbardelotto, (2017, p.276) sinaliza que “(..) as interfaces são a síntese comunicacional das regulações em torno das interações e conexões sociodigitais. Como redes de mediação, as interfaces são o modo regulado de agir em redes comunicacionais.” E acrescenta-se: estas devem ser acompanhadas pela sociedade e Igreja, pois como foi possível observar existe uma certa insatisfação em relação à funcionalidade do aplicativo, podendo levar o usuário a desistir ou mesmo desinstalá-lo.

Como visto no caso analisado, os interagentes ao utilizarem os processos sociodigitais têm restrições quanto às questões técnicas; porém têm liberdade de decidir se continuam ou não interagindo pelo aplicativo.

Considera-se que, as limitações impostas por protocolos não são, na maioria das vezes, suficientes para a ‘evasão’ do usuário, pois o ambiente digital dispõe de uma complexa rede de interações comunicacionais em que diferentes interagentes se conectam e ressignificam seus discursos, suas crenças, recorrendo a imagens, textos, áudios e vídeos. As plataformas midiáticas utilizadas pela Igreja Católica, possibilitam a exposição “do dizer” da maior autoridade, o Papa, ao integrante leigo de uma comunidade. Essa possibilidade de conexão entre o líder religioso com os católicos do mundo todo, faz com que as lógicas e dinâmicas sociais e simbólicas sejam continuamente ressignificadas.

Para elucidar a reflexão acima, retoma-se à repaginação do aplicativo *Click to Pray*, feita pelo Vaticano em 2021, pois conforme supracitado, foram incluídos tópicos que permitem aos usuários uma interação mais efetiva e com possibilidade de reconexões. Sbardelotto (2017, p. 285) afirma ainda que:

Do ponto de vista religioso, as reconexões revelam a experimentação social sobre o “católico” nos processos de circulação comunicacional, em que é possível partir de algo já dado (pela tradição, pela doutrina, pela instituição, etc.) e inventar comunicacionalmente, chegando a algo novo (*in+venire*) por meio de práticas conexiais, que se somam e complexificam as práticas tradicionais de construção do catolicismo.(grifos do autor)

A reconexão, neste contexto, diz respeito à forma com que o católico articulava os sentidos relacionados à sua crença, antes transmitidos (oralmente, textos (escrita) rádio, televisão) e hoje, quando tais ritos e simbologias são disseminados pela rede (*Twitter, Facebook, Instagram, aplicativos, Youtube*) e o “católico” ao navegar pelas redes, vivencia, de forma ressignificada, essas experiências religiosas, só que agora são específicas das sociedades em midiatização.

No aplicativo, em especial no tópico ‘Rezar cada dia’, o fiel realiza a oração elaborada pelo Pontífice, mas, ao final desta, encontra-se a oração tradicional “Ave-Maria” (ensinada na catequese de forma oral ou escrita) e que, de acordo com os costumes católicos, ao finalizar esta oração, o fiel tem o hábito de fazer com as mãos o ‘sinal da cruz’ simbolizado pelas expressões “Em nome do Pai, do Filho, do Espírito Santo, Amém”. Observa-se que, ao realizar as orações no aplicativo, a ação que indica o final da prece é sinalizada por um clique na palavra “Amém” e o fiel, ao clicar, atesta que realizou por meio da rede, a oração.

 Oração da manhã

Com Jesus pela manhã

Começa um novo dia e com ele uma nova possibilidade de dar testemunho do amor de Cristo! Diz o Senhor no Evangelho: "Vós também dareis testemunho de mim" (Jo 15, 27). Damos testemunho não apenas por palavras mas sobretudo por ações e gestos concretos. Na verdade, as ações ecoam muito mais que as nossas limitadas palavras. Penso no dia que tenho diante de mim e penso como poderei oferecer os meus gestos e ações a Cristo, colocando-os intencionalmente ao seu serviço. Com esta atitude, ofereço o dia, em união com Maria, pela preparação das Jornadas Mundiais da Juventude, Lisboa 2023. Ave-Maria

 718 Ámen



Fonte: <<https://clicktopray.org/pope>>

Ao conectar-se à rede para realizar e praticar suas crenças, o fiel está interagindo, num contexto específico, no qual é possível consolidar práticas tradicionais que são possibilitadas a partir da interface com as novas plataformas sociodigitais. Por esta razão, Sbardelotto (2017, p.286) alerta que

As conexões não existem "em si mesmas", mas são construídas e mantidas constantemente pela ação comunicacional via dispositivo. Mesmo em um simples compartilhamento de conteúdo, não há apenas transmissão de informação, mas também e principalmente uma conexão de conexões (sociais, tecnológicas, simbólicas) que rearticulam as redes já existentes em novas redes.

A conexão entre os elementos -sociais, tecnológicos, simbólicos- é constatada a partir do momento em que o católico, ao navegar nas redes, relaciona sua concepção de crença, valendo-se dos dispositivos tecnológicos que propiciam, por meio da digitalização uma experiência simbólica ressignificada. Entretanto, para esclarecer a 'complexidade da conexão' e dessas interações em redes comunicacionais, Sbardelotto (2017, p.290) elenca "quatro grupos a partir de uma reconfiguração midiática, são elas: reconexões **intraplatafórmicas**, reconexões **interplatafórmicas**, reconexões intermediáticas e reconexões transmidiáticas."

No que diz respeito às reconexões **interplatafórmicas**, estas possibilitam não somente a conexão entre plataforma e indivíduo, mas também a partir do acesso ao conteúdo daquela página, os interagentes, através de *links* e *hiperlinks* são remetidos a outras plataformas, como *sites*, *Twitter*, *Facebook*. As reconexões intermediáticas possibilitam a articulação de outras mídias, como livros, jornais, Tv. A reconexão intermediática, no caso do *app*, pode ser observada no momento em que o usuário clicar no ícone 'Palavra do dia', este é remetido ao *site* oficial do Vaticano onde será direcionado a um texto do Evangelho que consta na Bíblia; o usuário também tem acesso às informações veiculadas em jornais e TV. Já as reconexões transmidiáticas realizam-se a partir de uma situação originária de um contexto *off-line* e que emerge para o

contexto *on-line*. A reconexão transmidiática é muito visível no contexto religioso, a qual podemos exemplificar com a ‘missa’, ‘rezar o terço’, ‘acender vela’.. todas essas ações migraram também para o *on-line*.

As reconexões possibilitadas, em especial, no ambiente digital, conectam o fiel com o “sagrado”, possibilitando experiências religiosas mediadas pela rede. Porém, tais mediações são reguladas por protocolos e interfaces impostos pelas instituições sociais. Neste contexto de interação midiático, a circulação do “católico” em rede é ressignificada, e infere-se que a mediação não se traduz em uma ‘mera emissão e recepção’ da mensagem, pois os interagentes, valendo-se dos processos tecnossimbólicos e sociossimbólicos, se reconectam e transformam crenças católicas, reconstruindo a forma de ser “católico”. Não esquecer que este católico que navega ‘na’ e ‘pela’ rede tem voz e participação na construção de conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos estudos realizados foi possível tecer algumas considerações a respeito de como é importante relacionar o conceito de cultura ao contexto sócio-comunicativo no, qual os indivíduos e instituições encontram-se inseridos. Mapear adequados teóricos sobre o desenvolvimento desse conceito oferece elementos matizados para compreender as transformações no decorrer do tempo com as diferentes interpretações assimiladas e incorporadas às épocas e às várias áreas do conhecimento.

Relacionando a cultura ao aspecto religioso, percebeu-se a forte influência desse termo em seu sentido originário, em que a expressão carregava a denotação metonímica de cultivo do solo relacionando-o a algo material, como campo, alimento, ação do homem. A Igreja, recorrendo a estas experiências, adéqua seus ensinamentos bíblicos servindo-se de palavras, expressões e exemplos dinâmicos e contextualizados para que as pessoas associem seus conhecimentos terrenos à experiência salvífica, fundamental para a Igreja. À guisa de exemplo pode-se citar o uso recorrente do gênero ‘parábola’ muito presente no Antigo e no Novo Testamento.

O desdobramento do termo cultura passa, então, a denotar um arquétipo de significados metafóricos que são transmitidos e assimilados por meio de símbolos auferidos e que, com o passar do tempo, seus significados são adequados e readequados às condições sociais e temporais nas quais o homem está inserido.

Como observado no decorrer da pesquisa, em séculos anteriores, a Igreja Católica foi analisada entre as diferentes concepções e interpretações segundo a cultura dos povos do Oriente e Ocidente. Estes entendimentos em relação à propagação da Palavra de Deus e, em virtude dos sentidos dos vocábulos, apresentam diferentes decodificações em relação a uma mesma palavra. A Igreja utilizou-se de símbolos, imagens, cujas significações foram compartilhadas de maneira unânime, sobretudo pelos múltiplos Concílios eclesiásticos, entre os povos. O objetivo se concentra no anúncio do ensinamento da Palavra, tendo alcance universal. Esse movimento de adequação de linguagem por parte da Igreja sempre teve por desígnio atrair e manter a fé dos fiéis em diferentes épocas. Constata-se, porém, na História, que este processo de evangelização nem sempre fora algo natural, pois muitos clérigos ao chegarem em certas localidades impunham os ensinamentos cristãos como únicos e inquestionáveis. Esse movimento de determinação por parte da Igreja fez com que o termo “aculturação” fosse analisado nesta pesquisa. Em primeiro plano, se aprofundou o processo dinâmico que advém de transformações e adequações de distintas comunidades, povos e culturas, que passaram pelo movimento de fusão de costumes e tradições: uma aculturação espontânea. Para elucidar a ‘aculturação espontânea’ destaca-se a forma de contato que Jesus e os discípulos tiveram com povo da Galiléia. Nesse sentido, a aculturação não quer dizer que o indivíduo tenha se anulado ou rompido com suas origens; mas que houve um processo intrínseco de adaptação ao costume do outro, pois toda cultura é um processo permanente de construção, de desconstrução e reconstrução.

Numa segunda análise, citamos o processo de ‘aculturação forçada’ em que os indivíduos pertencentes à cultura dominada, são obrigados a aceitar as imposições dos sujeitos da cultura dominante. Um exemplo deste tipo de aculturação remete à imposição do cristianismo sobre as culturas indígenas. A terceira concepção atribuída ao termo, diz respeito a uma aculturação planejada que resulta de uma intenção de determinado grupo que ambiciona propagar seu modo de vida. Firma-se que o sentido do termo ‘aculturação’, ao ser avaliado, não pode ser afastado no tempo e no espaço sociocultural. Desta forma a verificação dos paradigmas comportamentais e habituais são manifestados: propostos ou impostos pela cultura dominante?

Em relação ao processo de Evangelização no século XIX, em especial no Concílio Vaticano II, o Papa João Paulo II apresenta reflexões sobre a inculturação, termo de sentido teológico que designa, conforme as palavras do Pontífice, como “1) uma atitude de acolhimento e de discernimento crítico, 2) a capacidade de captar os anseios espirituais e as aspirações

humanas das novas culturas, 3) a aptidão para a análise cultural em vista de um encontro efetivo com o mundo moderno. (PAPA JOÃO PAULO II, 1988)

Evidencia-se assim que, a Igreja precisa continuar a disseminação de seus ensinamentos, tendo em vista as transformações sociais atreladas a descobertas científicas e tecnológicas e, de acordo com as palavras do Papa, faz-se necessário que esta Instituição acolha e atenda aos anseios das pessoas que estão inseridas nesta nova cultura tecnológica. O Pontífice, ao utilizar as palavras “acolhimento”, “discernimento” e “novas culturas”, conduz a reflexão de que a ‘inculturação’ da fé demanda dos evangelizadores conhecimentos culturais, antropológicos, teológicos e sociais para ‘não impor’, mas sim, propor uma nova forma de pensar e de agir para os leigos de diferentes comunidades.

A Igreja Católica em seu movimento milenar sempre precisou ressignificar seus ensinamentos adequando-os a diferentes públicos, a diferentes realidades e ideias, para manter e conquistar fiéis na perseverança da fé e ações coerentes ao Evangelho.

Com o advento dos meios de comunicação de massa (rádio, TV) envolvendo recursos técnicos e institucionais, a Igreja novamente tende a acompanhar o desenvolvimento social para conquistar novos fiéis e manter os demais. Nesse processo, a Igreja amolda alguns ritos religiosos, (missas, novenas, terços) antes mediados pela figura do sacerdote, face a face, e a partir de então, passam a ser mediados pelos suportes rádio e TV. Neste fluxo, o processo comunicacional religioso passa por alterações, pois os meios de comunicação de massa envolvem muitas pessoas e, estas recebem e compartilham experiências mediadas pela tecnologia. Porém, ressalta-se que, a informação veiculada pelos meios de comunicação de massa fortalece o controle social de forma padronizada, determinando os assuntos dos quais se sabe que terão mais ou menos a atenção dos fiéis. Os efeitos provocarão, nos receptores, a partir das formas simbólicas empregadas na transmissão da mensagem, ou seja, o controle da informação ainda fica restrito a uma minoria, pois a maioria ainda não tem muita voz diante desses aparatos. São ouvintes e telespectadores.

Já nos séculos XX e XXI, o contato com as diferentes mídias digitais tem proporcionado distintas experiências de fé, pois, como foram apresentadas no decorrer desta pesquisa, as práticas religiosas foram ressignificadas de acordo com as novas metodologias. Assistir a uma missa valendo-se dos aparatos tecnológicos que permitem a interação do fiel com o celebrante; acender uma vela virtual; fazer pedidos de oração em rede, etc.. Tais experiências possibilitam uma nova visão de contato com o divino.

A mediação possibilitada pela rede transforma o processo comunicacional tradicional em que “o dizer” era função única e exclusiva de um emissor. Com navegação ‘em’ e ‘na’ rede,

emissores e receptores se inventam em processos de identificação e interação. Tornam-se sujeitos participativos e integrados.

A instituição Igreja é um exemplo de que a presença da mídia 'transformou a maneira de evangelizar' e o 'modo de ser católico'. Como analisado no decorrer deste estudo, a apropriação de diferentes ferramentas tecnológicas e suas funções comunicacionais possibilitaram interações entre as autoridades eclesiais e os fiéis. Essa "Reforma Digital" foi instituída em virtude da necessidade da Igreja de se aproximar de forma mais efetiva dos cristãos católicos, que passaram a aderir os dispositivos tecnológicos para anunciar e dar significação às suas crenças e rituais religiosos.

Dispondo de um celular e de uma plataforma, o devoto pode atribuir a este dispositivo diferentes *affordances* para sua *práxis* religiosa, como assistir a uma missa ao vivo, pelo *Youtube*, acender uma vela digital pelo *site* de um Santuário, fazer pedidos de oração e enviar mensagens direto para o Santo Padre o Papa, pelo aplicativo *Click to Pray 2.0 (Beta.)* Conforme fora apresentado, para que haja a interação é preciso que, tanto a Igreja quanto o fiel aceitem os protocolos impostos pela instituição midiática. No caso do *app*, ao baixá-lo, o "católico em rede" terá à sua disposição diferentes opções de 'como rezar', 'onde rezar' e também de programar o melhor horário de realizar a oração de acordo sua rotina.

Pode-se assim, inferir que ocorreram muitas transformações, tanto por parte da Igreja como nos costumes dos fiéis, para que seja possível a reconstrução das práticas católicas no ambiente digital. Sabe-se que este debate é 'inconcluso', pois o recorte versou sobre a plataforma *Click to Pray*, porém a discussão a respeito das crenças e práticas religiosas apresentadas pelos meios digitais vão muito além dos aparatos tecnológicos e este assunto sempre irá requerer novas pesquisas.

O comprometimento neste estudo foi o de entender, interpretar, explicar e comprovar a tese de como se dá a mediação do católico em redes comunicacionais, que surgem em plataformas sociodigitais. Foi constatado que há interação entre fiéis e a Igreja a partir da tecnologia digital mediada pelo aplicativo *Click to pray*; porém, a interação não ocorre automaticamente pelos mecanismos técnicos mas é construída e mantida pela ação comunicacional defendida pela Instituição e as expectativas dos sujeitos.

Diante de tantas mudanças técnico-digitais a sociedade tem passado por transformações no modo de ser e de viver e, como se observou no decorrer do estudo a Igreja sempre se preocupou em estar e se fazer presente na vida dos fiéis seja pela mediação dos meios de comunicação de massa seja nessa nova ambiência digital em que o processo de interação tem-se ressignificado de forma constante. E em virtude dessa dinâmica é impossível precisar se até os ritos sacramentais

religiosos como batismo, confissão, tão tradicionais na Igreja Católica, não migrarão para a forma híbrida, pois o processo comunicacional tem-se ressignificado de forma célere. Por esta razão este estudo não se esgota e sinaliza a necessidade de pesquisas posteriores, pois em consequência do desenvolvimento social, novas ferramentas serão concebidas e novas formas de interação serão apresentadas, aprimoradas e consumidas pelo católico em rede.

REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio Agamben. **O que é contemporâneo?** e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ALBERIGO, Giuseppe.(Org.) **História dos Concílios Ecumênicos**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1995.

AQUINO, Felipe. **História da Igreja. Concílio Vaticano I (parte 3)**. Lorena, SP: Ed. Cléofas, 2011. Disponível em: <<https://cleofas.com.br/concilio-vaticano-i-parte-3/>> Acesso em: 30 out 2021.

AUROUX, Sylvain. **Filosofia da Linguagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2009.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.

BARBERO, Jesús Martín. Entrevista: Jesús Martín-Barbero fala sobre **Comunicação e suas obras**. 2012. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2012/07/entrevista-jesus-martin-barbero-fala-sobre-comunicacao-e-suas-obras.html>> Acesso em: 10 abr 2022.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **Igreja, Estado e Educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito à educação**. Dissertação apresentada à Faculdade da Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2007. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11122007-085529/publico/DissertacaoLucianeMunizRBarbosa.pdf>> Acesso em: 31 out 2021.

BASTOS, Marco Toledo. Medium, media, mediação e midiaticização – a perspectiva germânica. 2012. Disponível em: <<C:/Users/User/Downloads/Bastos-Mediummediamediaoemidiaticizacao.pdf>> Acesso em: fev 2022.

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BELLITTO, Christopher M. **História dos 21 Concílios da Igreja- De Nicéia ao Vaticano II**. Trad. Claudio Queiroz de Godoy. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2016.

BENTO XVI, Papa. **Visita do Papa Bento XVI à sede da Rádio Vaticano por ocasião do 75º aniversário da emissora – Discurso aos Directores e funcionários**. Vaticano, 2006. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2006/march/documents/hf_ben-xvi_spe_20060303_vatican-radio.html> Acesso em: 26 out 2021.

_____. **Exortação Apostólica SACRAMENTUM CARITATIS**. Roma, 2007. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html> Acesso em: 08 jul 2021.

_____. **12ª Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos**. Roma, 2008. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20081001.pdf> Acesso em: 08 jul 2021.

_____. **Exortação Apostólica Verbum Domini**, Roma, 2010. Disponível: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Exortação Apostólica ECCLESIA IN MEDIO ORIENTE**. Beirute, Líbano. 2012. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20120914_ecclesia-in-medio-oriente.html> Acesso em: 08 jul 2021.

BLANDER, Richard. GRINDER, John. **Ressignificando**: Programação Neurolinguística e a transformação do significado. 5ª Ed. Trad. Maria Sílvia Mourão Neto.) São Paulo: Summus Editorial, 1986.

BOSI, Alfredo. **A origem da palavra cultura**. 2018. Disponível em: <<https://pandugiha.wordpress.com/2008/11/24/alfredo-bosi-a-origem-da-palavra-cultura/>> Acesso em: 20 jul 2020.

BRAGA, José Luiz. Circuitos *versus* campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação & Mdiatização**: conexões epistemológicas. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>> Acesso em: 28 mar 2021.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de Semântica: Ciência das Significações**. Trad. de Férras, A. et al. São Paulo: Educ & Pontes, 1992.

BRANDÃO, C. A. L. (Org). **A república dos saberes**: arte, ciência, universidade e outras fronteiras. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008.

CALDAS, Waldenyr. **O que todo cidadão precisa saber sobre a cultura de massa de comunicações**. São Paulo: Global, 1987.

CAMPOMORI, Maurício José Laguardia. O que é avançado em cultura. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org). **A república dos saberes**: arte, ciência, universidade e outras fronteiras. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008. p.73-80

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. São Paulo/ Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na internet. 2 ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**. 22ª ed. revista e ampliada, São Paulo: Paz e Terra, 2020.

CENTOFANTI, Sérgio. **Primado e infalibilidade**: 150 anos da proclamação dos Dogmas. Vatican News. Vaticano, 2020. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-07/primado-e-infalibilidade-150-anos-da-proclamacao-dos-dogmas.html>> Acesso em: 1 nov 2021.

COLERIDGE, Samuel Taylor. **Biographia Literária**. 1817. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/6081/6081-h/6081-h.htm>> Acesso em: 20 mai 2018.

CHUPUNGCO, Anscar J. **Inculturação Litúrgica**: sacramentais, religiosidade e catequese. São Paulo: Paulinas, 2008 [Coleção 'Celebrar e Viver a fé'].

CLICK TO PRAY, Rede Mundial de Oração do Papa. Disponível em: <<https://www.clicktopray.org/>> Acesso em: 2 nov 2021.

CNBB, Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, **Ele está no meio de nós!** o semeador do reino. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. CNBB. **Igreja Católica Apostólica Romana**. Exortações Apostólicas transmitem ensinamentos e animam fiéis a vivê-los. 2020. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/exortacoes-apostolicas-transmitem-ensinamentos-e-animam-fieis-a-vives-lo-plenamente/>> Acesso em: 28 jul 2020.

_____. **Click to Pray: o aplicativo que une jovens aos pedidos de oração do papa**, 2019. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/click-to-pray-o-aplicativo-que-une-jovens-aos-pedidos-de-oracao-do-papa/>>. Acesso: 15 mar 2019.

CONNOR, Joseph O'. SEYMOUR, John. **Introdução à programação neurolinguística**—como entender e influenciar as pessoas. Trad. Heloísa Martins-Costa, 7ª Ed. São Paulo: Summus, 1995.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Trad. Viviane Ribeiro – Bauru: EDUSC, 1999.

DICTIONNAIRE ENCYCLOPÉDIQUE DES SCIENCES DE L'INFORMATION ET DE LA COMMUNICATION. Paris: Ellipses-Éd Marketing S.A. Médiation. In: LAMIZET, Bernard; SILEM, Ahmed (1997). ISBN 2-7298-4766-9. p. 364-365

DIZIONÁRIO LATINO-ITALIANO. s/d. Disponível em: <<https://www.dizionario-latino.com/dizionario-latino-italiano.php?parola=Colo#>> Acesso em: 19 out 2021.

EAGLETON, Terry. **A ideia de Cultura**. Trad. Sandra Castello Branco. 2ª Ed. São Paulo: UNESP, 2011.

ECCO, Clovis. FILHO, José Reinaldo F. Martins. **CELEBRAR A VIDA É VIVER A FÉ**: sobre o conceito de inculturação no catolicismo pós-conciliar. In *Revistas de Teologia e Ciências da Religião- Universidade Católica de Pernambuco*. ISSN: 2237-907X. DOI: 10.20400/P.2237-907X.2016V6N2P505. V. 6 • n. 2 • julho-dezembro/2016, p. 505-522

FAUSTO Neto, Antônio (2008, p. 93) citado in **Medium, media, mediação e midiatização**: a perspectiva germânica. EDUFBA - Compós. Salvador- Brasília. 2012 Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>> Acesso em 20 mai 2022.

FILLMORE, Charles J. Frame Semantics. In the morning calm. In: **The Linguistic Society Of Korea** (org.). Hanshin: Linguistics Seoul, 1982.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

FRANCISCO, Papa. **Disatério para a comunicação- Dicastrium pro Communicatione**. - (Anuário Pontifício 2016) **Vaticano, 2016**. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/segreteria/segreteria-comunicazione/documents/segreteria-per-comunicazione_profilo_po.html>. Acesso em: 1 nov 2021.

_____. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Roma, 2013. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html> Acesso em: 26 out 2021.

_____. **Discurso do Papa Francisco aos funcionários do Dicastério para a comunicação**. Vaticano, 2019. Disponível em <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/september/documents/papa-francesco_20190923_dicastero-comunicazione.html> Acesso em: 26 out 2021.

_____. **Sínodo dos Bispos Assembléia Especial para a Região Panamazônica – Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia Integral.** Vaticano, 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20191026_sinodo-amazzonia_po.html> Acesso em: 26 out 2021.

_____. **Discurso do Papa Francisco à Cúria Romana na Apresentação de Votos Natalícios.** Vaticano, 2019. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/december/documents/papa-francesco_20191221_curia-romana.html> Acesso em: 01 nov. 2021.

GAARDER, Jostein – **O mundo de Sofia- Romance da história da filosofia.** Trad. João Azenha Jr. 70ª impressão – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** (1926) Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2017.

HANSEN, João Adolf. **Alegoria – construção e interpretação da metáfora** – São Paulo, SP: Ed. Hedra; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2006.

HEPP, Andreas. 2011 in BASTOS, Marco Toledo. **Medium, media, mediação e midiatização: a perspectiva germânica.** EDUFBA - Compós. Salvador- Brasília. 2012 Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/k64dr/pdf/mattos-9788523212056.pdf>> Acesso em 20 mai 2022.

HJARVARD, Stig. **Da Mediação à Midiatização: a institucionalização das novas mídias.** São Paulo: Revista Parágrafo, 2015. V.2, N.3, ISSN 2317-4919.

HJARVARD, Stig. **Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural** In **Mediatization: theorising the media as agents of social and cultural change.** vol.29, n.2 USP – São Paulo: MATRIZES–Nordicom Review, 2008. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrices/article/view/38327/41182>> Acesso em: 20 jan 2022.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. **As 95 teses de Martinho Lutero.** Debate para o Esclarecimento do Valor das Indulgências pelo Doutor Martinho Lutero 31 de outubro de 1517. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/95%20Teses%20de%20Lutero.pdf>> Acesso em: 1 nov 2021.

IHU-ON-LINE, Revista Instituto Humanista UNISINOS. **Os 150 anos da abertura do Concílio Vaticano I (1869-2019).** Vale do Rio Sinos, 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/595039-os-150-anos-da-abertura-do-concilio-vaticano-i-1869-2019>> Acesso em: 30 out 2021.

JOÃO, 15. 1-8. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família.** 51ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

JOÃO XXIII, Papa. **Carta Encíclica Pacem in Terris.** Vaticano, 1963. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html> Acesso em: 16 out 2021.

JOSÉ, Silvonei. **A Rádio Vaticano comemora, neste dia 12 de fevereiro, 90 anos.** Vatican News Vaticano, 2021. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2021-02/a-radio-vaticano-comemora-neste-dia-12-de-fevereiro-90-anos.html>> Acesso em 26 out 2021.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico** – 21ª Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LASCOUX, Jean-Louis. **O que é mediação?** Revista Ibero-Americana da Ciência da Informação Associação - RICI Fórum-Mediação, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/2523/2250>> Acesso em: fev 2022.

Lévy, Pierre. A Revolução contemporânea em matéria de comunicação. Trad. Juremir Machado da Silva. Revista FAMECOS • Porto Alegre • nº 9 • dezembro 1998. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Desktop/bkp/Documents/UTP/2022/A_revolucao_contemporanea_em_materia_de_comunicaca%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Desktop/bkp/Documents/UTP/2022/A_revolucao_contemporanea_em_materia_de_comunicaca%20(1).pdf)> Acesso em: 23 abr 2022.

LIMA, Gercina Ângela. **A transmissão do conhecimento através do tempo:** da tradição oral ao hipertexto Rev. Interam. Bibliot. Medellín (Colômbia) Vol. 30 No. 2 julio-diciembre de 2007. ISSN 0120-0976. 2007. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:qel4fgC_nJUJ:www.scielo.org.co/pdf/rib/v30n2/v30n2a13.pdf+%&cd=8&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 26 out 2021.

LUCAS, 6.47-49. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família.** 51ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____, 13.18-19. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família.** 51ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____, 21.29-31. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família.** 51ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____, 15.4-7. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família.** 51ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____, 8.5-8. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família.** 51ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____, 5.37-38. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família.** 51ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LUZURIAGA, Lorenzo. E Educação Pública religiosa. In: **História da Educação Pública.** São Paulo: Nacional, 1959.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana. Raquel; SALGADO, Luciana.(orgs.). **Ethos discursivo.** São Paulo: Contexto, 2008.

MARCOS 4, 1 a 9. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família.** 51ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 1199.

_____, 4.26-29. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família.** 51ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; PALOMANES, Roza. Linguística Cognitiva. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.) **Manual de Linguística.** 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Mediação e mediação da religião em suas articulações teóricas e práticas um levantamento de hipóteses e problemáticas. In: **Mediação e Mediação** (Orgs.)

MATTOS, Maria Ângela. JÚNIOR, Jede Janotti. JACKS, Nilda. Compós Edufba – Salvador-Brasília, 2012.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: **O Processo de Produção do Capital**. São Paulo: Boitempo, [1867] 2013.

MSN notícias. **O app está no terceiro lugar do top do Google Play na categoria de Estilo de Vida**. Disponível em: <<https://www.msn.com/pt-pt/noticias/ciencia-e-tecnologia/papa-cria-perfil-na-app-click-to-pray-e-apela-aos-downloads-n%C3%BAmero-de-utilizadores-dispara-em-60-mil-fi%C3%A9is/ar-BBSyview?fullscreen=true#image=3>> Acesso em: 15 mar de 2019.

MATHEUS, 7.24-27. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família**. 51ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____, 13. 24-30 e 36-43. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família**. 51ª Ed. Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 2012.

_____, 13.47-50. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família**. 51ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____, 13.44; In: **Bíblia Sagrada Edição da Família**. 51ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____, 20.1-16. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família**. 51ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

-----, 13. 10-13. In: **Bíblia Sagrada Edição da Família**. 51ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MATTOS, Maria Ângela. JÚNIOR, Jede Janotti. JACKS, Nilda. **Mediação e Mdiatização** (Orgs.)– Salvador- Brasília: Compós-Edufba, 2012.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Mediação e mdiatização da religião em suas articulações teóricas e práticas**: um levantamento de hipóteses e problemáticas. Org. MATTOS, Maria Ângela. JÚNIOR, Jeder Janotti. JACKS, Nilda., COMPÓS, Salvador: EDUFBA, 2012.

MCQUAIL, Denis. **Teorias da Comunicação de Massa**. Trad. Roberto Cataldo Costa, 6ª Ed. Porto Alegre, Ed. Penso, 2013.

MELLONI, Alberto. **Os sete concílios “papais” medievais**. ALBERIGO, Giuseppe.(Org.) **História dos Concílios Ecumênicos**. Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Ed. Paulus, 1995.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MIRANDA, Mário de França. **Inculturação da Fé – uma abordagem teológica**. São Paulo: Loyola, 2001.

MOREIRA, Maria Izabel. **Um olhar sobre a evolução do conceito de mediação na Ciência da Informação**. Universidade Federal do Pará/Faculdade de Biblioteconomia, Belém, PA. Disponível em: <**Erro! A referência de hiperlink não é válida.**

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. 3.Ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1977.

MORIN, Edgar. FREITAS, Lima. NICOLESCU, Basarad. **Carta da Transversalidade**. I CONGRESSO MUNDIAL DE TRANSDISCIPLINARIDADE – CETRANS- Centro de educação transdisciplinar. Comitê de Redação Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nicolescu.1994- Disponível em: <<http://cetrans.com.br/assets/docs/CARTA-DA-TRANSDISCIPLINARIDADE1.pdf>> Acesso em: 20 jul 2020.

MORO, Celito. **Fé e Cultura: desafios de um diálogo em comunicação**. São Paulo: Paulinas, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. A noção de ethos discursivo. IN: MOTTA, Ana Raquel. SALGADO, Luciana. (org.) **Ethos Discursivo**. 2ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

MUHL, Eldon Henrique; ESQUINSANI, Valdocir Antonio. Diálogo: ressignificação da prática pedagógica no cotidiano escolar. In: MUHL, Eldon Henrique; ESQUINSANI, Valdocir Antonio (org) **O diálogo ressignificando o cotidiano escolar**. Passo Fundo: UPF, 2004.

OLINTO, Heidrun Krieger. SCHOLLHARMER, Karl Erik. **Literatura e cultura- diálogos atuais**. (Coleção Teologia e Ciências Humanas; 14). Org. Heidrun Krieger Olinto e Karl Erik Schøllhammer. – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; 2008.176 p. ISBN: 978-85-87926-31-9. Disponível em: <http://www.dbd.pucRio.br/pergamum/docdigital/ebook_literatura_e_cultura .pdf> Acesso em: 20 jul 2020.

ONU NEWS - **Perspectiva Global Reportagens Humana. Com 5 milhões de mortes pela Covid-19, chefe da ONU pede equidade de vacinas BR**. Nov.2021. Disponível em: <<https://news.un.org/pt/story/2021/11/1768782>> Acesso em: 1 nov 2021.

PAULO II, João, Papa. **Exortação Apostólica – Catechesi Tradendae**. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations.index.html> Acesso em: 25 jul 2020.

_____. **Código de Direito Canônico: Promulgado pela Constituição Apostólica Sacrae Disciplinae Leges**. Vaticano, 1983. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/codigo_de_direito_canonico_1983.pdf> Acesso em: 9 jul 2021.

_____. **Código Canônico no livro III Do múnus de ensinar a Igreja**. Vaticano, 1983, p.137. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese /codex-iuris-canonici_po.pdf>. Acesso: 9 jul 2021.

_____. **AUDIÊNCIA GERAL**. Quarta-feira, 23 de Março de 1983, Vaticano, 1983. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/audiences/1983/documents/ hf_jp-ii_aud_19830323.html> Acesso em: 30 out 2021.

_____. **COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL - FÉ E INCULTURAÇÃO** - Vaticano, 1988. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_1988_fede-inculturazione_po.html> Acesso em: 27 jul 2021.

_____. **Exortação Apostólica CHRISTIFIDELES LAICI**. Roma: 1988. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/ documents /hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.html> Acesso em: 21 jul 2021

_____. **Catecismo da Igreja Católica.** Vaticano, 1992. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/prima-pagina-cic_po.html> Acesso em: 24 set 2021.

_____. **Exortação Apostólica Pastores gregis.** Vaticano: 2003. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations.index.html> Acesso em: 25 jul. 2020.

PAULO II - **Catecismo da Igreja Católica.** Bolonha:,1945, 1947. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/index-terza-parte_po.html> VIDA EM CRISTO> Acesso: mai 2022.

PAULO VI, Papa. **Constituição Conciliar Sacrosanctum concilium sobre a sagrada liturgia.** Roma: 1963. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Constituição Dogmática Lumen gentium.** Roma: 1964. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Decreto Unitatis redintegratio sobre o ecumenismo.** Vaticano, 1964. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Decreto Orientalium ecclesiarum sobre as Igrejas Orientais Católicas.** Vaticano, 1964. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_orientalium-ecclesiarum_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Declaração Gravissimum educationis sobre a educação cristã.** Roma: 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Declaração Nostra aetate sobre a Igreja e as religiões não-cristãs.** Roma, 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Declaração Dignitates humanae sobre a liberdade religiosa.** Roma , 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Constituição Dogmática Pastoral Gaudium et spes,** Vaticano 1965. Disponível: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html> Acesso em: 30 out 2021.

_____. **Constituição Dogmática Dei verbum,** Roma, 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Decreto Ad gentes sobre a atividade missionária da Igreja.** Roma, 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Decreto *Presbyterorum ordinis* sobre o apostolado dos leigos.** Roma, 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Decreto *Optatam totius* sobre a formação sacerdotal.** Vaticano, 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_optatam-totius_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Decreto *Perfectae caritatis* sobre a conveniente renovação da vida religiosa.** Vaticano, 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_perfectae-caritatis_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Decreto *Christus dominus* sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja.** Vaticano, 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651028_christus-dominus_po.html> Acesso em: 21 jul 2021.

_____. **Decreto *Inter mirifica* sobre os meios de comunicação social.** Vaticano, 1966. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html> Acesso em 21 jul 2021.

_____. **Mensagem do Papa Paulo VI para o 1º dia Mundial das Comunicações Sociais 1967- «Os meios de comunicação social.** Vaticano, 1967 Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/messages/communications/documents/hf_p-vi_mes_19670507_i-com-day.html> Acesso em: 30 out 2021.

_____. **Exortação Apostólica *EVANGELII NUNTIANDI* do Papa Paulo VI ao Episcopado, ao Clero aos fiéis de toda a Igreja sobre a evangelização no mundo contemporâneo.** Vaticano, 1975. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html> Acesso em: 30 out 2021.

_____. **Pontifício Conselho das Comunicações Sociais – Igreja e internet.** Vaticano, 2002. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_20020228_church-internet_po.html> Acesso em: 29 mai 2022.

PIO IX, Papa. **Constituição *Pastor aeternus*, sobre a Igreja de Cristo [e a infalibilidade do Romano Pontífice],** Vaticano, 1870. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-07/primado-e-infalibilidade-150-anos-da-proclamacao-dos-dogmas.html>> Acesso em: 1 nov 2021.

_____. **Constituição Dogmática *DEI FILIUS* sobre a Fé Católica.** Vaticano, 1870. Disponível em: <<https://www.veritatis.com.br/constituicao-dogmatica-dei-filius-24-04-1870/>> Acesso em: 30 out 2021.

PORTO, Cristiane de Magalhães. **Um olhar sobre a definição de cultura e de cultura científica.** In: Porto, CM. BROTAS, AMP., and BORTOLIERO, ST., Orgs. Diálogos entre Ciência e divulgação científica: Leituras contemporâneas [online]. Salvador: Ed. EDUFBA, 2011, pp.93- 122. ISBN – 978 – 85-232- 1181-3. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/y7fvr/pdf/porto-9788523211813-06.pdf>> Acesso em: 20 jul 2020.

PUNTEL, Joana Terezinha.; CORAZZA, Helena. **Pastoral da comunicação diálogo entre fé e cultura.** São Paulo: SEPAC/Paulinas, 2007.

_____. **Comunicação: eixo da ação pastoral da Igreja.** Vida Pastora, Ano 55, n.300. São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/pastoral-e-comunicacao/comunicacao-eixo-da-acao-pastoral-da-igreja/>> Acesso em 31 out 2021.

SALMOS 1, 6. In: **Bíblia online.** Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/8/12>>. Acesso em: 27 jun 2018.

SCHOTTROFF, Luise. **As Parábolas de Jesus** : uma nova hermenêutica. São Leopoldo: Ed. Sinodal, 2007, p.115.

SILVA, Armando Malheiro da. **Mediações e mediadores em Ciência da Informação.** Portugal: **Prisma.com**, nº9, 2009. ISSN: 1646–3153
Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2057/3098>>
Acesso em: abr de 2022.

_____, 36,18. In: **Bíblia online.** Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/acf/jo/8/12>> Acesso em: 27 jun 2018.

RODRIGUES, Adriano D. **O paradigma comunicacional: história e teorias.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das massas.** Trad. Herrera Filho. Edição Eletrônica: Ed. Ridendo Castigat Mores (www.jahr.org.) 1947-2002 Disponível em: <<http://www.leb.esalq.usp.br/leb/aulas/lce1302/ortega.pdf>> Acesso em: 22 abr 2022.

SANDMANN, Antônio José. **Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo.** Curitiba: Scientia et Labor: Ícone, 1988.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias.** 4ª Ed. São Paulo: Experimento, 1992

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa – Projetos para Mestrado e Doutorado.** São Paulo: Hacker Editores, 2001

SANOKI, Koichi. **Parábola: um gênero literário.** Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952X. Vol. 7, n. 12, jul/dez, 2013, p. 102-112 Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/17365-Texto%20do%20artigo-43345-1-10-20131127%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/17365-Texto%20do%20artigo-43345-1-10-20131127%20(1).pdf)> Acesso em: jun 2022.

SANTIROCCHI, Ítalo. **Uma questão de revisão de conceitos: romanização – ultramontanismo – reforma.** Revista Temporalidades, Programa de Pós-Graduação em História, vol. 2, nº 2, ISSN:1984-610, 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/38539777/Uma_quest%C3%A3o_de_revis%C3%A3o_de_conceitos_Romaniza%C3%A7%C3%A3o_Ultramontanismo_Reforma> Acesso em: 30 out 2021.

SARDO, Delfim. **O Exercício Experimental da Liberdade: Sobrevivência, Protocolo e Suspensão da Descrença: medium e transcendentais da Arte Contemporânea.** 456 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arte Contemporânea, Colégio das Artes. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2012. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/81952999-Delfim-sardo-o-exercicio-experimental-da-liberdade-sobrevivencia-protocolo-e-suspensao-da-descrenca-medium-e-transcendentais-da-arte-contemporanea.html>> Acesso em: 20 mai 2018.

SBARDELOTTO, Moisés. O “católico” em reconexão: a apropriação sociorreligiosa das redes digitais em novos fluxos de circulação comunicacional. In: FERREIRA, Jairo; Proulx Serge; ROSA, Ana Paula da. **Midiatização e redes digitais: os usos e as apropriações entre a dádiva e os mercados**. Santa Maria: Facos-UFSM, 2016. Disponível em: <<http://unisinis.br/midiatizacao/wp-content/uploads/2016/07/livro-jairo-face.pdf>> Acesso em: 8 mai 2020.

_____. **E o verbo se fez rede** – Religiosidade em reconstrução no ambiente digital. São Paulo: Paulinas, 2017.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Paradigmas, serviços e mediações em Ciência da Informação**. Recife: Néctar, 2011.

SQUEIRA, Fábio da Silveira. **Sínodo: o que é importante saber?** Rio de Janeiro: Vatican News, 2019. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2019-10/sinodo-da-ama-zonia.html>>. Acesso em: 28 jul 2020.

STRAUSS, LEVI C. Raça e História in: **Antropologia Estrutural II**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.

TIMM, Camila. REBELLO, Lúcia Sá. **Prefixos e sufixos gregos e latinos: uma proposta de ensino. UFRGS, 2011**. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/60667/000861827.pdf>> Acesso em: 26 out 2021.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **Antropologia: o homem e a cultura**. Petrópolis: Vozes, 1991.

ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do significado**. Trad. de J. A. Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VERAS, Robson Pedro. **FRAGMENTOS DE CULTURA**. Goiânia. Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas- Pontifícia Universidade Católica de Goiás | Instituto de Filosofia e Teologia | Sociedade Goiana de Cultura | e-ISSN 1983-7828 | Qualis CAPES Preliminar 2019 = B1 - Parábolas e alegorias: uma junção nos cristianismos originários. Goiânia - v. 21, n. 10/12, p. 613-625, out./dez. 2011. Disponível em: <<http://revistas.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/2233>> Acesso em: 20 jul 2020.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004

WEBER, Rodolfo Luís. **CNBB - Igreja Católica Apostólica Romana** – Artigo - **O Papa**. 2018. Disponível em: <<https://www.cnbb.org.br/o-papa/>> Acesso em: 28 jul 2020.

WHITE, Leslie Alvin. **O conceito de cultura**. Trad. Teresa Dias Carneiro – Rio de Janeiro: Contratempo, 2009.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade de Coleridge a Orwell**. Trad. Vera Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ZANON, Darlei. **Igreja e sociedade em rede: impactos para uma cibereclesiologia**. São Paulo: Paulus, 2019.

ZAVAGLIA, Claudia. **Ambigüidade gerada pela homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos**. São Paulo: D.E.L.T.A, v. 19, n. 2, p. 243-246. 2003.

ANEXOS

CONCÍLIOS DO PRIMEIRO MILÊNIO - definição de doutrinas, regras e procedimentos da Igreja em ampliação				
CONCÍLIO/ LOCAL	CONVOCAÇÃO	MOTIVOS/ CONTEXTOS / OBJETIVOS	DECISÕES	MEMBROS PARTICIPANTES
<p>NICÉIA I maio de 325 Palácio (na atual Turquia)</p>	<p>Constantino (Imperador romano)</p>	<p>1º) Questões políticas –Imperador favoreceu o cristianismo; ao contrário do paganismo, a fé ajudaria a transformação do Império Romano. 2º) Resolver a disputa teológica defendida por Ário de que Jesus não era eterno nem 'incriado' como Deus Pai; 3º) Discussões sobre a Trindade – (Pai – Filho – Espírito Santo); Barreira da língua.; orientais (gregos) e ocidentais (latinos) mal conseguiam se comunicar: uso de terminologia teológica e vocabulário técnico.. A questão era: como explicar de forma que todas as línguas entendessem que: Jesus era humano e divino ao mesmo tempo; e que: Jesus era uma única pessoa e não duas. Ex. Em latim a palavra <i>homo-ousios</i> significa: Substância em latim. Essência em grego. (se se acrescentasse um "i" - <i>homo-i-ousios</i> – significava que Jesus tinha essência semelhante à do Pai (mas não era a mesma essência). Objetivo:- afirmar a Trindade de Deus, sem cair num 'triteísmo' (três deuses).</p>	<p>Redação/aprovação da definição da fé, na forma de "símbolo" -20 cânones, incluindo normas relativas às estruturas do governo eclesial; diversas disposições a respeito da condição do clero, mobilidade do clero de uma comunidade a outra, etc.. Proíbe: a coabitação do clero com mulheres e que se ficasse sem batismo. Outro tema: 'disciplina penitencial' - prescritos tratamentos em relação aos fiéis que haviam fraquejado. Prescreve: não negação da comunhão aos moribundos e readmissão dos hereges entre outras prescrições litúrgicas. Elabora: dois cânones que estabeleciam a proibição de bispos, sacerdotes e diáconos de mudar de sua igreja de origem para outra sem pedir permissão. Declara: um bispo deveria ser eleito por todos os bispos da província.</p>	<p>Papa Silvestre I (não compareceu, enviou dois delegados para representá-lo); Presença limitada da Igreja Ocidental (latina)= 318 padres Número maior de participantes da Igreja do Oriente (grega)</p>

<p>CONSTANTINOPLA I</p> <p>Istambul</p> <p>fevereiro/ março de 381</p>	<p>Imperador Teodósio, o Grande</p> <p>Instituiu que o Cristianismo se tornasse a única religião permitida em todo o território romano.</p>	<p>Reconstruir a unidade religiosa entre as duas partes do império e pôr ordem na disciplina eclesiástica.</p>	<p>Organização da Igreja de Constantinopla que estava sem pastor.</p> <p>Proibia bispos de uma diocese civil intervirem em outra.</p> <p>Reafirmou o credo niceno e deixou mais explícita a expressão <i>homo-ousios</i> ao Espírito Santo.</p> <p>Constantinopla I colocou o Espírito Santo no mesmo patamar que Deus Pai e Deus Filho.</p> <p>O símbolo de Constantinopla (=C) é o credo mais conhecido e mais importante de toda a história do Cristianismo, mas o 'C' constitui o maior enigma, pois nenhuma das fontes consultadas aborda o seu significado.</p>	<p>140 Bispos</p> <p>Nectário - sucessor de Gregório Nazianzeno como bispo da capital.</p> <p>Nenhum Bispo Ocidental compareceu; o Papa Dâmaso I não enviou delegado para representá-lo. Não figuram representantes da Ásia, Helesponto e Lídia.</p> <p>A coluna vertebral do Concílio estava ligada ao Centro Eclesiástico de Antioquia.</p>
--	--	--	---	--

<p>ÉFESO junho de 431 (atual Turquia)</p>	<p>Imperador Teodósio II Nestório - Bispo de Constantinopla convocou o concílio, mas afirmava que Jesus era duas pessoas separadas, o que causou muita discussão. Cirilo de Alexandria presidiu o concílio. Porém, iniciou o concílio antes da chegada dos bispos do oriente, favoráveis às ideias de Nestório. Em tal situação, João de Antioquia um dos representantes dos bispos orientais conduziu um concílio rival que condena Cirilo.</p>	<p>Questões cristológicas complexas: -Como se explicaria o fato de Jesus ser uma única pessoa, humano e divino ao mesmo tempo? -Seria Maria mãe apenas do Jesus humano (e nesse caso deveria chamar-se de <i>christotokos</i>) ou seria ela também mãe de Deus (e então seria chamada de <i>theotokos</i>)?</p>	<p>A definição nicena do credo é mantida; As ideias de Cirilo foram aceitas, os bispos reconheceram Maria <i>theotokos</i> (Mãe de Deus) e afirmaram que Jesus era uma só pessoa, mas tinha duas naturezas: uma humana e outra divina. Cirilo in Bellitto (2016) em uma carta afirma: "Nós ensinamos que Jesus sofreu e ressuscitou, e não que o Verbo Divino tenha sido golpeado, perfurado por pregos ou que sua própria natureza tenha sofrido qualquer tipo de ferimento (pois aquilo que é divino, por ser concorpóreo, é incapaz de sofrer); porém, como o corpo onde o Verbo havia se incorporado passou por todo esse sofrimento, dizemos que ele sofreu tudo isso por nós." (2016, p.42) Sisto III (novo Papa) considerou autêntico o concílio liderado por Cirilo. Foi decidido que: os bispos diocesanos não se intrometessem em assuntos das igrejas que não eram de sua jurisdição.</p>	<p>1ª reunião em 431. Nestório (bispo de Constantinopla) Cirilo de Alexandria aproximadamente 40 bispos egípcios; 15 bispos da Palestina liderados por João de Antioquia.</p>
--	--	---	--	--

CALCEDÔNIA
setembro de 451
na Calcedônia
(cidade localizada
na atual Turquia)

Imperador
Marciano

Incerteza e confusão em
relação à fé: busca de uma
solução doutrinária;
Definição sobre a linguagem
a ser empregada e as ideias
que deveriam ser seguidas
em relação à Cristologia.

Foi revisado, reiterado e delineado
que: devia-se professar a crença
no único Filho de Deus- nosso
Senhor Jesus Cristo, cuja
divindade e humanidade são
perfeitas. A determinação dos
padres que compareceram a este
concílio deliberou: "(..) este sínodo
sagrado e universal decreta que
ninguém poderá produzir, ou até
mesmo escrever ou formular
nenhum outro credo, ou pensar e
ensinar de modo diferente do que
foi estabelecido." (BELLITTO,
2016, p.45)
Aconselhava monges e clero a
não se envolver com dinheiro.

Ampla participação de
bispos do Oriente.
Bispos Pascasino, Lucênio e
Juliano de Cós;
dois bispos norte-africanos e
o padre romano Bonifácio.
Papa Leão I (confirma 600
participantes), mas lista oficial
cita 450 participantes.

<p>CONSTANT-INOPLA II Janeiro de 553</p>	<p>Imperador Justiniano</p>	<p>Condenar obras de Teodoro de Mopsuéstia, Teodoreto de Cyr e Ibas de Edessa - chamadas de "três capítulos" que apoiavam as ideias de Nestório e iam contra os ensinamentos de Cirilo e acusadas de favorecer o Monofisismo. Monifisistas: pessoas que questionavam a autoridade e a infalibilidade dos concílios. Afirmavam que: os bispos não passavam de ministros do culto e que os verdadeiros cristãos eram os monges que viviam o ideal de Cristo.</p>	<p>Reafirmou os ensinamentos da Igreja sobre as duas naturezas de Jesus unidas em uma só pessoa; condenou as doutrinas heréticas e publicou 14 anátemas sobre elas; considerou ortodoxos os credos dos Concílios de Nicéia I, de Constantinopla I, de Éfeso e de Calcedônia.</p>	<p>Presidido pelo patriarca Eutíquio; número de participantes =150. Papa Virgílio não compareceu (mesmo estando em Constantinopla). Concílio somente com os orientais (6 a 8 bispos) da África Setentrional.</p>
---	--	--	--	--

<p>CONSTANTINOPLA III Convocação setembro e início novembro de 680</p>	<p>Sala da cúpula (troullos) do Palácio Imperial</p>	<p>Imperador Constantino IV</p>	<p>Questão cristológica ainda não resolvida nos Concílios anteriores: 'Se Jesus era uma pessoa com duas naturezas (uma humana e outra divina), quantas vontades teria? Uma das escolas de pensadores afirmava que Jesus tinha' uma só vontade' (heresia considerada como 'monotelismo')</p>	<p>Condenou o monotelismo, declarando que Jesus era uma só pessoa e tinha duas vontades (uma humana e outra divina) Esse concílio 'proclamou a fé ortodoxa'.</p>	<p>Papa Agatão e Papa Leão II Número de participantes variava entre 43 e 174 pessoas (dependendo das sessões)</p>
---	---	--	---	--	--

<p>NICÉIA II Setembro</p> <p>1º momento na Igreja dos Santos Apóstolos de Constantinopla (786) e 2º momento em Nicéia 871</p>	<p>Irene Imperatriz bizantina</p>	<p>Principal tema abordado: o 'iconoclasmo': fiéis deveriam ou não venerar os ícones que representavam Jesus, Maria e outros santos? Não se sabe precisar quando a 'veneração por ícones' tenha iniciado, mas foram os monofisistas que se opuseram à adoração aos ícones, pois acreditavam que 'uma imagem jamais poderia ser uma representação precisa da divindade de Jesus'.</p>	<p>Aprovação das imagens: o uso de ícones e ensinamento tradicional da Igreja: santos já falecidos, podiam interceder em favor dos cristãos ainda vivos' Explicaram e descreveram como os fiéis deveriam usá-los: "Quanto mais os evangelhos forem representados pelas obras de arte, mais vezes aqueles que os veem reproduzidos se lembrarão e ansiarão por aqueles que serviram de modelo a essas obras, e pagarão a essas imagens o tributo de sua saudação e de sua veneração respeitosa. (...)</p> <p>Na verdade, a homenagem que se faz a uma imagem acaba transcendendo-a (..) e passa a se dirigir diretamente ao modelo que foi retratado, pois aquele que venera a imagem estará venerando a pessoa que é representada pela imagem." (BELITTO, 2016)</p> <p>Declarou-se que uma mulher não poderia viver na residência de um bispo ou em um monastério masculino; Proibiu-se a construção de monastérios duplos; Proibiu-se aos bispos de pedir dinheiro aos seus subordinados. (simonia) Exigia-se que os futuros bispos fossem homens sábios e santos e que deveriam ter conhecimento do "Livro dos Salmos."</p>	<p>Liderado pelo patriarca Tarásio primeiro momento= somente iconoclastas. segundo momento= 350 bispos; Papa Adriano I enviou representantes.</p>
--	--	--	---	---

<p>CONSTANTINOPLA IV De outubro de 869 a fevereiro de 870.</p>	<p>Imperador Basílio I</p>	<p>Esclarecer a constelação político-eclésiástica: dois homens Fócio e Inácio alegavam ser o legítimo patriarca de Constantinopla. Papa Nicolau I havia aprovado os escritos de Fócio e isso foi interpretado como uma 'intromissão indevida' do Ocidente nos assuntos do Oriente; Discutiram a validade ou não da eleição de Fócio como patriarca de Constantinopla; Relações competitivas entre Roma e Constantinopla.</p>	<p>Aprovou-se a deposição de Fócio e ordenada a queima de seus escritos que eram contra o papado; Primeiro concílio a ser considerado ecumênico (somente pela Igreja ocidental). Afirmação do primado romano e o reconhecimento da 'pentarquia' (Roma, Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém) Declarou-se que qualquer clérigo, monge ou irmão que quisesse deixar o seu bispo só poderia fazê-lo após interrogatório minucioso e julgamento.</p>	<p>Papa Nicolau I e Papa Adriano II</p> <p>*não foram encontradas maiores informações sobre os participantes (quem e quantos eram)</p>
---	-----------------------------------	---	--	--

<p>CONCÍLIOS DA IDADE MÉDIA - questões referentes às Cruzadas, à Heresia, aos Judeus, aos Muçulmanos e aos Conclaves papais</p>				
<p>LATRÃO I março de 1123 Terreno da residência papal em Roma</p>	<p>Papa Calisto II</p>	<p>Encerrar crise entre o papado e o Império: para a população analfabeta o imperador dispunha de poder espiritual. 'Concordata de Worms' em 1122, decidiu: que o Imperador abrisse mão do direito de nomear representantes da Igreja e de ostentar os símbolos de seu poder espiritual; Papa permitia que um soberano leigo estivesse presente na eleição de um representante da Igreja. Discutir questões relacionadas à peregrinação e às cruzadas.</p>	<p>Ratificou a 'Concordata de Worms'; promulgou 22 cânones que traçam o retrato disciplinar da Igreja da época. (MELLONI, 1995) Cânion 10: define estado jurídico dos cruzados "que partem de Jerusalém para oferecer eficazmente sua ajuda para defender o povo cristão e debelar a tirania dos fiéis" contra eles. Concedeu não só a remissão dos pecados, mas estabelece também que "suas casas, suas famílias e todos os seus bens sejam colocados sob a proteção do beato Pedro e da Igreja Romana, como fora estabelecido pelo (...) papa Urbano. (...) quem ousar roubar ou apropriar-se dos bens durante o tempo da sua peregrinação será punido com a pena de excomunhão" (COD 191, 21-192,3)</p>	<p>Papa Calisto II</p> <p>*não foram encontradas informações sobre quem nem quantos participaram deste concílio.</p>

<p>LATRÃO II abril de 1139</p> <p>Terreno da residência papal em Roma</p>	<p>Papa Inocência II</p>	<p>Primeiro concílio sem a presença do Imperador. Impor a unidade papal sobre os seus delegados; Identificar e combater os heréticos, descrevendo de forma minuciosa as punições àqueles que se opusessem e desafiassem a Igreja.</p> <p>Renovar o ataque ao concubinato e ao casamento dos clérigos.</p>	<p>Promulgados cânones: 26 e 4 - "Determinamos que tanto os Bispos como os clérigos procurem agradar a Deus e aos homens, dispondo para isso a mente e os hábitos do comportamento externo. Não ofendam - pela abundância, pelo corte ou pela cor das vestes, nem pela tonsura - aqueles que os veem, para os quais deveriam ser modelo e exemplo; emanem em torno de si o odor da santidade de seu estado. Se, após admoestados por seus bispos, não se corrigirem, sejam provados dos benefícios eclesiásticos".</p> <p>Cânion 23: quer punir como hereges os defensores e aqueles que "sob a falsa religiosidade, condenam o sacramento do corpo e do sangue do Senhor".</p> <p>Reconhecimento do direito canônico como ciência. Monge Graciano completa a coleção para uso da escola de Bolonha (<i>Concordantia discordantium canonum ou Decretum</i>), torna-se o texto-base do direito canônico com <i>status</i> universitário. (MELONI, 1995)</p> <p>Intensificou-se a questão dos leigos não assistirem a missas realizadas por padres que viviam com mulheres, pois, em algumas situações, o casal tinha filhos e, quando o pai morresse, os filhos herdavam as paróquias, como se fosse um 'negócio familiar'.</p> <p>Determinou que os sacerdotes deveriam agir com santidade e evitar excessos em suas vestimentas</p>	<p>"Segundo as crônicas, participa deste concílio uma multidão, de pelo menos uma centena de bispos." (MELONI 1995).</p>
---	-------------------------------------	---	---	--

<p>LATRÃO III março de 1179</p> <p>Terreno da residência papal em Roma</p>	<p>Papa Alexandre III</p>	<p>Reafirmar a unidade papal.</p>	<p>Promulgou um número maior de leis e empreendeu ações inovadoras: afirmou a unidade papal; reserva as eleições papais exclusivamente aos cardeais; continuou o combate aos heréticos especificamente aos "cátaros" que rejeitavam a maioria dos sacramentos e dos sistemas de valor da Igreja Católica; proibiu que se rezasse uma missa fúnebre e um enterro cristão a um cátaro; nenhum judeu ou muçulmano poderia ter um cristão como serviçal. (BELITTO, 2016) Aos leigos proibiu de praticar a usura para a qual decretaram uma punição rigorosa: não poderiam comungar nem poderiam ter um enterro cristão.</p>	<p>300 membros participantes: 51 são romanos, 73 da Itália Meridional e 39 da Setentrional; 16 da Alemanha; 25 da Borgonha; 35 da França; 17 da Península Ibérica; 7 da Hungria e Dalmácia; 7 da Grã-Bretanha; 6 da Irlanda; 8 do Oriente latino; compareceram também padres da Polônia, Boêmia e Escócia. (MELONI, 1995)</p>
---	----------------------------------	---------------------------------------	---	---

<p>LATRÃO IV novembro de 1215</p> <p>Terreno da residência papal em Roma</p>	<p>Papa Inocêncio III</p>	<p>Elaborar uma legislação contra os heréticos; tematizar o problema da comunhão com a Igreja grega</p>	<p>Exigência que todos os pregadores portassem 'uma licença' que os colocava sob a autoridade do bispo local. Convocou uma nova cruzada, rumo à Terra Santa. (BELLITTO, 2016) "Para transportar os cruzados para a Terra Santa, a Igreja perdoaria os pecados daqueles que se dispusessem a construir navios ou a pagar pela sua fabricação Proibiu os judeus de ocupar cargos públicos e os obrigou a ficar confinados em casa no 'Domingo de Ramos'. Outros temas: a Eucaristia e a venda de indulgências. Determinou que os trajes exteriores dos clérigos deveriam ser fechados; suas roupas não deveriam ser vermelhas nem verdes; os sapatos não deveriam ser bordados e os demais elementos da vestimenta não deveriam apresentar adornos.</p>	<p>Mais de 400 bispos e arcebispos vindos da Europa Ocidental compareceram com questões que o Papa Inocêncio III havia ordenado que preparassem. Juntaram-se a ele mais de 800 abades. Pela primeira vez o papa permitiu que os superiores das ordens religiosas e os capítulos das catedrais participassem do concílio. (BELLOTTO, 2006) Nenhum representante da Igreja grega compareceu.</p>
--	----------------------------------	---	---	---

<p>LYON I junho de 1245</p>	<p>Papa Inocêncio IV</p>	<p>Papa enuncia 5 problemas que, como as cinco chagas de Cristo, afligiam a Igreja (MELLONI, 1995) 1º decadência da fé e dos costumes; 2º a não-recuperação das Terras Santas; 3º o cisma oriental; 4º o perigo dos tártaros; 5º as diferenças com o Imperador Frederico II: que causava desassossego ao papado na tentativa de conquistar territórios papais e controlar a Igreja. O Imperador prometia o acesso facilitado e seguro aos peregrinos enviados às cruzadas.</p>	<p>Concílio com viés político. Deposição do Imperador Frederico. Definições sobre as cruzadas: Papa declarou que ricos deveriam doar mais dinheiro à Igreja e diminuir os generosos banquetes por eles oferecidos; Não foi promulgado nenhum cânone.</p>	<p>Participaram 144 bispos</p>
--	---------------------------------	--	--	--------------------------------

<p>LYON II maio de 1274 Lyon França</p>	<p>Papa Gregório X</p>	<p>Debruçar sobre questões referentes à unificação-primazia papal e da doutrina representada pela palavra latina <i>filioque</i>. (parte da afirmação doutrinária de que o Espírito Santo é proveniente do Pai e do Filho. Orientais questionavam o modo como a palavra <i>filioque</i> fora introduzida no credo após Constantinopla I.</p>	<p>Instituídos oficialmente os conclaves papais na Igreja "Eles (os cardeais) deveriam estar completamente reclusos e ser trancados "com chave", ou seja, <i>cum clave</i>, o que acabou dando origem à palavra conclave." (MELONI 1995) Cardeais se reuniam na cidade em que o último papa tivesse morrido, passados 10 dias de sua morte. (Atualmente os conclaves devem acontecer em Roma entre 15 e 20 dias após a morte do papa)</p>	<p>Papa Gregório X</p> <p>*Não foram encontradas, informações sobre quem e quantos participaram.</p>
--	-------------------------------	--	---	---

<p>VIENNE outubro de 1311 Vienne, França</p>	<p>Papa Clemente V</p>	<p>O rei francês Filipe IV (o Belo) intimidou o Papa Clemente V, pois queria a extinção da 'Ordem dos Cavaleiros do Templo' (templários - monges-cavaleiros que se dedicavam à proteção da Terra Santa e dos peregrinos). Objetivos estritamente ligados à política; Abordar questões referentes à heresia; Discutir a melhoria do ensino do idioma com o objetivo de evangelizar os não-cristãos.</p>	<p>Papa dissolveu a ordem e alguns cavaleiros foram queimados na fogueira. Papa Clemente V não entregou o dinheiro dos templários ao rei Filipe IV, mas o doou a outras ordens. Para a heresia designou especificamente aos bispos a tarefa de descobrir e combater os heréticos em suas respectivas dioceses. Para a evangelização dos não-cristãos, o Papa ordenou que eruditos fossem estudar e aprender os idiomas (hebraico, árabe e caldeu) para traduzirem para o latim as obras escritas em tais idiomas. Bellitto (2016): "este concílio dedicou um longo cânone aos monges, exigindo modéstia em suas vestimentas e em seu estilo de vida (..) os monges deveriam confessar seus pecados e comungar pelo menos uma vez por mês. (..) que um dos monges explicasse na língua local todos os aspectos dos regulamentos da ordem aos outros monges."</p>	<p>O Papa Clemente V convocou apenas alguns bispos e o rei Filipe conferiu a lista de nomes que deveriam participar do concílio</p>
---	-----------------------------------	--	---	---

CONCILIOS DA EPOCA DA REFORMA

<p>CONSTANÇA novembro 1414 Catedral de Constança- Alemanha</p>	<p>Papa João XXII convocou o concílio a pedido de Sigismundo da Hungria, eleito rei alemão em 1411. Papa João XXII fugiu, foi deposto e a sessão III do concílio foi presidida pelo cardeal Jordão Corsini. O cardeal de Florença, Zabarella, leu o texto. Eleito um novo papa adotou o nome de Martinho V</p>	<p>No 'Grande Cisma Ocidental' (1378-1417): período de 40 anos, da Igreja ocidental- 3 papas tiveram, simultaneamente, a pretensão de ser o sucessor de Pedro e legítimo bispo de Roma; em 1378, um grupo de cardeais decide nomear um novo Papa fora do conclave, Urbano VI (Papa romano). Com o passar do tempo os cardeais declaram a eleição dele inválida e organizaram uma nova eleição no final de 1378, escolhendo Clemente VII (romano) e o sucessor Bento XIII (avinhense)" Porém, estes se desentenderam e, cada um nomeou o seu próprio colégio de cardeais. Com isso passam a coexistir dois pontificados rivais</p> <p>Conciliarismo: "Embora a Igreja tivesse um líder na pessoa do papa, considerado o 'vigário de Cristo', todas as diferentes versões do conciliarismo ("constitucionalistas" ou "democráticos") compartilhavam a ideia de que, todos que fossem afetados por determinada lei ou por determinada ação tinham o direito de dar a sua opinião sobre elas, pessoalmente ou por seus representantes".</p> <p>Diante do descontentamento da ruptura entre Roma e Avignon, os cardeais reuniram-se para convocar o Concílio Pisa (1409) em que discutiram sobre a resolução conciliar e nomearam um novo papa Alexandre V O papa "conciliar" ou "pisano", diante do "cisma" contava com o terceiro papa. O Concílio de Pisa não faz parte dos 21 concílios da Igreja, pois não fora convocado pelo Papa. O Concílio de Constança fora convocado por João XII, um dos Papas rivais, por isso essa assembléia foi considerada legítima. Os três objetivos deste concílio foram: -unificar a Igreja sob o comando de um único papa; - reformar a Igreja e, -combater a heresia.</p>	<p>Acabou com o Grande Cisma ocidental.</p> <p>O papel dos concílios fora fortalecido.</p> <p><i>Decreto Frequens:</i> determinava que um concílio geral deveria se reunir cinco anos depois do final do Concílio de Constança. Em seguida, um outro concílio deveria se reunir cinco anos depois e, a partir de então, os concílios deveriam ser permanentemente reunidos de dez em dez anos;</p> <p>O papa deveria prometer e aprovar os concílios gerais.</p>	<p>Compareceram importantes personagens contemporâneos, pertencentes à política e à Igreja: 23 cardeais, 6 delegados representando as cinco "nações"</p>
---	---	---	--	--

<p>BASILÉIA-FERRARA-FLORENÇA-ROMA Início: julho de 1431 Término: abril de 1449</p> <p>Basiléia: 1431; Ferrara e Florença: 1439 Roma: 1443</p>	<p>Papa Eugênio IV</p>	<p>Disputa entre Papa e Concílio. .Discordâncias entre os cardeais este o concílio mais longo da Igreja (45 sessões) Em 1436 os delegados ainda discutiam os princípios conciliares. O próximo tópico foi a 'reconciliação entre as Igrejas oriental e ocidental'. o Papa Eugênio IV e os delegados preferiu transferir o concílio de Basiléia para Ferrara e, em seguida para Florença em 1439, onde os ocidentais acabariam se reunindo com os gregos. O Concílio de Basiléia não se dissolveu por completo, Em Florença muitas questões teológicas e litúrgicas foram discutidas, dentre elas: procedia o Espírito Santo do Pai e do Filho (<i>filioque</i>), conforme os ocidentais, ou apenas do Pai como os orientais acreditavam? Com as decisões tomadas e a união entre a Igreja do ocidente e oriente, em 1443 o Papa Eugênio IV transfere o concílio para Roma e a última sessão aconteceu em 1445, (esse final não fora oficializado). Os delegados que permaneceram em Basiléia passaram a expressar e a colocar em prática os princípios conciliares e, em 1439 "depuseram" Eugênio IV e elegeram um novo papa Felix V, mas Eugênio IV ordenou que Felix V abandonasse o papado e por fim foi eleito o papa Nicolau V. Este concílio se reuniu com a intenção precisa de não tolerar a dissolução ou transferência sem o consentimento do próprio concílio.</p>	<p>Reafirmação da validade do decreto <i>Frequens</i> O maior impasse: os gregos não concordavam em utilizar a palavra <i>filioque</i> no credo, pois nos Concílios de Éfeso e Calcedônia ficara proibida a inclusão de novas expressões, e esta havia sido incluída numa das traduções para o latim. Então acordaram que: o Espírito Santo provinha tanto do Pai quanto do Filho e que todos ocidentais e orientais expressavam o mesmo significado por meio de palavras diferentes. As ideias de 'reforma da Igreja' ficaram em segundo plano, priorizada a disputa de poder entre o papa e o concílio.</p>	<p>O número de delegados participantes não foi encontrado, pois este concílio contou com sessões em diferentes lugares.</p>
--	-------------------------------	--	---	---

<p>LATRÃO V maio de 1512 Basílica de Latrão Roma</p>	<p>Papa Júlio II Papa Leão X (sucessor)</p>	<p>Resguardar as decisões evocando os quatro primeiros concílios de Latrão. Objetivo: combater um documento intitulado 'Sanção Pragmática de Bourges' que apoiava os princípios conciliares e restringia o poder do papa para nomear bispos.</p> <p>Após a morte de Júlio II foi eleito o Papa Leão X.</p>	<p>Concílio dominado pelo Papa. Os documentos foram publicados como 'bulas papais'; condenação do documento da 'Sanção Pragmática'.</p> <p><i>Pastor aeternus</i> - declaração de Leão X enfatizando que concílios só poderiam se reunir e agir sob a aprovação papal.</p> <p>Não foram instituídas reformas significativas para a Igreja que carecia de renovação.</p>	<p>431 padres</p>
---	---	--	---	-------------------

<p>TRENTO (nordeste da Itália)</p> <p>3 fases (pauta extensa)</p> <p>1ª fase: 1545-1547 Papa Paulo II (Trento e Bolonha)</p> <p>2ª fase: 1551-1552 Papa Júlio III (Trento)</p> <p>3ª fase: 1562-1563 Papa Pio IV (Trento)</p>	<p>Problema: ampla variedade de ideias protestantes vindas de diferentes países em relação às maneiras de abordar os problemas que a Igreja Romana enfrentava.</p> <p>Contexto: A maioria dos protestantes não acreditava que apenas uma reforma nas doutrinas da Igreja seria suficiente para recuperar a autonomia que esta tinha diante dos cristãos. Para os protestantes o objetivo era fazer com que os cristãos rejeitassem as doutrinas, os rituais e a hierarquia da Igreja Romana. Principais nomes desse período:- João Calvino e Martinho Lutero. Para Calvino, as primeiras comunidades cristãs descritas nos Atos dos Apóstolos deveriam ser resgatadas: assim se eliminaria o papado, o colégio de cardeais e a cúria. Para Lutero era preciso repensar o que era a Igreja cristã; algumas questões foram elucidadas com a publicação das '95 Teses' de Lutero. Bellitto (2016): "Quais eram as fontes de autoridade: as escrituras, a tradição ou ambas? E o que era a tradição: as obras dos padres da Igreja, os concílios gerais, os decretos papais ou todas essas alternativas? Quantos sacramentos havia? qual era o significado de cada um deles e para que fim eles se destinavam? Quem é que decidia sobre essas questões e em quais argumentos essas decisões deveriam se basear? Como a Igreja deveria ser administrada e como ela deveria celebrar as suas crenças liturgicamente?"</p>	<p>1ª fase: delegados resgataram decisões em relação ao credo, instituídas pelos Concílios de Nicéia I e Constantinopla e enfatizaram: os ensinamentos baseavam-se nas escrituras e na tradição (padres e Igreja). Recorreram à Bíblia em latim <i>Vulgata</i> e determinou-se uma nova versão para a Bíblia em latim e que essa nova versão da Bíblia deveria ser interpretada com a autoridade final da Igreja, ou seja: o cristão não deveria interpretá-la individualmente.</p> <p>2ª fase: reiterou-se a jurisdição e a dignidade do sacerdote; o direito de voto apenas aos bispos, superiores das ordens religiosas e representantes dos mosteiros. Reafirmou-se o papel da liderança dos bispos, com poder de implementar as reformas referentes ao clero e aos leigos. Os bispos deveriam verificar em suas dioceses como o clero estava ensinando e pregando e como os fiéis estavam recebendo e colocando em prática tais ensinamentos. Também deviam verificar como as paróquias estavam ministrando os sacramentos.</p> <p>3ª fase:- enfatizou-se que o pecado original de Adão marcara a cada alma e que cada alma tinha de ser purificada pelo batismo. Nomeou-se e definiram-se os 7 sacramentos da Igreja Católica: Batismo, Crisma, Eucaristia, Penitência, Extrema-unção, Ordenação Matrimônio) Quanto ao significado da eucaristia deliberou-que devia ser usado o termo "transubstanciação"= corpo e sangue de Jesus nela presentes. Na liturgia preservaram a missa, que deveria ser explicada para a congregação. Bellitto (2016) reitera: "O Concílio de Trento determinou que os bispos deveriam supervisionar a tradução dos rituais latinos referentes aos sacramentos para as línguas locais e se certificar se os sacerdotes e bispos explicavam o seu significado em conformidade com as definições elaboradas pelo concílio."</p>	<p>Primeiras sessões 4 cardeais, 4 arcebispos, 21 bispos e 5 gerais da ordem;</p> <p>Sessões mais freqüentadas: 1562-1563 - 9 cardeais, 39 patriarcas e arcebispos, 236 bispos, 17 abades ou gerais de ordens. (Totalizaram 70 membros). (ALBERINO, 1995).</p>
---	---	---	--

<p>(Cont.)</p> <p>TRENTO, em Trento (nordeste da Itália)</p> <p>3 fases (pauta extensa)</p> <p>1ª fase: 1545</p> <p>2ª fase: 1551</p> <p>3ª fase: 1562</p>	<p>1545-1547 Papa Paulo III (Trento e Bolonha)</p> <p>1551-1552 Papa Júlio III (Trento)</p> <p>1562-1563 Papa Pio IV (Trento)</p>	<p>Tópicos tratados nas três fases do concílio:</p> <p>1ª fase- a autoridade das escrituras e da tradição; protestantes acreditavam que poderiam interpretar as escrituras sem a ajuda de ninguém; já os católicos diziam que os cristãos não podiam interpretar individualmente as escrituras do modo como bem entendessem, mas que a Igreja deveria supervisionar a interpretação das escrituras</p> <p>2ª fase- a autoridade doutrinária dos bispos enquanto membros da hierarquia da Igreja.</p> <p>3ª fase- discutir a doutrina, a questão do pecado original, conceito de justificação, os sacramentos e as reformas.</p>	<p>Quanto à Reforma, definiram-se: a pregação, a residência dos bispos e o regime dos benefícios. Bispos orientados a realizarem 'sinodos diocesanos' anualmente;</p> <p>Fundação de seminários para a formação de sacerdotes;</p> <p>Aboliu-se o cargo e a terminologia de "coletor de almas"; manteve-se crença na comunhão e na intercessão dos santos, a veneração de relíquias e imagens.</p> <p>Endossou-se o aumento do emprego das línguas locais na catequese.</p> <p>Curiosidades sobre o Concílio: uma expressão muito utilizada nos documentos foi <i>anathema sit</i> ("que seja anatemizado"); significava que qualquer pessoa que tivesse uma opinião contrária aos ensinamentos católicos deveria ser excomungada.</p> <p>Somente depois de 306 anos do término deste concílio (Trento) é que foi convocado o Concílio Vaticano I, o primeiro dos tempos modernos.</p>
--	--	---	--

CONCÍLIOS DA IDADE MODERNA				
<p>CONCÍLIO VATICANO I (nave direita da Basílica de São Pedro I)</p>	<p>Papa Pio IX</p>	<p>Após três séculos, o mundo se expandira: (revolução Científica, Iluminismo, as revoluções americana e francesa, ideias de movimentos como o secularismo, o racionalismo, o nacionalismo, o individualismo e o liberalismo; Invenção do telégrafo aumentou o poder da imprensa que cobrava maior abertura nas informações da Igreja, por parte do Vaticano)</p> <p>Na convocação do Concílio Vaticano I, dois fatores inéditos: a imprensa internacional e os telégrafos e o concílio se reunir na Basílica de São Pedro.</p> <p>Antes da chegada dos delegados elaborou-se o documento <i>Dei Filius</i> (Filho de Deus) que abordava questões referentes ao conhecimento e racionalidade modernos.</p> <p>Objetivo: Enfrentar repercussões políticas e sociais e assegurar que a infalibilidade papal fosse definida nesta assembléia.</p>	<p>Após votação foi feita a declaração <i>Pastor aeternus</i> que designava que o poder do papa era absoluto e emanava de Deus, conforme definido no Concílio de Basileia-Ferrara-Florença-França e, quanto à infalibilidade papal tem-se a mudança da expressão de "infalibilidade do pontífice romano" para "infalibilidade da autoridade doutrinária do pontífice romano". O debate sobre a infalibilidade papal acabou obscurecendo o verdadeiro significado da relação entre a infalibilidade papal, a colegialidade dos bispos e a autoridade doutrinária da Igreja.</p> <p>Enfim, o Concílio Vaticano não conseguiu resolver a questão da relação entre o papa e os bispos.</p>	<p>Participantes - 744 bispos (pouco mais de 100 eram titulares) sobre um total de 1000. (ALBERIGO, 1995)</p>

<p>CONCÍLIO VATICANO II, na Basílica de São Pedro-Roma Papa João XXIII – Primeiros meses de 1963. Após o falecimento de João XXIII é nomeado o Papa Paulo VI</p>	<p>A Guerra Fria ameaçava o mundo o presidente Kennedy tinha informações sobre mísseis soviéticos. O avanço das tecnologias (microfones, alto-falantes, gravadores, câmeras, telefone); a imprensa de massa: presença de centenas de repórteres de todo o mundo. Não mais o registro escrito: o povo poderia ver/ouvir o concílio pela televisão. Na preparação, Roma enviou convite a bispos de todo o mundo para sugerirem questões a serem discutidas. Opiniões emitidas pelos bispos eram de ordem prática e pastoral, por ex.: a renovação da liturgia, sua adaptação às línguas locais para participação mais ativa dos leigos. Pediam também que a Igreja se adaptasse aos tempos modernos. No discurso de abertura o Papa João XXIII reforçou a ideia de que o evento deveria 'colocar a Igreja no século XX.' 1ª tarefa: escolher os bispos que participariam das sessões e, como de praxe, a lista de bispos sugerida era dos bispos da Cúria; porém em virtude da presença de bispos de todas as partes do mundo, tornaram possível que outros candidatos pudessem concorrer à referida eleição. Elaborados 16 documentos; a diferença destes em relação aos documentos anteriores era de que tais documentos soavam como declarações de intenções com questões e perspectivas de ordem geral. Regra principal dos documentos: mudança e inovação. Renovação das tradições da Igreja (mais aberta às inovações)</p>	<p>Um <i>aggiornamento</i> (atualização) sem precedentes. Bellitto, (2016): este concílio "determinou que a Igreja promovesse um <i>aggiornamento</i> em duas esferas principais: a institucional (relativa à estrutura da Igreja) e a individual (relativa a cada um dos cristãos)".</p> <p>Gaudium et spes – referente à relação da Igreja com o mundo moderno Lumen gentium – trata da natureza e da missão da Igreja Apostolicam actuositatem-discute o papel dos leigos na Igreja Gravissimim educationis– necessidade de adoção de novos métodos de ensino e aprendizado Sacrosanctum concilium – fazer uma adaptação dos atos litúrgicos passíveis de modificação Dei verbum – lembrar os católicos de confiar tanto nas sagradas escrituras quanto na tradição Christus dominus – determinava que a cúria fosse reorganizada para maior representação internacional e número maior de bispos com experiência pastoral (valorizar saber local) Presbyterorum ordinis-deveres dos sacerdotes: trocar opiniões com os leigos, respeitar opiniões e experiências Optatam totius– elaborar um novo programa de formação sacerdotal enfatizando peculiaridades e adaptações regionais. Perfectae caritatis– renovação das ordens religiosas (encorajava reação das ordens masculinas e femininas) Orientalium ecclesiarum – tratava respeitosamente das igrejas católicas orientais. Unitatis redintegratio – estabelecia um vínculo entre a renovação individual, o <i>aggiornamento</i> da igreja e o ecumenismo. Nostra aetate– diferente do que fizera antes, a igreja se referia com respeito às outras fés. Inter mirifica – encarava novas tecnologias com otimismo e entusiasmo ao invés de temê-las e ter-lhes aversão; como novos meios para a difusão da fé. Orientalium ecclesiarum-tratava respeitosamente as igrejas católicas orientais Unitatis redintegratio – estabelecia um vínculo entre a renovação individual, o <i>aggiornamento</i> da igreja e o ecumenismo. Nostra aetate–a igreja se referia às outras fés, muito diferente do que fizera antes. Inter mirifica – encarava as novas tecnologias com otimismo e entusiasmo ao invés de temê-las e ter-lhes aversão; as considerava novos instrumentos para a difusão da fé. Ad gentes- enfatizava a singularidade dos desafios da propagação da fé nas mais variadas circunstâncias e recomendava que as suas abordagens fossem flexíveis e diversificadas. Dignitatem humanae– a liberdade religiosa considerada um direito humano e civil.</p>	<p>Participantes - 104 bispos europeus; 956, americanos; 379, africanos; 300, asiáticos, 379, italianos. (ALBERIGO, 1995) Participação de bispos curiais e bispos diocesanos Participação de 2.500 bispos. Presença de 31 representantes ortodoxos, anglicanos e protestantes, que não podiam fazer uso da palavra nem votar.</p> <p>João XXIII classificou o Concílio como "pastoral"</p>
---	--	--	--

